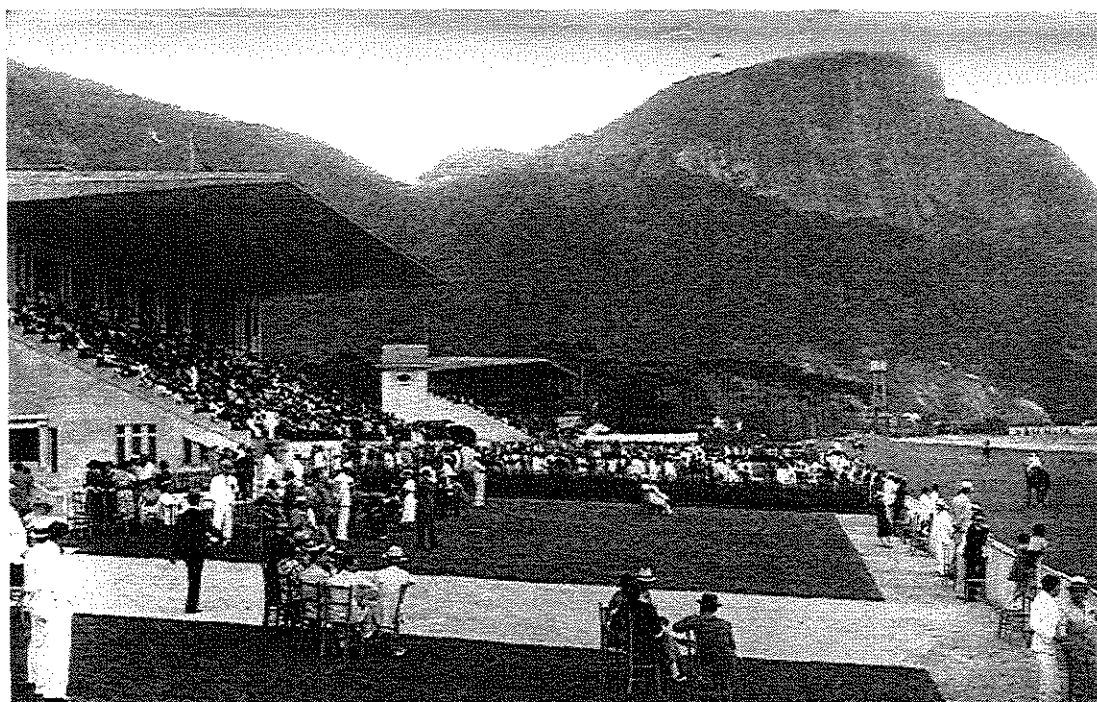


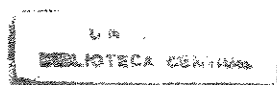
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**O ESPORTE NA CIDADE: ASPECTOS DO ESFORÇO CIVILIZADOR
BRASILEIRO**



Campinas
2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE



RICARDO DE FIGUEIREDO LUCENA

**O ESPORTE NA CIDADE: ASPECTOS DO ESFORÇO CIVILIZADOR
BRASILEIRO**

Tese de doutorado apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual de Campinas
– UNICAMP.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Gebara.

**Campinas
2000**

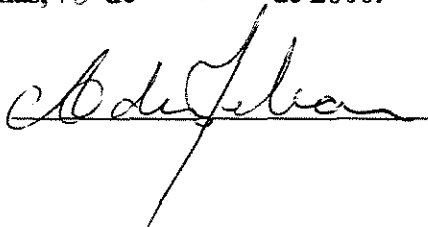
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

**O ESPORTE NA CIDADE: ASPECTOS DO ESFORÇO CIVILIZADOR
BRASILEIRO**

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por RICARDO DE FIGUEIREDO LUCENA e aprovada pela Comissão Julgadora em 02 de março de 2000.

Data: Campinas, 10 de abril de 2000.

Assinatura:

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Ricardo de Figueiredo Lucena', is written over a horizontal line. A long, thin diagonal stroke extends from the bottom of the signature towards the right side of the page.

UNIDADE	BC
CHAMADA	T/UNICAMP
	L963e
COMB. B1	41200
PROG.	278/00
	☐ ☒
RECIBO	R\$ 11,00
DATA	29-06-00
* CPD	

CM-00142826-6

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF UNICAMP

L963e	Lucena, Ricardo de Figueiredo
	O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro / Ricardo de Figueiredo Lucena. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.
	Orientador: Ademir Gebara
	Tese (doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.
I. Esporte. 2. Rio de Janeiro(Cidade)-História. 3. Turfe. I. Gebara, Ademir. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.	

AGRADECIMENTO

Muito aprendi e apreendi nesses tempos de busca. Muitos me auxiliaram nesse percurso e me fizeram ver que é na travessia, talvez mais do que na saída ou na chegada, que nos deparamos com o trabalho que dá gosto. Sei que cometerei algumas injustiças, mas quero aqui deixar meus agradecimentos:

Ao Prof. Dr. Ademir Gebara, orientador e amigo, que, com paciência, reuniu o time e deixou que o jogo acontecesse;

Ao Prof. Dr. Edgar S. de Decca, que tanto auxiliou e esclareceu nos cursos e nas conversas e se tornou um novo amigo;

Aos colegas do grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física da FEF/UNICAMP, pelas leituras e discussões que realizamos juntos e que permitiram que eu buscasse mais.

Aos colegas Edilson, Fernando, Lídia, Cristiane, Eliane, Kleber, Edmundo e Cristina com quem, juntos, por mais de um ano, formamos o grupo de estudos da obra de Norbert Elias e de cujas discussões pude elaborar muito do que aqui é encontrado.

Aos meus pais, Iveraldo e Iracema, com quem aprendi o valor do amor.

A Alina, que fez a revisão do texto com tanto carinho e gosto.

Àqueles que fazem o arquivo *Edgard Leuenroth*/IFCH/UNICAMP, pela atenção e o muito que auxiliaram na pesquisa.

A CAPES que, via PICD, possibilitou minha permanência em Campinas/SP, apesar da visão de minimizar gastos com pesquisa e educação, como política de governo.

RESUMO

O que significou a “introdução” da prática dos esportes para as pessoas que viviam nas cidades brasileiras do final do século XIX e início do século XX e, em particular, em cidades como o Rio de Janeiro? Eis a questão que abre este estudo e norteia as reflexões feitas ao longo dos quatro capítulos de que é composto. A idéia é pensar o esporte como um dos elementos fundantes de inúmeras configurações que tornam possível perceber, revelar e também detectar a soma de esforços de controles numa sociedade que se diversifica à medida que cresce a rede de interdependência. Nesse propósito, elegemos a cidade do Rio de Janeiro, sede da corte ao longo do período Imperial e, posteriormente, capital da República que se instalava. Local de grande concentração populacional e reelaboração dos costumes e palco das primeiras ações voltadas para o esporte, onde destacamos o turfe, o remo e o futebol. Procuramos mostrar que, ao lado de uma certa diversidade proporcionada por grandes mudanças na estrutura político, social e cultural do País, com o fim do trabalho escravo, a imigração européia, a introdução da moda e o gosto pela vida na cidade, define-se o sentido de um crescente processo de individualização que se manifesta também em ações que marcam uma forma distinta de relacionamento e comportamento. Para tanto, apoiamo-nos em conceitos propostos por Norbert Elias, na teoria do processo civilizador e na análise de Gilberto Freyre sobre a sociedade brasileira do segundo quartel do século XIX, às primeiras décadas do século XX.

UNITERMOS: - História da cidade - História do Esporte - Literatura e esporte - Turfe - Remo - Futebol.

SUMMARY

What did the introduction of the practice of sports represent to the people who lived in Brazilian cities at the end of the XIX century and the beginning of the XX century, particularly in such cities as Rio de Janeiro? This is the issue that opens this study and directs the thoughts that are pursued throughout its four chapters. The main idea consists of thinking of sport as one of basic elements of a number of configurations that make it possible to perceive, reveal as well as identify the sum of attempts of control a society resorts to as its network of interdependence develops. The court was established in Rio de Janeiro during the Empire, and it was also the capital of the young Republic in late 1889. These are some of the reasons for the selection of this city for the present study. One could also point out its great population concentration, the great changes that took place in the customs, as well as the fact that the first actions encouraging sports happened there. Turf, rowing and football were among the first major sports contemplated. We also try to show that side by side with the changes that took place in the social, political and cultural structure of the country as slavery was abolished, European immigration increased, fashion was introduced, and a new preference for city life was born, there was a growing process of individualization which was also clear in the actions that indicate a different way of relating and behaving. Norbert Elias' theory of a civilizing process and Gilberto Freyre's analysis of the Brazilian society from the second quarter of the XIX century to the first decades of the XX century are the major concepts upon which this study is based.

KEYWORDS: History of the city – History of sport – Literature and sport – Turf – Rowing – Football

SUMÁRIO

UMA INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	16
1 RIO DE JANEIRO: a cidade e o refinamento das ações do brasileiro.....	16
CAPÍTULO II.....	34
2 DO JOGO À ESPORTIVIZAÇÃO DOS PASSATEMPOS: o esporte no esforço civilizador brasileiro.....	34
2.1 Jogo e esporte: cara e coroa.....	42
2.2 Pôr que o esporte.....	47
CAPÍTULO III.....	58
3 DA REPÚBLICA, DO PASSATEMPO, DO ESPORTE.....	58
3.1 De individualização e participação.....	70
3.2 Um esporte para a literatura.....	75
3.3 A busca da identidade.....	87
CAPÍTULO IV.....	96
4 DO TURFE, DO REMO E DO FUTEBOL: para uma sociogênese do esporte no Brasil...	96
CAPÍTULO V.....	126
5 CONCLUSÃO.....	126
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	135

UMA INTRODUÇÃO

Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo mundo...
Eu quase que nada não sei. Mas desconfio
de muitas coisas.

Guimarães Rosa

Eu sou um nego moderno,
Foi não foi, estou pensando.
Zé Limeira

O que significou a “introdução” da prática dos esportes para as pessoas que viviam nas cidades brasileiras do início do século XX e, em particular, em cidades como o Rio de Janeiro? Talvez, a partir de questão ainda tão genérica, possamos ir delimitando melhor um estudo que pretende dar ao esporte um lugar possível para o entendimento das relações sociais que se estabeleceram em algumas cidades brasileiras a partir de um dado instante em que as condições físicas, políticas e culturais tomaram um rumo específico, com uma concentração populacional cada vez maior, decorrendo de uma crescente inter-relação entre as pessoas e uma conseqüente diferenciação de funções.¹ Por aí caminha este estudo.

Em abril de 1906, o jornal A Gazeta de Notícias contava assim o nascimento do futebol no Rio de Janeiro:

Em 1901, o sr. Oscar Cox organizou um team, para jogar em São Paulo contra os jogadores daquela cidade. Na ocasião deste senhor escolher os jogadores deixou de parte o Mr. Machentock, então capitain do Rio Crickt e Athletic Club Associon, resultando uma rivalidade entre aquelles dous jogadores.

Mr. Machentock aproveitando a estadia daquela team em São Paulo, procurou os srs. H. Palm, J. Pereira, R. Lima e A Cerqueira para, com o apoio destes poder organizar uma sessão e fundar um club de

¹ As idéias de “inter-relação” e “diferenciação de funções” são tratadas aqui a partir das definições feitas por Norbert Elias em vários de seus textos. Como um primeiro registro, vale anotar que as inter-relações fazem parte de um processo de regulações sociais que vão se sedimentando nas sociedades humanas e a diferenciação de funções é uma questão básica para entendermos essa “pressão vinda desde baixo” e que dilui o poder dos envolvidos numa formação social específica. Para aquele que busca um maior detalhamento sobre esses dois aspectos, vale a pena conferir os textos: “Introdução à sociologia” e “A sociedade dos indivíduos”.

foot-ball. A sessão foi effectuada no extinto club de Natação e Regatas, organizando-se então o primeiro club deste gênero no Rio de Janeiro, que teve o nome de - 'Rio Foot-ball Club.'

Quando o 'team do Rio' voltou e foi conhecedor da fundação daquelle club tratou immediatamente da fundação do Fluminense Foot-ball Club que, com muita difficuldades no princípio, conseguiu rompê-las e collocar-se na vanguarda desse sport tão salutar.²

Tenha ocorrido exatamente assim, ou não, o nascimento dos clubes de futebol no Rio de Janeiro, o fato que nos chama a atenção aqui é que, ao se tratar de esportes no Brasil, muitos aspectos hão de ser considerados, quando se deseja realizar uma análise um pouco mais contextualizada. Ou seja, uma análise que não se esgote em nomes, recordes ou resultados alcançados por atletas ou equipes, mas que se desenvolva na percepção das configurações forjadas nas relações que se inauguram.

O que o texto acima nos faz perceber é que o envolvimento com o esporte, e o envolvimento do esporte, não é um processo que ocorre de forma tranqüila. Ele “envolve” os indivíduos e os grupos; um *team* ou *club*, uma rua e... a cidade.

No indivíduo marca o gosto por uma forma de passatempo diferenciado. Um jogo “moderno” que, no Brasil, vai-se associar às novas modas, ao vestir, ao morar e se comportar de uma maneira específica. Como grupo, emerge nas semelhanças, mas também nas diferenças: o que é característico e o que é distintivo. Marca o gosto de mostrar poder, mas também marca uma forma de poder se mostrar, (re)criar e participar.

Se adentrarmos mais no episódio descrito, da formação do(s) primeiro(s) clubes de futebol do Rio de Janeiro, veremos que o esporte — e não só o futebol — surge num grupo muito específico que compartilha semelhanças, embora isso não venha significar que os iguais não tenham suas diferenças e que, ao que parece, essas diferenças também tenham possibilitado o extravasamento da prática para além do muro dos clubes da elite.

Como passatempo diferenciado, o esporte vai aparecer com uma ação que configura uma maneira específica de presença no contexto social, como o aspecto de um processo de individualização tratado aqui como uma tendência de tornar mais íntimas, particulares e

² A Gazeta de Notícias, 20-04-1906. Em “Fla x Flu ... e as multidões despertaram!” M. Filho faz referência ao jogo entre cariocas e paulistas, em 1901, e fala da criação do Fluminense, que teria dificuldades para se organizar, mas não faz nenhuma referência ao Sr. Machentock e à fundação do clube de futebol.

não-públicas formas de impulsos controlados que, cada vez mais freqüentemente, passam a ser mal percebidas pela consciência. Tendência que faz surgir uma preocupação com os costumes à mesa, em reuniões, relações entre casais, pais e filhos, etc. e vem a ser vista como um modo que, primeiramente numa classe ou grupo específico e, posteriormente, no indivíduo como unidade, passa a se distinguir de outros segmentos e de outros indivíduos. Por isso, é preciso considerar também que as mudanças nas estruturas de personalidade, proporcionadas pela “assimilação” dos costumes é, em certo sentido, um dado específico do desenvolvimento das estruturas sociais.

Portanto, o esporte é aqui considerado como um aspecto da mudança do padrão social a que o indivíduo é submetido, primeiramente, pela restrição externa, e é reproduzido, mais acentuadamente ou menos, no seu íntimo, através de um autocontrole específico. Por isso, mudanças na forma de passatempo compõem também um quadro de mudanças nas formas de morar, no processo educativo, nas formas de trabalho, nas relações familiares e entre grupos distintos.

Sendo assim, ao recortarmos o esporte nesse contexto, procuramos reenseri-lo como um componente de um processo de diferenciação que se manifesta na vida das cidades. A cidade que passa a ser o epicentro de manifestações político-culturais e que possibilita o surgimento de configurações e inter-relações diversas, porque, *“só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo de sua interdependência, das estruturas das suas sociedades, em resumo, das configurações que formam uns com os outros”*.³ Isso significa que configurações nascem da interdependência e estas podem ser de aliados ou de adversários que se equilibram numa balança de poder e se movem ora para um lado, ora para outro, mantendo suas inter-relações sob uma tensão característica. Essa idéia permite, a nosso ver, abordar melhor as relações sociais nas cidades como o Rio de Janeiro que, por seu lado, possibilita a formação constante de muitos grupos diferenciados resultantes da interdependência mútua, pois:

³ ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*, p. 167.

...precisamos uns dos outros, orientamo-nos uns para os outros e estamos ligados uns aos outros. Isso resulta da divisão do trabalho, da especialização ocupacional, da integração em tribos ou estados, de um sentido comum de identidade e de um antagonismo partilhado com os outros ou de um ódio e de uma amizade recíprocos.⁴

Foi esse caminho que tentamos trilhar na investigação acerca do esporte no Brasil do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, tendo como cenário a cidade do Rio de Janeiro: primeira capital da República e centro das profundas transformações políticas, econômicas e culturais por que passa o Brasil nesse período de transição e que se refletem no modo de se comportar de nossa gente.

Elegemos o Rio de Janeiro por ser a porta de entrada de todo um leque de novos costumes e negócios do País naquele período. Cidade com a maior concentração populacional do período — em 1890 contava com uma população acima de quinhentos mil habitantes — e por isso também, possível de expressar diferenças e semelhanças de um modo até então nunca visto no Brasil.

Continuando nessa balança de relações que se estabeleciam, buscamos nos reportar à diferença na ação requerida pelo esporte e pelo jogo, tendo como perspectiva uma crescente dependência mútua. Nesse ambiente, o esporte se caracteriza como uma ação “nova” e própria de uma sociedade em transformação. É considerado, pelas elites, como uma prática “civilizada”, por isso educada e educativa, em contraposição aos jogos tradicionais vistos como parte de uma sociedade colonial e arcaica, fonte de emergência de atitudes rudes e primitivas.

Um outro aspecto considerado ao longo do trabalho é como alguns setores apreendem essa prática e passam a cultuá-la no seu projeto de sociedade. Destacamos o papel de alguns literatos, seu envolvimento com o esporte e a crescente difusão, pelos jornais e revistas da época, demonstrando uma atenção maior ao comportamento que valorizava, então, os passatempos desportivizados. Neste momento, vale salientar as inúmeras transformações que se processam na sociedade brasileira com a abolição, a crescente imigração, a proclamação da República e o intercâmbio maior com outros países,

⁴ ELIAS, N. *Introdução à sociologia*, p. 193, nota 1.

em especial a Inglaterra e a França.

Na análise, privilegiamos muitas matérias de jornais e várias crônicas publicadas nesse período. Crônicas que são, a nosso ver, o retrato de uma época apreendida pela pena sempre atenta de um segmento disposto a intervir no processo de construção da nação. As crônicas são, assim, um momento de proposição que enfoca os acontecimentos do dia-a-dia e que, por isso, mantêm uma relação íntima com o tempo vivido. Portanto, podem também ser aqui consideradas como uma escrita do tempo. E o cronista, de olho no mundo que o cerca, *“informa sobre os fatos presentes dos quais é testemunha: a rua, os homens, a política, os pequenos incidentes, as alegrias, as comemorações, as futilidades, tudo lhe serve, ávido que é pela atualidade.”*⁵

Daí a importância que a crônica sobre os esportes, de Olavo Bilac, Lima Barreto, João do Rio (Paulo Barreto) entre outros, tem para a compreensão de uma época, como forma literária que se serve do jornal para disseminar a visão aguda que o cronista tem dos fatos aparentemente banais que o cercam. A crônica é uma arma de combate que serve para fazer a crítica dos fatores que compõem a realidade brasileira de seu tempo. O esporte é um desses fatores e, por isso, merecedor da defesa e/ou dos ataques constantes que os cronistas anunciavam nos diários do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras do período. Talvez um daqueles elementos que Gilberto Freyre acreditava não se abrir apenas ao olhar sociológico ou ao apenas histórico, mas que junto a estes deve-se buscar o olhar psicológico e/ou o olhar poético. E só assim nos seria possível oferecer uma explicação mais abrangente e verdadeira.

Em, “Do turfe, do remo e do futebol”, ao pretender recortar uma história da introdução desses esportes no Brasil, buscamos anotar aspectos da construção de relações que permitiram que esses fatores emergissem num contexto social específico e se enraizassem nas cidades que se transformavam com as mudanças físicas inspiradas nos centros urbanos europeus, com a imigração, a relação crescente com outros povos e com as mudanças políticas que deslocavam levas de negros antes cativos das senzalas e depois moradores dos mucambos e com eles também as famílias brancas antes viventes das casas-grandes e que passam a edificar e habitar os sobrados urbanos.

Tratamos dos prados, quase com expressão sofisticada daquelas corridas de cavalos

⁵ RAMADAN, M. Ivonete B. *“Crônica de futebol: um subgênero.”* RJ: Pesquisa de Campo, n. 5. 1997. p.61.

das fazendas, das cavalhadas e argolinhas; dos clubes de remo como novas associações que ocupavam as praias, congregavam jovens e animavam a Avenida Beira-Mar nas manhãs ou tardes de regatas acompanhadas por multidões nas calçadas; do ciclismo, que movimentava as ruas com suas “aranhas de ferro”; e do futebol, que bateu o cricket, ganhou seu campo e espalhou-se pela cidade como uma nova febre permitindo, como nenhum outro esporte havia conseguido antes, um diálogo entre os diferentes, a expressão de emoções antes cativas ao espaço íntimo da casa ou da reunião entre amigos. Isso só para anotar um aspecto dos tantos que buscamos compreender com a introdução do esporte como novo elemento de expressão e posicionamento social. Em nossa opinião, as relações sociais, com seus controles e dependências, têm no esporte um elemento de análise privilegiado e, entretanto, pouco aproveitado nos estudos realizados no Brasil. Esse é um caminho que, ao que parece, ainda merecerá uma soma de esforços para que se alcance uma renovação do campo de análise.

O que na conclusão deixamos entrever foi justamente essa necessidade de maiores investigações sobre o esporte. Investigações que não caberão mais numa fácil argumentação de simples veículo da ideologia dominante, fruto de uma visão maniqueísta da sociedade. Por isso, a eleição da crônica como fonte que, antes de ser uma simples percepção de uma época, ela é a época naquilo que há de mais singular, de mais cotidiano, porque transitória, capaz de marcar definitivamente o mundo vivido e por isso, possível de resgatar as “migalhas” que sobram do dia-a-dia da cidade. Buscar, como diria M. de Assis, *“as coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número”*.

Por fim, acreditamos que vale a pena ainda estender o estudo para o caso de outras cidades que se urbanizavam ao longo do período analisado e que aqui foi possível apenas citar em algumas breves passagens. Aí, muitos fatores ainda precisam ser reunidos e discutidos melhor para que possamos entender o que representou o esforço de introdução dos esportes na cidade, que prossegue no seu curso de diversificação e interdependência.

CAPÍTULO I

1 RIO DE JANEIRO: a cidade e o refinamento das ações do brasileiro⁶

O horizonte da cidade se expande de uma maneira comparável ao modo pelo qual a riqueza se desenvolve; um certo volume de propriedade cresce de modo semi-automático em progressão sempre mais rápida. Tão logo um certo limite tenha sido ultrapassado, as relações econômicas, pessoais e intelectuais da população, a esfera da predominância intelectual da cidade sobre sua zona não-urbana, crescem como em progressão geométrica.⁷

Ainda em 1808, ao aqui aportar, D. João VI trouxera sua corte com cerca de dez mil pessoas que, acompanhando o soberano português, tornaram o Rio de Janeiro o grande centro político, administrativo e econômico da monarquia portuguesa. E, como sede da monarquia, talvez a cidade mais importante ao sul do equador naquele período. Essa situação produziu, com a introdução de um conforto e luxo ainda desconhecidos na colônia, uma transformação dos hábitos e abriu o caminho para as grandes mudanças que a cidade e, por conseguinte, o País passou a sentir a partir de então.

Para Prado Jr., já essa primeira metade do século XIX será de muitas mudanças políticas, sociais e culturais e permitirá que, a partir de 1850, o Brasil inicie uma nova etapa de seu desenvolvimento.⁸

⁶ Pensamos aqui o *refinamento das ações* no sentido de uma crescente atenção ao comportamento na presença do outro. Algo percebido na descrição quanto a postura diante de senhoras, o modo de sentar no bonde ou trem, tossir, etc. Também no comportamento quanto a determinados comportamentos sociais, como os próprios divertimentos que passam a ser cada vez mais aqueles permeados por regras que definem a conduta ou exigem uma conduta diferenciada, como os esportes, a ópera, o teatro ou o passeio.

⁷ SIMMEL, op. Cit., p. 23.

⁸ PRADO JR. Caio. *História econômica do Brasil*. p. 153.

O príncipe Maximiliano, no seu relato de viagem ao Brasil, quando de sua estada no Rio de Janeiro, em 1815, anota, que “*cerca de vinte mil europeus, vindos de Portugal com o rei, se estabeleceram na cidade, daí naturalmente resultando que os costumes do Brasil se modificara, pelos da Europa. Melhoramentos de todo gênero foram realizados na Capital. Ela muito perdeu de sua originalidade, tornando-se hoje mais parecida com as cidades européias*”.⁹

Estavam, desde então, dados os primeiros passos no sentido das transformações que iriam se acelerar ao longo das próximas décadas. O Rio cresce e se vê, cada vez mais, cultural e comercialmente voltado para o mundo. A cidade se agita com o grande número de negros libertos à procura de trabalho e de europeus que aqui aportam. Destacando-se, além dos portugueses, os ingleses, espanhóis, italianos e franceses, muitos atraídos pela presença da corte portuguesa e pelo crescente comércio com a Inglaterra. Nessa época, o Teatro Lírico já apresenta óperas italianas e bailarinos franceses e “*a aparência dos habitantes, os modos, semelham em tudo às das capitais europeias. Já aí se encontram tantos artistas e artesãos de todos os gêneros e nacionalidades, que em poucos anos pouca coisa faltará no Rio de Janeiro do necessário ao conforto da vida*”.¹⁰

Podemos reparar aí, na observação do Príncipe, uma aproximação dos modos com o estilo europeu de vestir e se comportar e uma diversificação crescente dos tipos de trabalhos, muitos deles bem característicos da vida na cidade, distante do campo. Fato novo num Brasil ainda mais rural do que urbano. Mas o que merece também a nossa atenção é a ênfase no *conforto* da vida, tão em conta para o europeu oitocentista e que começava a se tornar visível nas colônias, ao menos para as classes mais altas. As boas roupas, os meios de transporte, as casas mais bem construídas, com material importado e mais requintadas, com tapetes e quadros na parede, formas diferenciadas de passatempo e jogos mais comedidos eram componentes dessa nova forma de viver.

Se “*até agora a natureza tinha realizado mais pelo Brasil do que o homem*”, como escreveu o príncipe Maximiliano, decerto essa história estava mudando e as cidades como o Rio de Janeiro eram o local onde esses homens agora se inter-relacionavam com maior

⁹ MAXIMILIANO. *Viagem ao Brasil*. p. 23

¹⁰ MAXIMILIANO. *Viagens ao Brasil*. p. 25.

intensidade. Portanto, é ao longo do século XIX e, particularmente, na sua segunda metade, que o progresso terá um ritmo mais acelerado que em todo o período anterior e diferenciada se tornará a cidade e o conjunto de seus habitantes.

Assim, acreditamos que dada a crescente complexidade e inter-relações que se inauguram nas cidades, as relações sociais fluíram cada vez menos ao sabor das elites. Enquanto, na zona rural, o caráter de obediência, obrigação e favores pessoais era marcante, na cidade essas características vão sendo enlaçadas por uma ampliada rede de dependências, solidariedade e convivência inter e entre grupos.

Nas cidades brasileiras do final do século XIX e início do XX, como o Rio de Janeiro, também os projetos de “domesticação” do espaço público se fizeram presentes. As grandes guerras, a gripe e a febre, por exemplo, deram sua contribuição para reestruturar esse espaço no País. Nesse contexto, num interessante estudo sobre as epidemias — de febre amarela e varíola— no Rio de Janeiro do século XIX e início do XX, Sidney Chalhoub nos mostra as intenções das elites brasileiras em trabalhar toda a situação de vida na corte e no Brasil de acordo com seus costumes e maneiras. Primeiro, anota o ataque sobre os cortiços, que cresciam em número desde 1850, e eram tidos como o local de preferência das “classes perigosas”. Local também onde proliferavam as doenças e vícios e que, portanto, precisavam ser demovidos dos locais “impróprios” onde estavam situados, leia-se, do centro da cidade.

Esse autor faz um relato da demolição do mais célebre cortiço do Rio de Janeiro na ocasião — o Cabeça de Porco. Narra também como, com base no discurso dos higienistas da época, os administradores públicos levavam adiante o desejo de “varrer” o centro da cidade. Mas nenhuma preocupação com os destinos dos moradores daquelas localidades fazia parte das ações públicas oficiais. Os morros passaram a ser o caminho dos desabrigados. Para Chalhoub, a proliferação dos cortiços, além de estar ligada ao aumento do fluxo de imigrantes portugueses e crescimento do número de escravos alforriados, era também fato contemporâneo “*das lutas dos negros pela liberdade, e isto provavelmente teve a ver com a histeria do poder público contra tais habitações e seus moradores*”.¹¹

Esse processo é uma das preocupações do romance “naturalista” de Aluísio de Azevedo, “O Cortiço”, onde o “Cabeça de Gato” é o centro das atenções do autor e o local

¹¹ CHALHOUB, S. *A cidade febril*, p. 29.

onde vão se reunir imigrantes, capoeiras, ex-escravos e trabalhadores de uma maneira geral que têm na cidade um local de procura de satisfação de seus desejos — de mais liberdade, de ascensão social ou apenas de um maior contato — e que se reúnem em torno de expectativas comuns.

No Brasil, parece que a ação pública na reforma urbana acompanha de perto o desejo de “varredura” das impurezas sociais tão associadas à formação do tipo brasileiro, o que não significa, por certo, que esse desejo tenha logrado êxito tal qual pensaram nossos empenhados dirigentes, muito embora, nas cidades brasileiras, as pestes tenham sido mais bem combatidas que nos engenhos e fazendas. Entretanto, é a mudança na maneira de se perceber e agir que faz emergir na cidade a vontade vertiginosa de viver esse núcleo de trocas constantes, infindáveis possibilidades e, o que parece ser mais instigante, essa cidade que é impossível de ser decifrada à primeira vista.

Viver na cidade, já no início do século XX, por exemplo, era viver as possibilidades do mundo das máquinas e das comunicações rápidas. Era aí que estava a nova geração de líderes políticos, a eletricidade, o automóvel, a máquina, a indústria e tudo o que significa ganhar tempo, acelerar. Eis a ordem que se impunha ao homem na cidade: o “moderno” não podia mais ficar à espera das mudanças; haveria de ir ao seu encontro.

É a procura do conforto e um certo controle sobre as ações que vai caracterizar o modo de viver a partir de então. As mudanças técnicas dos meios de transporte e comunicação são fatores que denotam o caminho das transformações em curso. Outros também são possíveis de perceber quando tratamos de espaços mais íntimos, que demonstram o caminho de um processo de individualização crescente. O aparecimento do vaso sanitário, por exemplo, deu continuidade aos métodos higiênicos introduzidos no século XVIII ou, ainda, com o aparecimento de espaços públicos de convivência, como os cafês, pois, *“ao longo do século XIX o desenvolvimento urbano valeu-se das tecnologias de locomoção, de saúde pública e de conforto privado, do mercado, do planejamento de ruas,*

*parques e praças, para resistir a demanda das massas e privilegiar os clamores individuais.*¹² Nesse sentido, é que as mudanças ocorrem no Brasil. Primeiramente, entre a capital da República e as cidades economicamente fortes, como São Paulo,¹³ e logo em seguida nas cidades menos centrais, como Vitória, por exemplo, que só nos primeiros anos do século XX, passa a mudar sua face com a inauguração do serviço de energia elétrica que possibilita a introdução do serviço de esgoto e o início da implantação de bondes elétricos. O Rio de Janeiro se destaca por criar caminhos e por ter para si dirigidos os primeiros caminhos de mudança. É, certamente, a cidade centro que em 1890, por exemplo, contava com uma população de 522 mil pessoas enquanto que São Paulo tinha 64 mil e Salvador 174 mil habitantes.¹⁴

São muitos os textos que tratam das mudanças ocorridas no Rio de Janeiro, capital do Brasil. Ao tratarmos aqui da cidade, não podemos desconhecer parte dessas análises e vamos passar por alguns autores que tratam dessas transformações. Convém, no entanto, ressaltar que, para a nossa análise, muitos desses estudos mantêm-se presos a uma descrição dos modos de ser das elites de então, já que pouco explicam as relações que se inauguravam nesse período e que interferiam também no modo de ser dessa elite.¹⁵ Essa descrição não explica convenientemente, se não descer ao nível das relações que se estabeleciam a partir dos fatos ocorridos. Por exemplo, será que a imigração ocorrida não causou nada de novo, nenhum impacto nas relações interpessoais e que se refletiram nas formas de lidar com as mudanças em processo na cidade do Rio de Janeiro? Será que a única possibilidade de haver identidade é entre os iguais?

¹² SENNET, R. *Carne e pedra*, p. 299.

¹³ Sobre a cidade de São Paulo, vale a pena conferir o texto já citado, de autoria de Nicolau Sevcenko, “Orfeu estático na metrópole”. Aí o autor dedica todo o primeiro capítulo ao esporte na cidade de São Paulo nos agitados anos 20.

¹⁴ Em termos populacionais só na década de 1940 é que Rio e São Paulo vão se equiparar. A esse respeito ver quadro da evolução demográfica da capital federal apresentado por Sevcenko a pag. 650 em “História da vida privada no Brasil” v. 3.

¹⁵ O nosso argumento é que alguns desses trabalhos parecem colocar todo poder de decisão e efetivação das ações nas mãos das elites. E mais, que essa elite maniqueísta é capaz de efetivar seus planos sem muitos atropelos, parecendo que aos não-elite, os excluídos, os *outsiders*, cabe apenas sofrer as ações. Em suma, há como que um “plano diretor” das elites que invariavelmente logra êxito. Alguns desses aspectos podem ser conferidos em: F. BEGUIN em “As maquinarias inglesas do conforto”, M. S. BRESCIANI em “Metrópoles: as faces do monstro urbano”, R. M. PECHMAN em “Um olhar sobre a cidade: um estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade”.

Enquanto, pelo longo período colonial, toda a estrutura de nossa sociedade teve sua base fora dos meios urbanos, o crescimento das cidades, também no Brasil, denota uma outra fase de relações sociais, políticas e econômicas. De uma maneira geral, as transformações da organização tradicional do trabalho, advindas da abolição da escravatura e da imigração interna e externa crescente, fizeram refletir-se na estrutura familiar e nas inter-relações, onde se passava a incentivar uma progressiva liberdade dos velhos laços caseiros. Se o desenvolvimento da urbanização “*não resulta unicamente do crescimento das cidades , mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades...*”,¹⁶ isso denota que, a partir de então, as cidades, “*que outrora tinham sido como complemento do mundo rural, proclamaram finalmente sua vida própria e sua primazia*”.¹⁷ Para Sérgio Buarque de Holanda, se outrora era assim, vale anotar, portanto, que o ponto culminante de uma real transformação brasileira foi a Abolição. Não só pelas mudanças no trato com a gente do campo, ou até por uma genérica mudança “econômica” e sim porque “*efetivamente daí por diante estava melhor preparado o terreno para um novo sistema, com seu centro de gravidade não já nos domínios rurais, mas nos centros urbanos*”. Esse processo, que já se iniciara com as primeiras iniciativas de abolição do tráfico, é a demonstração de que uma nova etapa de desenvolvimento vinha se efetivando.

O Rio de Janeiro, município da corte e capital do Brasil, já há algum tempo, vinha dando seus passos na constituição de um centro urbano — com todos os significados que o termo requer — e por isso se transformara a olhos vistos.

Podemos estudar a cidade no Brasil pela política de higiene que nossos médicos sonharam ver implantada, como forma de varrer para longe das ruas os agentes que permitem a proliferação de doenças e miasmas. Podemos estudá-la pela ótica dos administradores públicos que viram, no encontro entre as diferenças, o motivo de nosso atraso e a nossa eterna dificuldade de progredir. Podemos ainda estudar a cidade pelas idéias dos militares que, desde há muito, fiavam-se na necessidade de se estabelecer ordem para que houvesse progresso, como também pelo processo de desenvolvimento do

¹⁶ HOLANDA, Sérgio B. de. *Raízes do Brasil*, p. 105.

¹⁷ HOLANDA, op. cit., p. 128.

esporte, etc. Percorremo-la aqui a partir das diferenças e semelhanças, buscando o que é possível de identidade num contexto urbano e social em constante mudança. O que é possível, por exemplo, de identidade em práticas urbanas, como a do esporte, que ocupa os arredores da urbe com o turfe, as calçadas e ruas com o futebol e em ondas descem barcaças e corpos seminus com o remo e a natação. Cria, enfim, espaços comuns na cidade que cresce, derruba e soergue sonhos e realidades. Podemos pensá-la, e vamos considerar aqui, como um ambiente onde homens passam a viver, a criar “lugares” e dar sentido a “espaços”.¹⁸ E assim, como parece devorá-los, também lhes permite uma quantidade e qualidade de ações inestimáveis.

O que estamos tentando compor aqui é a idéia de um local onde, para além da visão apressada de um “aglomerado de homens”, possamos pensar a cidade e o espaço urbano como um ambiente de ebulição que possibilita, como diria Sevcenko, *“a reorientação da ação”* e que *“requer dos homens em primeiro lugar o seu engajamento físico, em condições que rompam com a rotina do cotidiano e o consenso dos hábitos e idéias”*.¹⁹

Esse engajamento físico pode ser pensado como uma resposta a todo um processo de mobilização que só a cidade, no seu sentido moderno, pode propiciar ao homem. Nesse ponto, alguns autores, ao se lançarem na busca de um entendimento sobre ela, traçaram alguns caminhos possíveis de pensar o homem nessa relação com o espaço urbano. Pois a cidade,

*...não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro irradiador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo.*²⁰

¹⁸ A distinção entre LUGAR e ESPAÇO no urbano pode ser percebida melhor no livro de CAUQUELIN, Anne. “Essai de philosophie urbaine”, em especial no tópico Temps, lieu et vide, p 81. Também ARANTES, Otilia em “O lugar da arquitetura depois dos modernos” trata dessa distinção. Vale a pena anotar, mesmo que de forma resumida, que LUGAR é um foco de história carregado de cultura e sentido, enquanto o ESPAÇO é preenchido pelo conteúdo inerente ao lugar. “O ESPAÇO não encontra o seu fundamento em si mesmo, sua ordem é o LUGAR.” ARANTES, *O lugar da arquitetura depois dos modernos*, p. 134.

¹⁹ SEVCENKO, N. *Orfeu estático na metrópole*, p.32.

²⁰ WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. O fenômeno urbano, p. 98.

Nessa altura, para melhor fundamentar alguns aspectos da relação do homem na cidade moderna, tentaremos entender não só as relações sociais que se estruturam, mas todo um “processo de individualização” ²¹ em andamento que nos vai permitir compreender melhor a crescente interdependência entre os indivíduos, fruto de uma diferenciação de funções e atitudes também crescente e que será mais bem visualizada nas cidades urbanizadas e modernas que começam a despontar como marco de uma nova forma de viver no Brasil.

Lugar para onde se destinam os senhores das terras e suas famílias, os novos comerciantes, boa parte dos imigrantes e os negros libertos ou foragidos.

Por isso estamos, enfim, na cidade do Rio de Janeiro que foi,

*... durante todo o século XIX não só o porto de exportação de produtos primários destinados ao mercado mundial, mas também , o centro de redistribuição de uma nova economia rural, o principal mercado de consumo dessa mesma economia e de produtos importados e, finalmente, núcleo das decisões políticas e do movimento financeiro do país.*²²

Já em 1840, com o aparecimento do ônibus, inicia-se uma nova etapa de crescimento. O ônibus — veículo de quatro rodas, movido a tração animal e transportando em média vinte pessoas — possibilitou a ocupação de regiões antes consideradas distantes e tornou viável o projeto de expansão concebido desde a chegada da corte portuguesa.

Já na década de 1860, o ônibus é substituído pelo bonde, maior, mais veloz e mais cômodo que o ônibus. Encurtava ainda mais o tempo em relação às distâncias. Na década de 90, entra em operação a primeira linha eletrificada, a do Flamengo. Assim, o Rio cresce e ocupa novos espaços.

No final do século XIX, os debates entre higienistas e administradores fazem surgir um programa administrativo em torno das questões sanitárias. Desenvolve-se uma

²¹ Para Elias, “Desde a infância o indivíduo é treinado para desenvolver um grau bastante elevado de autocontrole e independência pessoal. É acostumado a competir com os outros; aprende desde cedo, quando algo lhe granjeia aprovação e lhe causa orgulho, que é desejável distinguir-se dos outros por qualidades, esforços e realizações pessoais; aprende a encontrar satisfação neste tipo de sucesso. Mas, ao mesmo tempo, em todas estas sociedades, há rígidos limites estabelecidos quanto à maneira como o sujeito pode distinguir-se e os campos em que pode fazê-lo” (p. 120).

²² CARVALHO, Lia de A. *Habitações populares*, p. 118.

campanha contra as habitações coletivas, em especial os cortiços, motivada principalmente pela questão da febre amarela, que passara a assolar a Capital do País em toda a “estação calmosa” e o detalhe é que já não poupava ricos ou pobres. Santos vai nos mostrar um pouco o que representava esse processo de expansão da cidade a partir do relatório de diretores da Cia. Jardim Botânico:

É incontestável que as duas praias de Copacabana e Arpoador são dotadas de um clima esplêndido e salubre, beijadas constantemente pelas frescas brisas do oceano, constituindo dois verdadeiros santuários e por onde pode respirar a largo a população dessa capital na estação calmosa, em que é infelizmente dizimada por epidemias periódicas e mortíferas. Elas já tiveram a consagração da medicina oficial e dos higienistas, estabelecendo aí o governo dois grandes hospitais [...]. É um bairro a criar-se [...]. Já se acha organizada uma companhia, com capital suficiente para edificar um clube de esporte e uma grande casa balneária que, brevemente, dará começo às obras.

*Dentro de um lustro, aqueles desertos do Saara - como qualificaram, se converterão em grandes povoações para onde afluirá, de preferência, a população desta cidade, na estação calmosa, devido à salubridade e amenidade do seu clima e à excelência dos banhos de mar, como se pratica nas cidades litorâneas da Europa.*²³

Note-se aí que, além da crescente expansão da cidade em busca de outros lugares, dois aspectos merecem a nossa atenção: o primeiro é o acompanhamento da ocupação desses espaços pelo que então se entende chamar por clube de esporte, que aparece como um criador de lugares e espaços por excelência pelo deslocamento de pessoas, o que acarreta a sedimentação de uma estrutura física permanente. Segundo, é a questão dos banhos de mar, que demonstram uma outra relação dos habitantes das cidades marítimas no Brasil com esse espaço, até então relegado a um plano de quase completo distanciamento, pelo fato de o mar, entre nós, até as primeiras décadas do século XIX, ser um lugar de despejos de lixo e excrementos.²⁴ Esse fato é possível constatar no continente europeu

²³ SANTOS. Meios de transporte no Rio de Janeiro, p. 341-3. Citado por Oswaldo Rocha, op. cit., p.35.

²⁴ Em “Sobrados e mucambos”, tratando da vida na cidade, G. Freyre anota que “as praias, nas proximidades dos muros dos sobrados do Rio de Janeiro, de Salvador, do Recife, até os primeiros anos do século XIX eram lugares por onde não se podia passear, muito menos tomar banho salgado. Lugares onde se faziam despejos; onde se descarregavam os gordos barris transbordantes de excrementos, o lixo e a porcaria das casas e das ruas; onde se atiravam bichos e negros mortos. O banho salgado é costume recente da fidalguia ou da burguesia brasileira que, nos tempos coloniais e nos primeiros tempos da independência, deu preferência ao banho de Rio. Praia queria dizer então imundície” (p.195).

onde, só no decorrer do século XVIII, é que “*junto à beira-mar o indivíduo moderno vem descobrir-se, fazer a experiência de seus limites, face a vacuidade do oceano e a disponibilidade das praias*”.²⁵ Vale anotar, ainda, que, na Inglaterra do início do século XIX, operou-se, segundo Corbin, “*um processo mais amplo de ajustamento do espaço e das pulsões*” que vem demonstrar um crescente desejo de ações à beira-mar.

No Brasil, os banhos de mar, para além de seu caráter profilático, como um passatempo, não teriam sido também uma ação conquistada por aqueles que estavam voltados para a prática de esportes ? Em princípio, parece que sim. Pelo relato de dois estrangeiros, é que vemos como era representado o banho de mar para o carioca. Kidder e Fletcher, escrevendo em 1851, diziam que, “*antes que o sol desponte acima dos morros uma fila de homens, mulheres e crianças desce das ruas para tomar banho nas claras águas salgadas da baía*”, num atestado de que os banhos de mar só eram recomendados ao alvorecer, pois “*às sete horas, já o sol está alto, e toda a movimentada multidão foi-se embora*”. Muito embora atestem a alegria do carioca pelo banho de mar, advertem quanto ao uso de um flutuante para banhos no interior do porto, “*para aqueles que têm a coragem necessária para afrontar o elemento que aí chamam de água salgada, mas que, para um narrador fiel, devido ao sistema improvisado de esgotos, deve ser estigmatizado por um nome bem diverso*”.²⁶ Como veremos mais adiante, afora os banhos medicinais e o trabalho pesqueiro, só aqueles que lidavam com alguma prática esportiva arriscavam-se a banhos de mar em horários não recomendados pelos médicos.

Porém, falemos um pouco mais desse “enraizamento” da cidade do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que “*nesse momento de ocupação de novos espaços, o papel indutor representado pelos meios de transporte: bondes e trens, os primeiros facilitando a expansão da cidade no sentido da zona sul e a Tijuca, e os trens, inversamente, levando a ocupação à zona norte e posteriormente aos subúrbios*”²⁷ é por certo um processo que leva o ambiente urbano a se modificar, tanto pelas relações cada vez mais intensas entre as pessoas, quanto pela formação de novos lugares e espaços. No Rio de Janeiro, um dos

²⁵ CORBIN, A. *O território do vazio*, p. 108.

²⁶ KIDDER e FLETCHER. *Gente e bichos no Flamengo*. In: M. BANDEIRA. *Rio de Janeiro em prosa e verso*, p. 290-291.

²⁷ CARVALHO, Lia de A, op. cit., p. 129.

pontos ápicos desse processo ocorreu no início do século XX e, em especial, na administração de Pereira Passos (1902-1906).

Pereira Passos foi convidado por Rodrigues Alves para exercer um mandato à frente da prefeitura do Distrito Federal. Tendo vivido pessoalmente as reformas implementadas por Hussmann, em Paris, logo após ter concluído o Curso de Engenharia, não é de se estranhar que, muitos anos depois, já como prefeito da Capital brasileira, venha dedicar-se ao plano de reformas que vai efetivar. Para Souza, “*o projeto político-administrativo de Rodrigues Alves tinha dois pontos chaves: a remodelação da capital e a política de imigração*”. O primeiro, em parte, entregue aos cuidados do engenheiro Pereira Passos, que seria responsável pelos trabalhos de “*abertura da avenida Beira-Mar, a do Estácio, e o alargamento de uma série de ruas no coração da cidade, entre elas a Marechal Floriano, Prainha, Camerino e Treze de Maio*”.²⁸ Um pitoresco relato da era Pereira Passos nos é dado por Manuel de Sousa Pinto, para quem o Rio de Janeiro passava por uma guerra onde tudo era poeira, tudo passageiro:

*E é tudo absolutamente provisório agora aqui. A planta da cidade que pensarias ingênuamente ter fixado nos primeiros passeios, é uma ficção do teu espírito passageiro; onde ontem havia uma rua, há hoje uma praça em ruínas; a esquina que dobraste à tarde, desapareceu na manhã seguinte. Daquela casa misteriosa que tu rondaste, por ter para lá entrado aquele vulto claro de chapéu de flores secas restam, quando voltas à conquista, três carroçadas de entulho que vão para o mar.*²⁹

Para nós, é merecedor de destaque o envolvimento de alguns setores da sociedade no projeto de transformação urbana implementado a partir de então. Mesmo que, para boa parte da população, a única alternativa tenha sido a de mudar, alguns segmentos louvaram a ação do governo, sempre no sentido de que, também pelas mudanças urbanísticas, haveríamos de nos transformar num povo “civilizado”. Nesse sentido, vale a pena reproduzir um pequeno trecho de uma crônica de Olavo Bilac, publicada na revista Kosmos, de abril de 1904. Nosso atento escritor assim se reportou ao processo de mudanças:

²⁸ ROCHA, O. P. *A era das demolições*, p. 58.

²⁹ PINTO, M. S. “O bota-baixo de Pereira Passos”. In: BANDEIRA, M., op. cit., p.407-409.

*O meu medo, o meu grande medo, quando vi que se ia rasgar a avenida, foi que a nova e imensa área desapropriada fosse entregue ao mau gosto e a incompetência dos mestres-de-obras. O receio não era infundado... todos estão vendo que, em geral, as casas mais novas do Rio de Janeiro são ainda mais feias que as antigas... uma boa avenida não é somente uma rua comprida, muito larga e muito reta: a avenida do mangue tem todos esses predicados e, entretanto, é um horror! Uma avenida precisa de prédios bem construídos, elegantes ou suntuosos. Casas tortas e feias, em ruas largas, são como vilões na corte; todos os defeitos se exageram. E, se vamos encher a avenida de prédios de caracará, melhor será que nos deixemos de sonhos, e que nos contentemos com o beco das Cancelas e com a travessa do Ouvidor!...*³⁰

Segue a crônica fazendo descaso dos mestres-de-obras. Segundo o poeta, “*nada amigo de novidades, afinado às tradições - e desprovido de diploma*”.

Façamos aqui um pequeno parêntese só para realçar a idéia de “moderno” no trecho citado acima. Não mais as avenidas estreitas e sinuosas; uma boa avenida tem que ser, ao menos, “*comprida, larga e reta*”. O traçado da cidade se modifica. E mais, há de ter prédios bem-construídos elegantes e suntuosos, pois “*casas tortas e feias em ruas largas, são como vilões na corte; todos os defeitos se exageram*”. Tudo ao gosto do que parece novo, onde também o saber do arquiteto, diplomado, sobrepõe-se ao do mestre-de-obras, velho e ultrapassado, que acaba sendo o argumento para uma questão que o cronista, ao final do texto, faz aparecer: “*E como é que havendo tantos e tão bons arquitetos, não há na cidade demonstrações visíveis e palpáveis de sua existência em edifícios dignos de um povo civilizado?*”

A marcha para o título dado por Coelho Neto de “Cidade Maravilhosa” estava em andamento. No final da primeira década do século XX, o Rio de Janeiro já conta com largas avenidas, onde circulam bondes elétricos e os primeiros automóveis. A cidade se modificava e o próprio Coelho Neto contava, em crônica, sobre personagens que ficaram para trás: dos leiteiros que paravam aqui e ali... das enormes carroças de água em pipas, da quitandeira que parava à porta oferecendo verduras e frutas, ou do passeio de grupos que “*iam ao Largo do Rossio tomar refresco entre as árvores, ouvindo os alemães, ou*

³⁰ BILAC, O. Chale e compoteira. In: BANDEIRA, M., op. cit., p. 388-390.

simplesmente ver as joias nos ourives".³¹ Mas isso era lembrança de um tempo que parecia ter ficado para trás. Agora, o desfile dos últimos lançamentos da moda ganhavam a rua e o teatro Municipal recebia famosas companhias de ópera e grandes concertistas. Nesse contexto, onde podemos enxergar o esporte? Que lugares inaugura ou em que espaços vai se sedimentar? Inaugura o Prado com o turfe e "*A primeira corrida no Jóquei*", contada por José de Alencar ainda em 1854, os lugares distantes, meio rural e meio urbano, "*no luxo e na concorrência, na animação e até na poeira*".³² Com o remo, o gosto pelas praias e o sol, o desfile na Avenida Beira-Mar em dia de regata; com o futebol — ganhando o espaço antes do cricket nos clubes — espalhando-se pelas ruas e campos de várzea; ou com o ciclismo no velódromo ou nas ruas onde muitos se arriscavam "*a dar de pés ao pedal das máquinas voadoras*".³³

Luiz Edmundo, em "*O Rio de Janeiro do meu tempo*",³⁴ oferece-nos muitas pistas para enxergar o esporte numa cidade em transformação, com suas mudanças não apenas físicas mas, e principalmente, de inter-relações e configurações. De acordo com esse autor, em boa parte do século XIX, viveu-se quase que indiferente ao "sport", dado que havia a crença de que o esforço físico era sempre nocivo à saúde. Nas décadas de 1850 e 1860, vê-se a organização de alguns grupos na participação de provas de regatas e, no ano de 1873, funda-se o "*Club Guanabareense, que realiza em 27 de agosto de 1876 a sua primeira corrida*".³⁵ Daí por diante, outras agremiações vão surgindo, como o Regatas Cajuense, fundado em 1885; o Club Regatas Internacional, em 1887; e, em 1892, funda-se o Club de Regatas Fluminense.

Ao que parece, e como já chamamos a atenção, essas práticas esportivas marítimas despertam o gosto por esses espaços litorâneos e dão a eles um sentido que vai além do local de trabalho dos pescadores ou do tratamento de saúde dos convalescentes. A esse respeito, vale anotar uma passagem que trata dos banhos de mar e das casas de banhos

³¹ COELHO NETO. *Vida urbana vista da Rua do Costa*. In: BANDEIRA, M., op. cit., p.186.

³² ALENCAR, J. *A primeira corrida no Jóquei*. In: BANDEIRA, M., op. cit., p. 209.

³³ BILAC, Olavo. *Manias: café-cantante*. In: BANDEIRA, M., op. cit., p.276.

³⁴ EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. RJ: Imprensa Nacional, 1938. As citações seguintes são feitas a partir desse texto.

³⁵ EDMUNDO. Op. cit., p. 856-857.

desse período, onde “uma dama de respeito, por essa época, toma seu banho sempre de madrugada, não raro entrando numa água onde ainda se reflete a luz prateada das estrelas”. É interessante ainda ver a descrição do traje de banho usado pelas mulheres:

Como indumentária de banho traz uma calça muito larga de besta tão áspera que, mesmo molhada, não lhe pode cinzir o corpo. Do mesmo tecido, um blusão com gola larguíssima, à marinheira, obrigada a laço, um laço amplo que serve de enfeite e, ao mesmo tempo, de tapume a uma possível manifestação de qualquer linha capaz de sugerir o feitio vago de um seio [...]. As calças vão até tapar o tornozelo, quando não caem num babado largo cobrindo o peito do pé. Toda a roupa é sempre azul marinho e encadardada de branco. Sapatos de lona e corda, amarrados no pé e na perna, à romana. Na cabeça vastas toucas de oleado com franzidos à Maria Antonieta, ou exagerados chapelões de aba larga tornando disformes as cabeças, por essa época em que os cabelos são uma longa, escura e pesada massa.³⁶

Vale salientar, e parece que a própria indumentária confirma, que o banho de mar



nessa época não era antes por prazer, mas uma receita a ser seguida. Numa análise que trata da história do desejo da beira-mar, da invenção do veraneio com a organização de balneários, A. Corbin nos mostra como o mar foi marcado por muito tempo pela interpretação bíblica do oceano caótico, incompreensível, demoníaco; no início do século XVIII, essa visão começa a mudar e surge uma concepção medicinal em que, aos males da civilização o banho de mar frio, gelado é receitado como panacéia.

Assim começaram, na Europa, viagens à

beira-mar distante e seus relatos interessantes e a própria ocupação da praia como local de passeio, banhos familiares e reuniões sociais.

Ainda no Rio de Janeiro do início do século XX, é possível perceber a direção das

³⁶ EDMUNDO, L. Op. cit., p 860.

mudanças de comportamento e, em especial, com relação às mulheres, a partir do relato de colunas de revistas. Na Revista da Semana, de dezembro de 1917, na coluna Carta de Mulher, uma passagem nos chama a atenção. Primeiro, porque, no meio da coluna, há uma foto de uma mulher em trajes de banho deitada na areia da praia do Flamengo, coisa que talvez não se pensasse em publicar até alguns anos antes. Depois, pelo próprio tom da narrativa que parece louvar o fato de que, embora causasse constrangimento, as mulheres embelezavam, com seu desfile em trajes sumários (como eram considerados à época), as calçadas que levavam em direção à praia e chamavam a atenção como a mais nova peculiaridade do modo de ser carioca. Isso demonstra uma participação feminina nos espaços públicos, o que era até então pouco usual.

Quem, pela manhã cedo, das seis às oito horas, passar pela Avenida Beira-Mar, ou por algumas das ruas transversaes que conduzem à praia do Flamengo, poderá vêr nesses trajos summarios muita senhora e senhorinha que a outra hora do dia ficariam ruborisadas se o vento indiscreto agitasse demais a saia do seu vestido.

Esse espetáculo matinal do Flamengo é, com certeza, o mais pittoresco que o Rio oferece aos estrangeiros, e parece que ha muitos amadores desse espetaculo, a avaliar pela afluencia dos que se debruçam na muralha do caés para assistir à sahida do mar das nereides e sereias e contemplar aquelle outro 'footing', bem mais attrahente que o da tarde e não menos frequentado .



Mulher na praia – Revista Selecta, 1917.

Podemos observar que não há um tom de censura, pois se trata de um “espetáculo” em que se premiam os “estrangeiros”. Mas também os moradores, ao que parece, em boa parte, passam a contemplar e participar dessa maneira de se colocar da qual as mulheres chamam a atenção pelo ineditismo que demonstra não só a mudança de comportamento social, mas também a esfera de um autocontrole específico, característico de uma sociedade centrada no “Eu” distanciado de um “Nós”, que caracteriza as sociedades menos diferenciadas. Podemos notar também que, pela questão da vestimenta, é possível perceber o deslocamento no sentido de uma maior liberalidade dos condicionamentos sociais. A rígida vestimenta de banho feminina denota um período em que um controle social mais abrangente caminha numa direção em que um autocontrole é mais distendido, frouxo.

Já que os impulsos estavam livres de determinadas amarras, o espaço público era, prioritariamente, definido pelo lado forte representado pela figura masculina. Só quando esse elemento civilizador, marcado pelo refinamento de certas ações e pelo comedimento do homem cordial, começa a se impor é que surgem as oportunidades de outros segmentos poderem ocupar com certa importância o espaço de convivência. Diferencia-se então o olhar sobre as mulheres, mas também sobre as crianças, por exemplo. Vemos que, à medida que esse autocontrole se firma, também a questão da vestimenta tende a tomar um rumo diferenciado e a participação feminina — e não só ela — aumenta nos lugares públicos.

Até aqui vimos falando basicamente de regatas e de ações próximas ao mar, porém não eram essas as únicas práticas esportivas que entusiasmavam o Rio de Janeiro em transformação. Ainda para Luiz Edmundo, *“há um tempo em que a cidade, sem possuir, ainda, um milhão de habitantes, dá-se, no entanto, ao luxo de exhibir nada menos do que quatro prados: o do Jockey, o do Derby, o do Hyppodromo Nacional e o do Turf Club. E todos eles cheios. E todos eles realizando corridas sensacionais”* (p. 866).

Entre 1870 e 1880, já várias escolas ofereciam aulas de ginástica e esgrima — como é o caso do Colégio Alberto Brandão que, na década de 1880, oferecia aulas de ginástica aos alunos que pagassem por elas, como descreve Raul Pompéia, em *O Ateneu*: *“os exercícios corporais efetivavam-se à tarde, uma hora depois do jantar, hora excelente, que habituava a digestão a segurar-se no estômago e não escorrer pela goela quando os estudantes se balançavam à barra-fixa, pelas curvas”*.³⁷ Assim, como vimos dizendo, os

³⁷ POMPÉIA, R. *O Ateneu*, p. 75.

esportes e os exercícios físicos compunham a atividade de muitos habitantes da cidade. Para além do ambiente escolar, já atingia, em suas diferentes manifestações, uma larga parcela da população; como também atestam os jornais do período com as inúmeras notas de ofertas de aulas de dança a serem ministradas nas próprias residências dos alunos.

Certamente a visão de Luiz Edmundo a respeito desses lugares do esporte não inibe uma análise que nos permita ver o que essas atividades criavam de novo. Esses espaços restritos às elites são, na verdade, uma das primeiras manifestações de inter-relações crescentes e denunciam, pela contraposição, o cenário caótico da cidade ainda sofrendo as dores das epidemias e da feição apertada da maioria de suas ruas e becos. Além da ocupação de espaço, a atividade ligada aos esportes fazia surgir figuras, como a dos Jockeys e os então chamados Sportmen, que era como se designavam os barões proprietários dos animais, como o barão de Vista Alegre, Dr. Costa Ferraz, entre outros.

*São quase todos coronéis os proprietários de cavallos. E coronéis de infantaria! Pertencem à Guarda Nacional, respeitável milícia, instituição quase belicosa, que ainda paga patente para defender a Pátria e que, enquanto não chega a hora do grande sacrificio, defende o orçamento do Ministério do Interior da Justiça, pagando por bom preço as patentes, encorajando o comercio de Kepis, das espadas e dos galões dourados.*³⁸

O cidadão, aquele que vive na cidade, vive também o esporte. E a cidade não assiste apenas como um episódio isolado, ela se vê nele e dele é a vida e a voz. A cidade passa a ser, crescentemente, um espaço de manifestação privilegiado, onde é possível ser sozinho e compor, no grupo, um tema comum. Para seguir adiante, vale a pena pensar um pouco a partir dessas novas configurações. É todo um processo de controle social e autocontrole que se estabelece e se estrutura. O que, na esteira do que vimos dizendo, são indicadores — aliados ao controle das conexões extra-humanas, ou seja, os fenômenos naturais — da etapa de desenvolvimento de uma sociedade em particular. Assim é que o grau de controle sobre as conexões inter-humanas e o grau de autocontrole, fruto de uma individualização crescente, são indispensáveis para o entendimento do processo de civilização esperado. Por isso é que, para pensar a cidade e o esporte, é preciso ter presente

³⁸ EDMUNDO, L. O Rio de Janeiro do meu tempo. Op. cit., p. 860.

esses elementos. É necessário compreender a ambos em sintonia com a dinâmica, mudanças e diversidade dos processos sociais não planejados.

Pensar o Rio de Janeiro, capital da República, a partir dessa relação com o esporte é pensar a cidade como um espaço vivo, em constante ebulição e de cujo movimento emergem as práticas capazes de explicar melhor o indivíduo, a sociedade e o meio ambiente, tríade inseparável, pois, “*tudo aquilo que provoca aglomerações, multidões e dissolução temporária da individualidade fomenta a vida na cidade*”.³⁹ Só assim é possível apontar novas trilhas ao estudo do esporte no Brasil.

A cidade, “*designadamente a grande aglomeração urbana é um dos órgãos mais representativos da nossa sociedade contemporânea. É, nas suas estruturas, a matriz que imprime sua marca a grande número de fatos sociais*”.⁴⁰ O esporte concebido como uma forma específica de passatempos das sociedades diversificadas e complexas da atualidade ou como espetáculo, carregado de significados, e potencialmente capaz de emergir como um campo de novas configurações. Portanto, pode ser apreendido como elemento possível de uma explicação acerca do processo civilizador brasileiro.

O que nos é importante mostrar é que o esporte, assim como outras práticas sociais, não é apenas uma simples representação do mundo. O seu caráter mimético — e mimético aqui no sentido elisiano, de uma ação que preenche de sentido o real que tem origem ou afinidades com as situações da vida — tem uma função social e uma individual diferentes e são sempre combinadas com uma espécie de prazer que pode ter um efeito cartático. Por exemplo, uma partida de futebol quando as esperanças da vitória e o medo da derrota movem-se de um lado para o outro e ativam sentimentos muito fortes, mesmo que num quadro de uma batalha imaginária. Além do mais, o esporte é uma das poucas atividades de lazer hoje em dia, em que os seres humanos lutam entre si direta ou indiretamente — demonstra as possibilidades de intervenção nesse contexto de variadas configurações humanas. É nessa trilha que vamos seguir, a partir das pistas deixadas pelos textos de alguns de nossos escritores, mostrando o esporte como uma maneira de se situar no mundo.

³⁹ HILLMAN, J. *Cidade e alma*, p. 75

⁴⁰ ELIAS, N. *A sociedade de corte*, 1987, p.14.

CAPÍTULO II

2 DO JOGO À ESPORTIVIZAÇÃO DOS PASSATEMPOS: o esporte no esforço civilizador brasileiro

...porque o costume, leitor amigo, é a
metade da natureza. Só o uso do
ouvido nos faz suportáveis ou
indiferentes a *baba de moça* e o *côco*
de catarro.
Machado de Assis

Cabe aqui fazer um intercessão para pensarmos mais e melhor sobre o papel do esporte que, a nosso ver, afigura-se como um símbolo, uma nova referência, enquanto portador do signo da “modernidade”, da “civilização” que, a partir do final do século XIX, é difundido nas diferentes cidades brasileiras.

Para continuarmos próximos ao modelo de análise que vimos adotando, buscaremos resgatar algumas considerações acerca do jogo e do esporte, sempre seguindo a idéia, no caso do esporte, de uma prática que se estrutura a partir de uma maior diferenciação de funções e que permite o surgimento de variadas e diferentes configurações humanas. Em seguida, tentaremos pensar possíveis inter-relações com o contexto brasileiro. Porém, para entendermos o esporte, algumas características mais gerais, como o controle das emoções e as funções miméticas, permitem-nos examinar a importância de sua inserção no contexto da sociedade brasileira do final do século como elemento explicativo das transformações sociais ocorridas por esses lados do Atlântico.

Se nos aproximarmos mais do esporte e pensarmos a questão a partir da idéia de “desportivização dos passatempos” como um processo diferenciador, dado que só é estabelecido a partir de uma diferenciação de funções por que passa a sociedade com a inauguração das mais diversas configurações, e se considerarmos também, entre os variados passatempos, os jogos, veremos que a análise do processo há de considerar a

prática de atividades com novos sentidos — e o esporte parece ser um caso — que segue numa direção diferenciada e demonstra novos níveis de inter-relações e comportamento.

Onde podemos buscar mais marcadamente essa distinção entre jogo e esporte? E como pensar a emergência deste no contexto da sociedade brasileira do fim do século XIX? São questões que nos fazem percorrer, para uma melhor compreensão, possíveis explicações acerca do esporte. Como configuração, como equilíbrio de tensão, como característica de um processo de individualização e/ou como expressão de um autocontrole, o esporte, cada vez mais representa uma resposta não planejada e em vários níveis a um equilíbrio entre prazer e restrição, nas sociedades com um leque de diferenciação crescente. Representa ainda uma forma de poder desfrutar de emoções; de prazer pessoal coerente com a expectativa dessas sociedades estados e suas grandes cidades, como o Rio de Janeiro que cresce e se transforma com grande intensidade, a partir da segunda metade do século XIX .

Pensemos no Rio de Janeiro das últimas décadas do século XIX. Pensemos num jogo muito divulgado e de grande aceitação na época do carnaval: pensemos no entrudo. De origem portuguesa, de início, o entrudo funciona, então, como elemento de socialização entre famílias de um mesmo nível social e permite, inclusive, episódios bem pouco tolerados em outros momentos que não aquele reservado quando de sua realização, como é de característica do jogo de uma maneira geral. Também se afigura como um momento de expressão de diferentes grupos sociais nas ruas da cidade. Um instante onde homens e mulheres, crianças e velhos, negros e brancos ganhavam o espaço público e faziam das bacias d'água e dos limões de cera, para uns; dos pós e papas para outros, um jogo que, quebrando a casca de cera, trazia para dentro da folia até aqueles que estavam apenas de passagem. Como a educadora alemã Ina V. Binzer, que saíra para ir ao dentista e de repente...água e cheiro de patchuli! Dessa experiência ela vai depois relatar, indignada, a uma amiga distante, o burburinho das ruas do Rio de Janeiro nos dias de entrudo:

Cercaram-me rostos onde se refletia o atrevido contentamento de quem vê diante de si a manifestação de uma fúria impotente: senhores elegantes, mulatinhos sujos, caixeiros vadios e até senhoras nas sacads pareciam transformados em demônios, rindo-se todos juntos como se tivessem conspirado contra aquela pobre infeliz torturada pela dor de dentes, alvejando-a com os tais objetos resistentes e

encharcante”.⁴¹

O jogo da molhadela, com o passar do tempo, à medida que empolgava muito mais gente, que empolgou tanto o povo mais simples, das ruas, quanto o segmento letrado mais distinto da nossa sociedade, como alguns literatos, passa a ser alvo de censura. Caracterizado por esses literatos como um jogo, a prática do entrudo é motivo de deliciosas lembranças. O escritor Machado de Assis, em um de seus textos, refere-se da seguinte forma ao jogo que tem no limão-de-cera um de seus símbolos: “*O limão de cera, que de longe podia escalavrar um olho, tinha um ofício mais próximo e inteiramente sereno. Servia a molhar o peito das moças: era esmigalhado nele pela mão do próprio namorado maciosamente, amorosamente, interminavelmente...*”⁴²

Entretanto, a prática do entrudo tomou um sentido característico: ganha as ruas e, com isso, para os nossos literatos, perde sentido, à medida que o seu projeto de sociedade civilizada vai se definindo melhor. Então, torna-se *insalubre e primitivo*, passa a ser motivo de reservas. Aliada a essa oposição, a prática passa a ser alvo da crescente interferência do poder público, com as sanções e punições características. É singular nesse aspecto a seguinte passagem:

Os escritores de boa nota estiram sisudos artigos espetando as autoridades; redobram de zelo os fiscais amiudando intimações; subdelegados amassam limões, urbanos confiscam seringas: nunca se viu contra ninguém perseguição tão bem organizada como contra o miserável entrudo”.⁴³

Note-se aí o caminho peculiar de um jogo que, tolerado quando jogado entre pares, passa a ser censurado quando estes enxergam que outros também se envolvem com sua prática. É nesse sentido peculiar a crítica do literato C. Laet, anos antes, quando fala que “*do lar doméstico onde o entrudo exerceu largos anos uma ditadura patriarcal, deu-lhe na*

⁴¹ BINZER, Ina V. Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora no Brasil. In: PEREIRA, Leonardo. *O carnaval das letras*. Rio de Janeiro: SMC, 1994, p. 35.

⁴² ASSIS, M. A semana. *Gazeta de Notícias*, 12 de fevereiro de 1893. Esse texto é parte da análise de Leonardo Pereira em seu estudo sobre o carnaval carioca no final do século passado, denominado “O carnaval das letras: os literatos e as histórias das folias cariocas nas últimas décadas do século XIX”. 1993. Dissertação (Mestrado em História) IFCH.

⁴³ LAET, C., Microcosmo, *Jornal do Comércio*, 11 de fevereiro de 1883. Citado por Leonardo Pereira, op. cit., p. 58.

venta descer à rua, e então assumiu uns ares de impertinência e selvageria que revoltaram a consciência dos povos e justificam a intervenção do urbano".⁴⁴ Assim, o entrudo atrai para si a desconfiança de setores da sociedade que reputam a missão de tutelá-lo e passa a merecer a censura do poder público que o enxerga então como uma manifestação *primitiva*, que atenta contra o bom gosto, a saúde e a moralidade pública, muito embora possamos considerar que, nos momentos de confraternização, como a procissão, a festa da Igreja, o entrudo e a prática dos esportes que começavam a despontar marcaram a rua com um novo prestígio no nosso sistema de relações sociais.

Para nós, na verdade, o que havia era um grande processo de mudanças que se refletiam no plano individual e da sociedade e onde o carnaval não podia passar alheio. O que está posto é que

*[Na] ressonância das transformações mais gerais ocorridas na sociedade local[Rio de Janeiro] sobre o 'polimento da folia', é inevitável portato reconsiderar o papel desempenhado pela civilização/modernização da cidade nas diversas dimensões da vida coletiva e o nuances da composição de grupos e a interferência exercida sobre os seus relacionamentos com outros grupos e, principalmente, nos seus modos de expressão e comunicação.*⁴⁵

Desse modo, o entrudo e o carnaval, de uma maneira geral, sofrem as interferências de um processo de interdependência crescente. O surgimento e incentivo das "grandes sociedades"⁴⁶ ao lado e distinta do entrudo, é mais um reflexo dessa diversificação. Essas mudanças que permitem o surgimento dessas "grandes sociedades" denotam uma ação mais privatizada e individualizada nos divertimentos dos dias de Momo. Do passeio de fantasia

⁴⁴ LAET, C. Microcosmo. *Jornal do Comércio*. 23-02-1979. Citado por Leonardo Pereira . O carnaval das letras, p. 41-42.

⁴⁵ FARIAS, Edson Silva de. *O desfile e a cidade: o carnaval - espetáculo carioca*. IFCH/UNICAMP. 1995, p. 13. Dissertação de mestrado.

⁴⁶ As "grandes sociedades", grosso modo, eram agremiações de associados com estatutos próprios e que inauguraram os desfiles em carros alegóricos no carnaval carioca, além de promoverem festas em suas sedes, apenas destinadas aos seus associados ou convidados. As quatro grandes sociedades da época eram: os Democráticos, os Fenianos, os Tenentes do Diabo e os Progressistas. Os Progressistas, ao contrário das outras três, não tinha sede na zona central da cidade, zona privilegiada e não contava com tantos sócios da "mais fina sociedade". Sua sede estava localizada na Cidade Nova, que era um bairro formado por negros e migrantes da Bahia que vinham tentar a sorte na Corte. Ver PEREIRA, L. *O carnaval das letras*. 1994, FARIAS, E. *O desfile e a cidade: o carnaval - espetáculo carioca*. 1995.

de diabo e da molhadela a pé pelas ruas centrais da cidade ao desfile com fantasias de luxo e em carros temáticos, vê-se a caracterização de uma manifestação com um sentido específico, um certo distanciamento e refinamento das ações.

Sentido distinto na sua gênese, mas semelhante no seu desfecho, tomou a capoeira que, como espaço de afirmação de autonomia de setores excluídos, é vista, nesse período, como fator de degeneração dos valores humanos e obra da parte ainda primitiva e, portanto, não civilizada da sociedade brasileira. Nesse contexto, a análise da capoeira pode nos ser também bastante rica. Ela, como manifestação daqueles que estão à margem da sociedade, é rechaçada, num primeiro momento, justo porque se assemelha às suas ações “primitivas”. Depois é vista como um componente lúdico, fruto do passado de um povo e, por fim, mais recentemente, aproxima-se de um fazer esportivo cada vez mais “cheio de aparato”.

Na Europa do século XVII, os jogos eram praticados tanto por crianças como por adultos. Essa diferenciação foi-se estruturando ao longo do século XVII no sentido de uma distinção que leva a aristocracia a buscar formas específicas de usufruir os passatempos. C. Sorel, citado por P. Ariès, anota, em texto publicado em 1642, a crescente diferenciação dos jogos e brincadeiras destinados às crianças e aos adultos e mais, entre os distintos segmentos sociais. Dizia ele que: “*como esses jogos são infantis, eles também servem para as pessoas rústicas cujo espírito não é mais elevado do que o das crianças nesses assuntos*”.⁴⁷ Note-se a procura de demarcar, a partir desse período, que aquilo que é popular merece ser visto com certa censura, com certa reserva, porque o popular passa a ser associado ao primitivo, não civilizado.

No Brasil do século XIX, as ações lúdicas que se manifestavam em jogos como o entrudo ou a capoeira sofreram esse tipo de observação à medida que se popularizavam. Como na Europa, e mais particularmente na Inglaterra, muitos jogos passaram por um processo de metamorfose que culminou com o aparecimento do esporte moderno e que demarcava uma nova postura das elites; entre nós, seu implante teve também o caráter de anunciar um novo ambiente de ação dos segmentos superiores.

Portanto, se assinalarmos o elemento ritualístico do jogo e, ao lado disso, pensarmos o processo de civilização ocorrido na sociedade brasileira, particularmente a do Rio de Janeiro, poderemos notar que, em relação ao esporte, o jogo não se apresenta como uma

⁴⁷ C. SOREL. “Maison des jeux”. In: ARIÈS, P. *História social da criança e da famílias*. 1981, p. 116.

antítese, mas parecem ser, ambos, componentes que podem explicar os distintos estágios por que passam as diferentes sociedades, ou seja, o esporte talvez se caracterize como síntese da construção de relações diferenciadas que tinham, até então, no jogo, um elemento de satisfação de suas necessidades inter-relacionais.⁴⁸

É também interessante a observação feita por Gilberto Freyre quanto ao caso dos jogos e brinquedos entre os meninos brasileiros do fim do século XIX e início do XX. Para esse autor, houve pouca ou nenhuma variação regional de conteúdo, sendo quase os mesmos entre os meninos de classes diferentes. Embora, salienta Freyre, para os de classe superior, o contato com uma segunda língua européia e principalmente a presença mais comum de uma governanta francesa, inglesa ou alemã nas nossas famílias mais bem situadas tenha-os feito estabelecer contato mais íntimo com ações mais diferenciadas, como andar de bicicletas ou jogar tênis.⁴⁹ Pode ser que esses contatos tenham mesmo favorecido o gosto pelos esportes, em substituição aos brinquedos mais tradicionais dos nossos jovens de classes superiores do início do século XX.

Dessa forma, o esporte pode ser a técnica aplicada ao que é considerado ação no jogo, aliado ao prazer do que se espera alcançar com ele. Como um *ritual* das sociedades modernas, o esporte traz elementos que lhe são ancestrais, o que permite que as pessoas penetrem num espaço existente e, ao mesmo tempo, aparentemente fora da realidade; que a adesão seja voluntária e, ainda, com sua base *mimética* e de *autocontrole* torne-se um espaço de ação singular nas cidades e sociedades-Estado altamente diferenciadas e regulamentadas da atualidade. Características estas que se iniciaram no Brasil das últimas décadas do século passado e que se desenrolam também em todos os debates, ações e representações acerca da República, no período de transição do século XIX para o século XX.

É nosso propósito aqui pensar a emergência dos passatempos esportivizados como uma prática que se amplia no ambiente urbano e que corresponde ao projeto de sociedade possível de ser percebido nos textos de alguns literatos, ainda nesse período, e que avança

⁴⁸ É nosso propósito mais adiante lapidar melhor essa diferença que vimos procurando fazer entre jogo e esporte. A distinção, porém, ocorre em nível da análise que estamos tentando estabelecer no sentido de melhor caracterizar essas atividades que, embora possam ser situadas também no campo do tempo livre, são altamente regulamentadas e caracterizam um tipo de ação próprio de sociedades diferenciadas.

⁴⁹ Cf. FREYRE, G. *Ordem e progresso*, p. 196.

pelas primeiras décadas do século XX. O esporte é, nesse *esforço de civilização*, um componente de “ascensão social”, de “educação” e, à medida que as camadas populares se apoderam de sua prática, também se verifica um fator de “identidade” na relação entre os *outsiders* e os *estabelecidos*, fator ainda pouco explorado no contexto do esporte brasileiro.

Como “identidade” e “educação” caracterizam a visão dos primeiros praticantes do esporte no Brasil, são singulares afirmações como as que só enxergam ser possível praticar algum esporte pessoas com um mesmo nível educacional. Como bem sublinha a afirmação a seguir: “*O foot-ball é um sport que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo - pois, sendo intrinsecamente violento, ele teria na boa educação um de seus requisitos básicos*”.⁵⁰

Note-se aí, além do fator de distinção requerido, a reclamação de atitudes específicas características de um autocontrole introjetado e esperado pelo praticante do *sport*.

Por outro lado, se considerarmos as inter-relações sociais como relativamente autônomas e até certo ponto como relações funcionais auto-reguladas, não guiadas por objetivos ou intenções e não se esforçando por alcançar metas fixadas pelos valores correntes, compreenderemos melhor o viés de ascensão social tomado pelo esporte no contexto da sociedade brasileira. Viés este que fica bem caracterizado em citações como a seguinte:

*As maiores vantagens e talvez mesmo quantias mais ou menos avultadas são-lhes oferecidas, sendo, entretanto, mais comum a premissa do emprego. E o que muitas vezes um pobre chefe de família não consegue obter para matar a fome dos seus, é encontrado logo para um indivíduo quase analfabeto, indecente, sem aptidão para qualquer trabalho, mas que é um exímio manejador da esfera de couro.*⁵¹

Mas, para bem antes do futebol, é possível anotar e notar que, ainda em meados do século XIX, os esportes já merecem algum destaque entre setores da elite no município da corte, que se referem ao turfe como “*essa poderosa força esportiva, econômica e*

⁵⁰ JOFFRE (Alberto Silveiras) A nossa campanha, Sports, 6-08-1915. In: PEREIRA, L. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*, p. 105.

⁵¹ “Crônica da semana”, Sport Ilustrado, 26 de março de 1921. In: PEREIRA, L. op. cit., p. 228.

social[que] começou no Brasil a mais de um século [sic], sempre sob a proteção dos governos e contando com a dedicação das mais destacadas personalidades da política, do mundo dos negócios ou de grande projeção na sociedade".⁵² Sendo o turfe, para a elite, pensado como elemento distintivo, era, para os jovens pobres, os Jockeys, *com grandes ordenados*, conforme sublinha nota na imprensa carioca, o já referido componente de ascensão social. Era também um ambiente onde uma parcela da população se inseria como forma de conquistar um espaço de trabalho e participar de ações diferenciadas. Embora, nesse contexto, os cavalos e seus donos merecessem muito mais atenção do que os jóqueis.

Além do mais, o turfe criava lugares, modo de comportamento e, ainda, deixa-nos antever aspectos da cidade, como os descritos por Olavo Bilac, em final do século passado, no Rio de Janeiro:

*O espetáculo do prado - as arquibancadas, como o vasto canteiro de flores humanas, pompeando ao sol, o esplendor das claras toaletes de verão num delírio de cores, num embaralhamento deslumbrante de fitas, de plumas, de rendas, o recinto de pesagem, cheio de força dos sportmen suados e ofegantes, discutindo, rixando e berrando[...] junto aos guichês disputando as poules a murro e a ponta pé, e os botequins ressoantes de clamores, de tinir de copos, de estalar de rolhas, e a raia, embaixo lisa, batida, iluminada de luz, por onde os cavalos voavam...*⁵³

Repare que a expressão “espetáculo do Prado” já denota uma ação voltada para uma inter-relação crescente, em que as arquibancadas passam a ser vistas como um vasto canteiro humano. O Prado, foi um lugar inaugurado pelo esporte e por ele sedimentado na vida social urbana. A ação no esporte marca a participação dos indivíduos no espaço das ruas e praças e marca, principalmente, a presença da mulher até então tão recatada. Presença que o cronista se esforça em apontar com “*o esplendor das claras toaletes de verão num delírio de cores, num embaralhamento deslumbrante de fitas, de plumas, de rendas...*”, num contraste com a presença masculina dos sportmen “*suados e ofegantes, discutindo, rixando e berrando...*” e, como que a tudo subordinando com seu espetáculo

⁵² COSTA. O turfe de outrora. In: MELLO, V. Coletânea do III encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, p. 447.

⁵³ O BILAC. Manias: café-cantante. In: *O Rio de Janeiro em prosa e verso*, p. 275.

de novidade e emoção, a raia *“iluminada de luz, por onde os cavalos voavam, entre aclamações delirantes!”*

2.1 Jogo e Esporte: cara e coroa

No caso do Brasil, não há, tomando por base o ocorrido em alguns países europeus, e na Inglaterra em particular, uma passagem sincrônica do jogo popular e ritualístico ao esporte ou jogo esportivizado. Em nossa opinião, há, na verdade, o “implante” de uma prática específica ao lado dos jogos de caráter popular. Referimo-nos aqui ao termo implante, porque o esporte chega até nós, não por um amadurecimento contínuo, que permitiu a passagem de uma ação mais simples para outra de caráter mais complexo, apoiado numa técnica específica, que parece caracterizá-lo; mas por uma ação deliberada e dirigida para determinados setores da elite brasileira. Parece-nos, porém, que, para entendermos esse implante, devemos considerar que

- * o contexto social, a partir de meados do séc. XIX, reclama mudanças (abolição, identidade nacional, imigração, etc.);
- * as inter-relações sociais se ampliam e diversificam;
- * o jogo como ritual é uma prática ancestral e por isso incapaz de atender à expectativa da sociedade em mudança, e o esporte, como técnica ritualizada, é a materialização de ações (educação, autocontrole...) no sentido das mudanças sociais diferenciadas.

Portanto, aqui, para além de pensar a distinção entre jogo e esporte por aspectos físicos, por exemplo: material, espaço de realização, marcação de tempo, etc. propomo-nos a pensar a partir das inter-relações pessoais possibilitadas pela diversificação de funções, entendida aqui como uma pressão exercida desde baixo, e que aponta na direção de um processo de individualização crescente, permitindo o surgimento de novas configurações.

Assim, propomo-nos a realizar uma análise no sentido inverso ao que normalmente é apresentado, em que transparece uma idéia vaga de que os jogos de uma maneira geral esportivizaram-se, tomando um sentido considerado, muitas vezes, como que “decadente” no contexto cultural. Nessa perspectiva, faremos um breve paralelo entre a investigação de Huizinga sobre o jogo e o esporte e algumas observações a partir da obra de Norbert Elias.

O jogo, para Huizinga, tem contato com o esporte, principalmente, quando considera o elemento lúdico na cultura contemporânea. Esse autor, porém, acredita que o esporte perdeu seu caráter sacro, tornou-se profano, “*deixou de possuir qualquer ligação orgânica com a estrutura da sociedade*”⁵⁴ e por isso não está elevado ao nível de uma atividade culturalmente criadora. Elias, por seu lado, longe de querer negar o valor lúdico da sociedade contemporânea, procura mostrar as diferenças no longo percurso, que nos permitam detectar as necessidades específicas que possibilitaram a transformação de determinadas ocupações recreativas em esporte. Fato que tem, no “*descontrole-controlado*” das emoções, uma de suas características mais marcantes.

Ainda é interessante notar que, em seu *Homo Ludens*, Huizinga aponta os seguintes fatores que levaram a Inglaterra a ser o berço da moderna vida esportiva: a autonomia dos governos locais, encorajando o espírito de associação e de solidariedade; a ausência de serviço militar obrigatório; as formas de organização escolar; a geografia do País e a natureza do terreno.⁵⁵ Observemos que fatores muito específicos, como numa relação de causa e efeito, parecem dominar o surgimento das práticas esportivas. Huizinga certamente desconsidera outras relações que encampem as práticas sociais ou, por outra, que sejam essas relações que construam essas práticas.

Já a análise de Elias caminha no sentido de uma explicação que compreenda essa prática como componente de um processo não planejado e que tem, nas inter-relações com outros processos sociais, a possibilidade de um entendimento de um processo em larga escala e em diferentes níveis, culminando com comportamentos sociais diferentes dos da fase anterior. Assim é que, para Elias, há um processo de “parlamentarização” e um processo de “desportivização” dos passatempos ocorrendo concomitantemente na Inglaterra.

Se, para Huizinga, a distinção entre amadores e profissionais (ou cavalheiros e jogadores) é um fator de degeneração do jogo, pois “*o espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação*”; para Elias, esse fato é componente de uma explicação que aponta uma diversificação de funções e ainda como

⁵⁴ HUIZINGA, J. *Homo ludens*, p. 220.

⁵⁵ Op. cit., p. 219.

fator de um processo de diferenciação individual característico, que toma a prática do esporte como que voltada para si, para o Eu e, numa outra direção, voltada para o “outro”, ou para o Ele. O que talvez Huizinga não tenha percebido foi que, assim como sua análise sobre a arte e a música que se tornaram mais “íntimas”, mais individuais no decorrer do século XIX para o século XX, também o caráter lúdico dos passatempos apareceu diferenciado — podemos dizer mais individualizado — nas práticas esportivas.

A análise do esporte sem essa consideração fica como que devedora de uma explicação mais detalhada de seu papel, dado que não considera esse processo individualizador característico não apenas das práticas esportivas, mas de um modo de ser próprio das sociedades diferenciadas e altamente reguladas que conhecemos e onde vivemos.

Daí um ponto de análise de Huizinga que deixa a desejar é justamente o de não perceber o esporte como um componente “culturalmente” novo nas formações sociais hodiernas e que aqui vimos privilegiando como tal. O esporte aparece, entre nós, como um componente diferenciado e diferenciador. Como um elemento da “moderna ação” que se estabelece ainda no século XIX e marca uma nova maneira de se relacionar com os fenômenos naturais e com os outros. Diferenciado, portanto, porque mais voltado para a ação de cada indivíduo, marcando a distinção entre uma maneira de viver a esfera lúdica num sentido mais regulamentado e autocontrolado. Diferenciador, porque encampa aqueles *“cujos haustos respiratórios são verdadeiros hinos de agradecimento à natureza. [E que] não usa entre os dedos a bengalinha fina mas a clava potente do remo que vos espessa a epiderme das mãos, vivifica-vos o corpo e retempera-vos a alma”*.⁵⁶ Ou, ainda, a distinção cada vez mais alardeada daqueles que manejam com habilidade a “esfera de couro”.

Jogo e esporte são, no âmbito deste trabalho, entendidos como ações que caracterizam diferentes — porém não distintas — esferas de sociabilidade e inter-relações. Dado que o jogo não acabou para dar lugar ao esporte, este é entendido como uma prática que vem atender às expectativas de uma elite que passa a ter na esportivização de suas ações lúdicas um passatempo predileto. Dessa forma, entendemos que a emergência de práticas de passatempos com formas esportivizadas que conhecemos hoje é característica de formações sociais, de configurações que, no Brasil, vão-se estruturando a partir de

⁵⁶ O homem e o sport. In: A Gazeta de Notícias de 13-05-1906.

meados do século XIX, carregadas por fatores como a diminuição e suspensão do tráfico de escravos, a chegada dos imigrantes europeus, a diversificação de funções e, ainda, o crescente sentimento de formação nacional ou *habitus*, que ganha espaço entre as classes letradas.

Essa emergência de práticas também reafirma um tipo de ação esperada em sociedades cada vez mais diversificadas e reguladas no sentido do controle social das emoções e, ainda, de um autocontrole emocional que se reflete em nível das ações motoras. O que se controla não são os sentimentos, mas o movimento, a parte atuante de um estado de agitação de todo o organismo. E, por isso, é preciso pensar essa relação a partir também de um sentimento de identidade que se estrutura a partir dos *outsiders* — como uma prática que se inicia num contexto específico de um grupo social, mas que se expande para além daquela configuração pela ação dos que apreendem uma prática social e a ela conferem um sentido diferenciado. Assim, a prática dos esportes que, no Brasil, também se estruturou como uma ação das elites no usufruto de seu tempo de lazer é, em vários de seus aspectos, incorporada por outros segmentos — como praticantes ou assistentes, no caso dos esportes — e assume uma característica peculiar, cujo maior exemplo é o futebol. Futebol que, no Brasil, como já disse G. Freyre, acumulou e condensou “*velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca da sublimação*”.⁵⁷

Parece-nos necessário mais uma vez afirmar que, no Brasil de meados do século XIX em diante, está em jogo, principalmente para as elites dirigentes, a construção de uma nação que precisa ser “organizada” tanto racialmente — com a presença cada vez maior do elemento branco — como política e socialmente, com o fortalecimento das instituições do Estado, a formação de um sistema educacional mais abrangente e a reforma de centros urbanos mais influentes. Todos esses atos, em grande medida, espelhados nas mudanças ocorridas nas nações européias, em especial na França e na Inglaterra.

Nesse contexto, emerge todo um leque de ações e práticas que buscam se assemelhar ao modo de ser dos países mais “civilizados”. Reforma-se o discurso político, com uma crescente ênfase na abolição e na República inspirada no exemplo francês. Cresce o discurso dos higienistas e com ele a necessidade de uma reforma sanitária e urbanística. Cresce o movimento por uma educação mais abrangente e sob a tutela do Estado, que

⁵⁷ G. FREYRE. Prefácio. In MARIO FILHO. O negro no foot-ball brasileiro. RJ: Irmãos Pongetti ed. 1947.

contemple uma higiene corporal e uma ginástica que fortaleça o “tipo físico” e moral do brasileiro,⁵⁸ centrada numa perspectiva dos fundadores da ginástica francesa, para quem “*a beleza só pode existir no homem vigoroso, em plena posse de seus recursos físicos; ela é a consequência da perfeição de seus órgãos e é inseparável da agilidade e da força adquirida pelo exercício*”.⁵⁹ Assim, aumenta o intercâmbio com a Inglaterra e a importação de produtos manufaturados; modifica-se o modo de vestir, com maior ênfase nos tecidos de tons sóbrios, principalmente para os homens; distingue-se o comportamento com a assimilação crescente de práticas como a do esporte, agora centrado em regras e espelhado num tipo de comportamento “civilizado”, diferente dos jogos populares tão livres, relacionados com o mundo infantil ou com as festas populares, e lembrando um passado colonial ainda não muito distante, com a ausência de um ordenamento mais eficaz.

É nesse sentido que o esporte passa a ocupar um lugar de crescente destaque nos passatempos de uma camada social específica. O esporte, como prática associada aos costumes do velho Continente ou como ação diferenciada, já que pautada por regras, e exigindo um certo modo de se comportar, ocupa um espaço cada vez mais amplo nesse processo de inter-relação crescente que se estrutura entre nós, nesse período de declínio do patriarcalismo rural e de emergência de centros urbanos cada vez mais influentes.

Acreditamos que assim podemos pensar o esforço civilizador ocorrido no pedaço lusitano da América, a partir da compreensão da ação no esporte, como uma ação que, pelas suas características configuracional e mimética, já anotadas anteriormente, pode-nos permitir identificar os caminhos de um “processo civilizador” no Brasil. Um esporte que se desenvolve nos embates entre as culturas diversas que concorrem para a formação da nação brasileira, que proporciona como que uma readaptação a um modo de vida cada vez mais característico do viver “para si” das cidades em transformação constante. Fato que é considerado, no âmbito deste trabalho, como componente de um processo de inter-relação crescente, de configurações diversas que vão caracterizar a sociedade brasileira a partir da

⁵⁸ A preocupação com a formação de um tipo físico para o brasileiro permeou o discurso de muitos políticos do último quartel do século XIX. E, no tocante a um projeto de Educação Física, vale destacar a participação de Rui Barbosa nesse debate com seu parecer sobre a reforma do ensino de 1882. A esse respeito, confira LUCENA, R. “Quando a lei é a regra”, SOARES, C. L. “Educação Física: raízes européias e Brasil” e CASTELANI FILHO, L. “Educação Física no Brasil: a história que não se conta”.

⁵⁹ DEMENY, G. Les bases scientifiques de l'éducation physique. In: SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo*, p. 109.

segunda metade do século XIX . E é para situar melhor essa percepção do esporte como parte de um processo, que nos deteremos nas páginas seguintes.

2.2 Pôr que o esporte...

É sempre importante ter em mente que a teoria dos processos civilizadores busca tornar compreensível a *idéia geral de mudanças comportamentais* e, através da comparação com as estruturas de uma fase anterior, projetar nova luz sobre o que é problemático na fase atual. É preciso também considerar que, quanto mais radicalmente adentrarmos na riqueza dos fatos particulares, na procura das relações e regularidades do passado, mais vivamente se apresenta aos nossos olhos um contexto firme de processos dentro dos quais são reunidos os fatos dispersos. Quando o problema é o esporte, é imprescindível perceber que o tratamento do tema passa, antes de mais nada, por alguns aspectos básicos e inter-relacionados que vale a pena aqui enumerar: 1) a formação das nações Estados modernos; 2) a democratização funcional — entendida também como uma pressão estrutural cada vez maior vinda de baixo; 3) a difusão crescente do esporte através da rede de interdependências. Poderíamos acrescentar, ainda, a esses aspectos a auto-regulação ou autocontrole, já que, “*no decorrer de um processo civilizador, o mecanismo de autocoção torna-se mais forte que as coações externas*”.⁶⁰

No nosso entender, fica claro que dois sentidos complementares se destacam quando da análise do esporte. Primeiro, quando pensamos o esporte na sua forma profissional ou de elite, destinado não só aos praticantes, mas também a uma assistência cada vez maior. O segundo momento, num sentido recreativo, em que o esporte se destacaria dentre um lastro de outras atividades com caráter de lazer.

Portanto, para dar conta do nosso objetivo, que é pensar o esporte na cidade, tendo como base uma sociedade em crescente diferenciação, faz-se necessário passar por esses aspectos anotados anteriormente.

Apenas para ratificar o que dissemos, é importante observar que esse processo de

⁶⁰ ELLIAS, N. *Os alemães*. Ver em especial parte I, *Civilização e Informalização*.

autocontrole ocorre pela transformação “*da compulsão externa interpessoal em compulsão interna individual*” que, podemos afirmar, continua a aumentar nas sociedades hodiernas. Assim,

...os autocontroles individuais autônomos criados dessa maneira na vida social, nesse momento se interpõem mais severamente do que nunca entre os impulsos espontâneos e emocionais por um lado, e os músculos do esqueleto, por outro, impedindo mais eficazmente os primeiros de comandar os segundos (isto é, pô-los em ação) sem a permissão desses mecanismos de controle.⁶¹

Ora, é nesse sentido do controle mais firme, mais geral e mais uniforme das emoções, como característica da mudança civilizadora, que podemos pensar, então, na prática do esporte como uma ação só possível a partir do exercício dos controles, elaborados como uma maneira de expressão necessária, característica das sociedades individualizadas e reguladas, e no monopólio da força física centralizada, como papel exercido pelo Estado. Esses elementos estão cada vez mais presentes no Brasil do século XIX. Uma prática do esporte que permita um *descontrole controlado* e caracteriza um processo de individualização crescente. Mas aqui pensamos a *individualização* não como um estado, mas como uma relação construída a partir de uma crescente interação e dependência — uma *configuração*⁶² — ou seja, estabelecem-se inter-relações que permitem ser as relações humanas balizadas no processo civilizador, não como campo da *liberdade* ou da pura dominação, mas como um processo de *libertação*. Isso porque o processo se manifesta por possibilidades de encontrar formas de expressões sociais aceitáveis, a partir de um crescente controle social e do autocontrole individual.

Além do mais, para entendermos esse processo de individualização como um componente que permite a emergência de práticas sociais como o esporte, é preciso considerar ainda que todo indivíduo nasce num grupo que lhe é anterior e que, de certa forma, vai dar-lhe margem a um grande leque de individualidades possíveis. Nesse sentido,

⁶¹Op. cit., p. 245-246.

⁶² Mais adiante vamos nos deter um pouco na tentativa de nos aproximarmos do conceito de configuração e sua importância para este estudo. Na obra de Elias, uma leitura sobre o tema pode ser feita em “Deporte y ocio en el proceso de la civilización”, escrito em parceria com Eric Dunning, e na obra “Introdução à sociologia”.

a criança é a possibilidade do adulto e a história da sociedade está baseada nessa relação, ou seja, na história do ser humano individual e no fenômeno de crescimento até a idade adulta. Contudo, da análise resulta um componente que não é simples evolucionismo, mas que considera as inter-relações e a diversidade de funções como instrumento de novas configurações. Como é um processo que não depende de uma pessoa individualmente, nem de grupos de pessoas tomados isoladamente, o seu caminho pode ser melhor percebido na longa duração, que permite as transformações e mantém perceptíveis as características estruturais.

Assim é que, como a criança, a sociedade, à medida que “cresce”⁶³, individualiza-se e estabelece relações mais complexas. Referimo-nos à criança, também comparando formas de comportamento que se tornam menos oscilantes à medida que esta cresce. Ou seja, num período anterior no contexto social, assim como na vida de uma criança, havia uma variação muito maior de comportamentos. É essa individualização, pautada num autocontrole específico que, a nosso ver, vai permitir o aparecimento de práticas como a do esporte nas sociedades cada vez mais diferenciadas.

Como já frisamos, pensar a individualização como processo é pensá-la como algo móvel, mutável e diferenciador. Diferentemente de “individualidade”, que é um conceito mais ideológico, dado que surge com a burguesia e se traduz por um modo de ser característico, individualização é uma questão de relação e, portanto, um modo de ser construído a partir da crescente inter-relação e de uma mútua dependência. Individualidade é o “dever-ser”, é uma escolha. Já a individualização é o “sendo”, uma construção social.

Na história da humanidade, é possível notar-se que, quanto mais o homem era regido pelas forças da natureza, menos diferenciadas eram suas atitudes, seus comportamentos para com os demais. O grupo era o princípio e o limite. Porém,

Quanto mais variada e diferenciadamente essas forças instintivas são contidas, desviadas e transformadas — primeiro pelo amor e medo dos outros, depois também pelo autocontrole —, mais numerosas e

⁶³ Essa relação serve para exemplificar o grau de complexidade, indicando que, tanto na vida individual como em uma sociedade, as inter-relações tendem a se ampliar com o passar do tempo. Quando criança, o indivíduo mantém um restrito núcleo de relações, muitas vezes apenas com os pais, e a medida que cresce seus contatos e interações vão se alargando para além daquele núcleo familiar. Na sociedade dá-se um processo semelhante. Quanto mais oportunidades de diversificação entre indivíduos, mais a sociedade se expande para além dos limites originais.

*pronunciadas se tornam as diferenças e seu comportamento, seus sentimentos, seus pensamentos, suas metas e, inclusive, suas fisionomias maleáveis: mais 'individualizados'[grifo nosso] tornam-se os indivíduos.*⁶⁴

Aqui fica claro que o deslocamento do eixo da luta homem x natureza para a questão do indivíduo x sociedade, em que a busca da diferenciação individual logrou ganhar mais espaço, como um processo historicamente construído, não é uma escolha do indivíduo, mas um comportamento socialmente exigido e aceito na maioria das sociedades com um nível de diferenciação de funções elevado. Assim é que o controle maior sobre as forças naturais vem-nos libertando das rígidas antíteses que freqüentemente dão origem a uma abordagem míope dos problemas humanos. É por eles que nos libertamos para muitas outras tarefas, que não a de lutar constantemente pela sobrevivência. Podemos, para além da satisfação das necessidades mais urgentes, elaborar e reelaborar ações a partir de comportamentos diferenciados e com sentidos variados.

Mas, vale a pena ainda atentar para um outro fator, quando falamos dessa *individualização* e que, a nosso ver, funciona como a rede maleável, onde se move e se estrutura o processo civilizador. Falamos aqui da *interdependência humana*. A individualização não é só um processo contínuo, interminável. Ela é definida justamente pela relação com as questões da interdependência. Só pela idéia de *interdependência humana* podemos superar a dicotomia liberdade — determinismo, dado que ela é fruto da observação de que cada indivíduo é tributário, desde a infância, de uma multidão de indivíduos inter-relacionados, unidos pela dependência criada na diversificação de funções.

Por isso é que, “quanto mais diferenciada a sociedade, maior o adensamento das interdependências, que são ‘funcionais’ justamente porque exprimem o caráter relacional que dá corpo e densidade ao ‘todo’ (seja ele a sociedade, a família, o grupo profissional, etc).⁶⁵ A interdependência é, por seu lado, o contraponto que torna a individualização componente de um processo civilizador constante e não planejado. Passível, portanto, de recuos e de retrocessos.

No capítulo III, de “A sociedade dos indivíduos”, Elias vai, entre outras coisas,

⁶⁴ ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*, p. 117.

⁶⁵ WAIZBORT, L. Elias e Simmel. In: WAIZBORT. (Org.) *Dossiê Norbert Elias*. SP: EdUSP, 1999.

tentar demonstrar que, no longo percurso da história humana, o mundo, a sociedade e a linguagem são processos sem começo⁶⁶ e, nesse percurso, há uma tendência ao desligamento das pessoas dos grupos tradicionais. A tribo, a família ou até o Estado quanto mais interagem com outros grupos, mais se diferenciam, pela afirmação de suas características básicas; e mais se assemelham, pela aquisição de costumes do grupo com o qual passa a interagir. Assim, mais diferenciadas são as experiências gravadas na memória dos indivíduos no curso do desenvolvimento social e maior é a probabilidade de individualização. No Estado moderno, por exemplo, quanto maior a margem de decisão do indivíduo, maior o controle recíproco entre dominantes e dominados e maior a possibilidade de individualização pessoal. Isso significa que um pressuposto da individualização é uma larga abertura do poder de decisão e liberdade de escolha oferecida pelo Estado a seus membros o que reflete, e também é reflexo, das transformações da estrutura das funções sociais e das mudanças nos relacionamentos entre as pessoas.

Nesse contexto, tentaremos entender o esporte no sentido que denotam os jogos de competição. Em particular, os que se originaram na Inglaterra e que passaram posteriormente para outras sociedades. Esse procedimento nos permite apontar enganos no entendimento sobre essa prática, entre eles, o da relação dos jogos de competição na Antiguidade Clássica e os desportos atuais. Uma outra diferença, de caráter mais amplo, diz respeito ao primeiro aspecto apontado e que se refere ao monopólio e controle institucional da violência física, muito mais fundamental nas sociedades-Estado contemporâneas que nas cidades-Estado gregas. De uma forma mais direta, podemos apontar algumas diferenças entre os jogos de competição gregos e os desportos modernos. Entre elas, podemos destacar: a ética dos jogadores, as normas pelas quais eram jogados, as regras das competições, etc.⁶⁷

Porém, o fundamental para a proposição feita é o entendimento do controle da violência pelo Estado e o autocontrole, nas sociedades altamente diferenciadas, como componentes indispensáveis para perceber a estrutura e organização das atividades denominadas esporte, já que há uma conexão profunda entre as alterações na estrutura

⁶⁶ Op. cit. Este cap. III, escrito em 1987, é como uma síntese do livro em que o autor busca aprofundar mais as questões referentes ao problema da relação entre indivíduo e sociedade.

⁶⁷ ELIAS, N. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*, p. 63.

social e as mudanças no comportamento e nas emoções dos indivíduos. Por isso é que, também comparando essa forma de exercícios corporais competitivos altamente regulados com outros jogos competitivos em épocas pregressas, poderemos perceber o flutuante nível de civilização das competições esportivas.

Quando falamos em “controle”, estamos entendendo, da forma como já nos referimos antes, não como o controle próprio dos sentimentos, mas “*a parte atuante de um estado de agitação de todo o organismo*”, o “movimento”.

Assim é que a “desportivização” está no mesmo patamar de importância atribuída ao refinamento das ações como forma de denotar o sentido civilizador alcançado, sendo, portanto, um componente a mais nesse processo. O quadro de regras próprias do esporte, orientado pela idéia de “justiça”, de igualdade de oportunidades, associado a uma vigilância maior quanto ao seu cumprimento, possui um caráter comparável de impulso civilizador, fruto da incorporação e disseminação daquelas minuciosas regras de etiqueta, que foram alvo das análises de N. Elias. É nesse sentido que o esporte, pela excitação que promove, proporciona como que uma readaptação mental aos costumes emergentes no mundo moderno.

Não obstante termos em conta as mudanças mais gerais ocorridas ao longo do século XIX e também de parte do século XX, na “forma e conteúdo” do esporte, há um conceito-chave e indispensável para se compreender o caminho de análise percorrido e que compõe um daqueles três itens apontados no início do nosso texto. Esse conceito é o de *Configuração*,⁶⁸ porque, se todo esporte é uma forma organizada de tensão em grupo, só há que se pensar na busca de um *equilíbrio de tensões* nesse processo configuracional engendrado pelas práticas dos variados esportes. Ainda mais se considerarmos que a idéia de configuração está associada ao que é comumente designado por “estrutura”, dado que, para a Sociologia contemporânea, como estruturas estão consideradas as pessoas enquanto sociedades e aqui, como configurações, quando as encaramos enquanto indivíduos. As configurações são, portanto, reuniões de indivíduos em grupos e o esporte enquanto

⁶⁸ O conceito de Configuração ou Figuração é central aqui, porque buscamos, através dele, diluir o constrangimento de se pensar em Indivíduo e Sociedade como se fossem duas entidades antagônicas e diferentes. Tentamos elaborar uma análise que compreenda esses conceitos de forma integrada e complementar. Para uma maior proximidade com esse tema, remetemos o leitor para a obra de Elias denominada “Introdução à sociologia” e, em especial, as páginas 140 - 145.

configuração é “*uma atividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes*”.

O esporte, como configuração, como equilíbrio de tensão e ou como expressão de um autocontrole, cada vez mais representa uma resposta não planejada e, em vários níveis, nas sociedades de hoje, há um novo equilíbrio entre prazer e restrição e, talvez, uma forma de poder desfrutar de emoções, de prazer pessoal coerente com a “expectativa” nas sociedades Estados dos dias atuais.

Mas, como pensar o esporte para além da idéia de afeição, de passatempo, que também caracteriza esta prática hoje em dia? Ou como é possível, por esses dados arrolados até aqui, analisar o esporte como profissão, como “seriedade” que crescentemente foi-se aproximando da prática esportiva no Brasil das primeiras décadas do século XX? Ainda aqui aqueles três fatores podem nos dar as pistas para entender essa “estrutura”, que chamamos esporte, formada por seres humanos interdependentes porque “*em todos os níveis de participação, porém de forma mais patente, o desporto de alto nível[segue] em direção a uma crescente competitividade, seriedade na participação e busca de triunfos*”.⁶⁹

Podemos partir do pressuposto de que a afeição ao esporte é parte de um processo iniciado numa configuração social em que grupos puderam construir formas de participação desportivas “dirigidas a si mesmos” e que, com o nascimento dos estados nacionais, logrou-se chegar a formas desportivas mais “dirigidas ao outro”. Por ser assim é que os desportistas de mais alto nível, e até aqueles de níveis inferiores que se espelham no esporte profissional, não podem ser independentes e jogar só por diversão, porque se vêem obrigados a uma participação desportiva séria. Esses desportistas invariavelmente representam unidades sociais de grande tamanho, como cidades, estados e países, aumentando consideravelmente sua responsabilidade perante promotores e platéia dos espetáculos esportivos e isso porque a relação para com o “outro” se sobrepõe à relação “para si” mais característica das atividades de lazer presentes no tempo livre.⁷⁰

Talvez valha a pena anotar aqui como é possível considerar essa relação “para si” e

⁶⁹ ELIAS, N. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*, p. 247.

⁷⁰ A esse respeito, o leitor poderá encontrar, com mais detalhe, o entendimento de tempo livre e lazer em Elias, nos capítulos I e II iniciais do livro “*Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*”, intitulados: “*La búsqueda de la emoción en el ocio*” e “*El ocio en el espectro del tiempo libre*”, respectivamente.

“para o outro” no processo de disseminação do esporte no Brasil. O turfe, por exemplo, a nosso ver, vai-se caracterizar como um esporte típico do período de meados do século XIX por ser uma atividade voltada, em grande medida, para um grupo social específico. Os senhores barões apostavam num tipo de divertimento que lograva mais reafirmar seu papel social, pouco lhes importando formas de participação diferenciadas. No Brasil, chegou-se até a contratar jôqueis profissionais da Europa⁷¹ para participar dos páreos, mas nunca se colocou em xeque, no período de “manias das corridas de cavalos”, o caráter amadorístico desse esporte. As relações sociais e uma formação centralizada de poder ainda muito incipiente favoreciam as ações voltadas para si. Mas, mesmo considerando que o turfe sofrera crescentes mudanças, não foi por acaso que, num outro instante da vida do País, ações, como o remo, as lutas e o futebol popularizaram-se de uma forma mais rápida e se viram envolvidas com questões que foram frutos de uma participação diferenciada. No remo, por exemplo, já boa parte dos seus praticantes representavam clubes, como o Boqueirão, o Flamengo ou o Belém, e não foi por acaso, também, que aí surgiram as primeiras discussões sobre o caráter amadorístico das provas e dos participantes, como a fomentada por cabeleireiros e barbeiros na Federação Brasileira de Sociedades de Remo.⁷²

É incontestável que tem crescido a importância social do esporte. Esse fato pode ser aferido, levando-se em consideração três pontos que valem a pena mencionar: *A) Por ser uma das principais fontes de emoção agradável; B) Por ser um dos principais meios de identificação coletiva e; C) Se constitui em um dos pontos que dão sentido as vidas de muitas pessoas*”.⁷³

Porém, considerando os aspectos colocados, a análise do esporte está associada à busca da EMOÇÃO nas sociedades altamente regulamentadas e onde o controle da violência está bastante internalizado.

A beligerância e a agressão encontram expressão socialmente permitida nos jogos esportivos. E elas se manifestam especialmente em

⁷¹ Em nota do jornal O SPORTMAN, publicado em 15-05-1887, lê-se o seguinte anúncio: “No mesmo paquete chegou, da Europa, o conhecido proprietário F. Schmidt. Além dos seis animais que trouxe, veio também o jockey William Turner, contratado na Europa para a sua candelaria”.

⁷² A Gazeta de Notícias. 19-05-1906. No cap. 3, voltaremos a tratar dessa questão de forma mais detalhada.

⁷³ Op.cit., p. 266.

*participar como espectador (como, por exemplo, em lutas de boxe), na identificação imaginária com um pequeno número de combatentes, a quem uma liberdade moderada e precisamente regulamentada é concebida para liberação dessas emoções. E este viver de emoções assistindo ou mesmo apenas escutando (como, por exemplo, a um comentário na rádio) é um aspecto particularmente característico da sociedade civilizada.*⁷⁴

Ora, emanam daí inúmeras possibilidades de pensarmos o esporte, considerando sua importância não só para praticantes, mas também para espectadores. Por aí se resgata a razão da análise não apenas pelo consumo, como fator motivante do grande desenvolvimento do esporte hoje, mas também pelas questões das necessidades de **viver as emoções**. Viver de maneira distinta as emoções de uma batalha que não levará necessariamente à morte ou a situações de riscos extremas. É o fator mimético da atividade esportiva que reduz o medo mas não o elimina do combate.

O esporte é, assim, um reduto social, quer para espectadores quer para os jogadores, em que a excitação agradável é produto de uma ação que é socialmente limitada e controlada. Talvez assim se entenda melhor por que é possível dizer que, no passado, atividades religiosas desempenharam funções análogas às que as atividades esportivas também desempenham hoje, inclusive com o seu caráter ritualístico. Também não nos parece de todo satisfatório pensar o esporte apenas como fruto do desenvolvimento industrial ou, por outro lado, a industrialização por que passaram as nações modernas como “causa” do desenvolvimento dos esportes, tendo em vista que são processos que se desenvolvem a partir da *democratização funcional* ou uma diferenciação ocupacional crescente que resultou numa variação do grau de poder dos estratos mais elevados, percebida aqui como uma pressão que vem de baixo e que, por sua vez, alarga e diferencia as cadeias de interdependências sociais inerentes à demanda do esporte inter-regional e representativo.⁷⁵ Aspecto também apontado por Marcelo Proni, a partir de Mandell, onde

⁷⁴ *O processo civilizador*, p. 200, 1 v.

⁷⁵ Há, no âmbito da produção intelectual da Educação Física, uma tendência que busca associar o desenvolvimento do esporte a uma explicação exclusiva do desenvolvimento industrial e/ou ascensão da burguesia: o esporte como fruto da industrialização. Neste trabalho, seja o esporte, a industrialização, a urbanização das cidades ou a variação da relação entre os sexos são partes de um processo que se desencadeia numa direção específica, como elementos de uma crescente centralização e monopolização da força física pelo Estado e de um autocontrole cada vez mais introjetado pelo indivíduo.

*“os esportes não são mero produto da industrialização. São antes o resultado no âmbito cultural de processos muitos mais gerais.”*⁷⁶

Se somarmos a esses dados arrolados até aqui a característica “mimética”⁷⁷ atribuída ao esporte, veremos, então, que este já não é, em hipótese alguma, na análise proposta, apenas um outro produto de consumo, mas, um elemento necessário — um reduto social — nas sociedades altamente reguladas e com um alto grau de controle multipolar. Assim sendo, o indivíduo, seja como jogador ou espectador, pode saltar o muro das emoções, mesmo que de uma forma socialmente limitada e controlada. Então, a busca da excitação nas atividades de lazer, e em particular no esporte, pode ser pensada como um caminho necessário, embora não planejado, para manter o organismo “vivo”.

Nesse sentido, o esporte não é apenas mais um produto da sociedade de massas, como alguns apresentam. Ele, com suas características miméticas, é uma necessidade básica das sociedades altamente regulamentadas que, sem oportunidades, como a prática dos esportes — embora não só ela —, em que possam experimentar emoções agradáveis, os membros dessas sociedades podem correr o risco de ver suas vidas sucumbirem ante uma rotinização avassaladora porque, onde a rotina governa e o indivíduo não está aberto a “crises” periódicas, a consequência é sucumbir ante a falta de excitação. Por isso é que a natureza mimética de um enfrentamento desportivo *“permite as pessoas experimentar com plenitude a emoção de uma luta sem seus perigos e riscos”* e, muito embora *“o elemento medo continue presente na emoção, diminui em grande medida e com ele se potencia enormemente o prazer da luta”*.⁷⁸

Tentar apreender o conceito de esporte considerando a idéia dos processos civilizadores nos parece ser importante, porque, além de permitir pensar o objeto (esporte) que se estrutura nas configurações, como resultado de um processo civilizador

⁷⁶ PRONI, M. *Esporte espetáculo e futebol-empresa*, p. 20-24.

⁷⁷ Segundo Elias, o termo mimético não se reduz a uma concepção mais culta de imitação. Para ele, o que se pode dizer é que alguns elementos entram na experiência da representação, fazendo com que os aspectos emocionais da experiência sofram então uma transformação altamente característica. A esse respeito, vale a pena conferir o item III da introdução de “Deporte Y ocio en el proceso de la civilizacion” e, em particular, a nota número 11, p. 65.

⁷⁸ *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. Ver nota 11, p. 65.

característico das sociedades-Estado ocidentais, permite, ainda, pensá-lo a partir de suas características miméticas, como componente explicativo das inter-relações humanas. Possibilita, enfim, estabelecer novos parâmetros para pensarmos as práticas dos esportes no contexto brasileiro como uma configuração que permite uma libertação de tensões específicas, desencadeadoras de prazer e que compõem um processo de inter-relação crescente. Também nos permite pensar o esporte como uma das poucas ocasiões em que as nossas grandes cidades complexas e impessoais podem congregarem-se.

Portanto, é a partir do crescimento das cidades e da crescente interdependência gerada pelas inter-relações, que se inauguram com as transformações políticas — com a crise do Império e os reclames pela República — que ocorrem as transformações urbanísticas, em que os meios de transporte são a expressão das mais profundas mudanças, e as mudanças interpessoais, primeiro desencadeadas pelo movimento abolicionista e imigratório, mas também pelo deslocamento do centro de decisão da zona rural para a cidade. Assim é que, no Brasil, vamos perceber a emergência da prática esportiva como elemento de recolocação do indivíduo no espaço público urbano. Por isso é que, tanto o advento da República como a crescente imigração — mas não cada um isoladamente — compõem o lastro no qual vão florescer as novas formas de comportamento que vão mudar a relação dos homens com a cidade. É disso que nos ocuparemos daqui por diante.

CAPÍTULO III

3 DA REPÚBLICA, DO PASSATEMPO, DO ESPORTE

Se os anos de 1888 e 1889 levaram Raul Pompéia a afirmar que a Proclamação do Ipiranga e a Inconfidência “*nada mais são do que episódios mínimos da vida do povo brasileiro em comparação com as imensas crises de 13 de maio do ano passado e de 15 de novembro deste ano*”,¹ muito há, porém, que se buscar nesses anos anteriores que possam nos mostrar melhor as transformações que se desencadearam nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX. Todo movimento que culminou com a Abolição e a Proclamação da República tem, sem dúvida alguma, elementos presentes nos anos anteriores. No Brasil, podemos dizer, desde a chegada da corte de D. João VI, houve uma gradual mudança de comportamento que vai desencadear acontecimentos dos mais relevantes para nossa história política e cultural.

Não há dúvida de que o Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX já apresentava os ingredientes de uma vida moderna muito mais dinâmica e incomparavelmente mais diversificada do que tudo que havia passado ao longo do período colonial.

Primeiramente, no âmbito da educação, nota-se que houve mudanças quanto à ênfase quase que exclusivamente religiosa professada até então. Já com a chegada da família real, novas condições culturais, políticas e econômicas emergiram, o que possibilitou uma reorientação em relação ao ensino.

D. João VI fundou o ensino superior, dando-lhe um sentido exclusivamente utilitário, pois tornara-se urgente a formação dos profissionais exigidos pelas novas condições. A academia da marinha, criada em 1808 e a academia Real militar, em 1810, destinavam-se a preparar os oficiais e engenheiros encarregados da defesa militar da

¹ POMPÉIA, R. Obras. Crônicas VIII. SP: Civilização Brasileira, 3 v.

*Colônia; os estudos médicos, assegurados pelo curso de cirurgia, criado em 1808, no Hospital Militar da Bahia e pelos cursos de anatomia e de cirurgia do Rio de Janeiro, aos quais se acrescentou, em 1809, os de Medicina, deveriam formar os médicos para a Corte, para o exército e a marinha.*²

Mas, se nasceram sob um rígido programa de formação profissional, esses cursos profissionais não se voltaram, nos anos posteriores, aos problemas da população. O ensino primário e normal, por exemplo, manteve-se quase que totalmente negligenciado. A formação, seja no ensino secundário ou profissionalizante, pouca consequência obteve e apenas o ensino superior, notadamente os cursos de Direito — para onde acorriam os filhos da elite dirigente — mereceu maior atenção já a partir do início da segunda metade do século XIX.

O Império no Brasil chega nos seus últimos anos com um total de 15.561 escolas primárias que reunia, em 1878, cerca de 175 mil alunos, apenas dois por cento da população livre. Justo nesse período, a imprensa pressiona para que o governo busque novos métodos de ensino para formação de professores. Isso fica explícito num editorial dessa época, quando é reclamado que a “*civilização pode ser importada do mesmo modo porque se importa a vaccina. Importemol-a*”.³

Porém, paralelo a esse fator, é possível observar um incipiente, mas contínuo, desenvolvimento do setor industrial no Brasil, ao longo do século XIX. Essa busca da industrialização, que tem seu primeiro reforço entre nós, nesse período, parece nascer de uma certa rejeição, compartilhada socialmente, com relação à ordem colonial anterior. Além disso, uma série de acontecimentos ajudaram a fazer caminhar a atividade nessa área. Para Luz, “*a guerra civil nos Estados Unidos havia produzido um surto notável na cultura algodoeira do Brasil e a expansão do cultivo do algodão, por sua vez, provocou*

² WEREBE, Maria José G. A educação. In: HOLANDA, S. B. de, CAMPOS, P. M. (Orgs.). *O Brasil monárquico. História Geral da Civilização Brasileira*. SP: DIFEL, 1974, p. 367-368.

³ O Cruzeiro, 12-04-1878. Citado por Delso Renault, p. 114. Gilberto Freyre cita, em *Ordem e progresso*, que, em 1889, já se calculava “ser o número de escolas primárias, tanto públicas como particulares, no Brasil, cerca de 7.500, freqüentadas por cerca de 300.000 alunos, contra as 3.516 escolas e os 115.735 alunos do ano de 1869.” (p. 165)

um renascimento da industria textil do algodão, em nosso país".⁴ Um outro fator de igual importância foi a guerra do Paraguai que, além da indústria de tecidos, incrementou outros setores, como o de produtos químicos, couros, vidros, papel, etc.

Sensível às mudanças desse período — acrescentemos aos dois fatores relacionados com as relações inauguradas com a abolição, que fez movimentar muito capital empregado no comércio negreiro, e a crescente imigração européia — as bases da industrialização estavam estabelecidas ainda nos últimos momentos do império e seriam, apesar das limitações, continuadas com a República, mesmo que o novo regime não conseguisse articular, nem pôr em prática um vigoroso plano de industrialização.

Por volta de 1850, observa-se um progresso contínuo e uma vasta ativação da vida econômica do País. Nessa década de 1850, fundou-se, de acordo com Prado Jr., "*62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 de seguros, 4 de colonização, 8 de mineração, 3 de transporte urbano, 2 de gás, e finalmente, 8 estradas de ferro*".⁵

Muito embora parte disso represente apenas especulação estimulada pela repentina liberação de capital antes empregado no tráfico de escravos há, contudo, um progresso efetivo que é possível ver nas relações que se inauguravam e no comportamento cada vez mais diferenciado da população. Assim como, pelo comércio que se diversifica e expande, e pelos empreendimentos de certo vulto em estradas de ferro e empresas de navegação a vapor, pode-se ver a expansão econômica em curso. Bem ou mal, esse processo contribuiu muito para entrosar no trabalho produtivo normal uma boa parcela da população brasileira que vivera até então sob o peso do trabalho servil.

Se o município da Corte centralizava em grande medida a ação industrializante nesse período, também dele e para ele deveriam se dirigir os caminhos e estradas mais importantes. A preocupação da Coroa com o contrabando de pedras preciosas das Gerais fez com que os caminhos que levavam ao interior fossem, em boa parte, bloqueados. Fato que levou províncias, como a do Espírito Santo, e cidades, como Vitória, por exemplo, a

⁴ LUZ, N. V. As tentativas de industrialização brasileira. In: HOLANDA, S. B. de, op. cit., p. 37.

⁵ PRADO JR. Caio. História econômica do Brasil, p. 193.

um quase completo isolamento por um longo período de tempo, dado que todos os caminhos deveriam dirigir-se para a Capital, para o município da Corte, para o Rio de Janeiro e evitar ao máximo outras localidades do litoral. E só a partir de 1823, após ser elevada à categoria de cidade, é que Vitória, já com seus engenhos, um certo desenvolvimento da atividade madeireira, o plantio do café e o crescente vínculo com outros centros por meio de embarcações que atracavam no cais, vai respirar outros ares. Some-se a isso a chegada de imigrantes que forçou o crescimento pra o interior e a conseqüente comunicação com centros mais prósperos, como o Rio de Janeiro e cidades de Minas Gerais.

Portanto, se o comércio com as Minas Gerais já exigia estradas, é a cultura cafeeira que vai expandir essas vias e selar definitivamente a necessidade de recortar, por terra ou água, os vales, serras e campinas do interior brasileiro. Para Odilon Matos,

A era de melhoramentos materiais que se abre para o Brasil ao aproximar-se a metade do século XIX é que se traduz numa série de grandes iniciativas no que toca ao desenvolvimento urbano, transportes, abastecimento de água, saneamento, iluminação a gás[...] refletir-se-á igualmente no setor da navegação e dos transportes terrestres.⁶

É nesse sentido que cresce não só o número de estradas de rodagem, mas também de estradas de ferro, sendo o Brasil um dos países que mais rapidamente buscou introduzir esse meio de transporte. A ferrovia, no caso da região Centro-Sul, foi um dos mais importantes meios de deslocamento da produção agrícola e de passageiros, contribuindo imensamente para aproximar as diferentes províncias e fixar populações em áreas distintas. Se observarmos que, na época da Proclamação da República, o País contava com mais de 9.500 quilômetros de ferrovias,⁷ podemos imaginar o que isso significou para o transporte agrícola, mas também para o deslocamento de um

⁶MATOS, Odilon N. de. Vias de comunicação. In: HOLANDA, S. B. de, op. cit., p. 45.

⁷MATOS, O N., op. cit., p. 58.

contingente humano ainda mais diversificado com o incremento da imigração européia para o Brasil.

Portanto, se as mudanças ocorridas nos primeiros anos da República e pelos últimos anos do século XIX não estavam restritas ao ambiente político, muitos setores da sociedade, naquele período, também passavam por transformações e emergiam vigorosamente nesse ambiente de efervescência cultural e política. Esse é o caso das relações econômicas, da imprensa e dos passatempos. Nesse particular, vale destacar que muitos jornais surgiram justamente nesse período, como: “O Paiz (1884), Novidades (1887-1892), O Correio do Povo (1891), a Notícia, A Imprensa”.⁸ Vale ainda destacar que, de acordo com Brito Broca em “A vida literária do Brasil-1900”,

...as notícias de polícia, particularmente, que outrora, mesmo quando se tratava de um crime rocambolesco, não mereciam mais do que algumas linhas, agora passavam a cobrir largo espaço; surge o noticiário esportivo, até então inexistente, e tudo isso no sentido de servir o gosto sensacionalista do público que começava a despontar....⁹

Isso, de certa forma, ainda marcando a passagem para uma imprensa industrializada, que denotava novos caminhos ao fazer literário, ao menos aquele até então tão próximo à redação dos jornais.

Temos que atentar que as transformações nos gostos por uma notícia mais “sensacionalista” não é um fato isolado. Muda-se o processo de impressão, agiliza-se a notícia, muda-se o enfoque e seu próprio conteúdo. Agora, o crime é contado com largos detalhes, e também o esporte, a atividade física, a ação, enfim, como parte do cotidiano das pessoas. Isso tudo vem demonstrar um gosto crescente pelas coisas que estão para além do ambiente privado da casa, que estão fora, estão no espaço aberto, no espaço público das ruas. Questões que passam a dizer respeito a um número cada vez maior de pessoas e que vêm acarretar muitas discussões entre vários escritores, todos tão ligados aos jornais e tão sensíveis às mudanças político-culturais de que a República e o esporte,

⁸ BROCA, B. *A vida literária do Brasil – 1900*, p.209.

⁹ BROCA, B., *op. cit.*, p. 225.

por exemplo, eram traços de um mesmo movimento de mudança. Movimento esse que começa a despontar na década anterior à Proclamação e que os diários vão registrar com notas constantes sobre os banhos de mar, a ginástica, a esgrima, a patinação e o próprio turfe como práticas cada vez mais difundidas na cidade do Rio de Janeiro.

Porém, se a Proclamação da República não empolgou uma população ainda tão marginal nos processos de decisões políticas, certamente colocou na ordem do dia, para os segmentos letrados, a questão da unidade política do Brasil. Quanto à temática nacional, já posta quando dos debates acerca da escravidão, com o advento da República, fica visível a falta de um sentimento de identidade capaz de, se não unir, ao menos aproximar os largos e profundos distanciamentos que já aí caracterizavam a sociedade brasileira. Acreditamos que vale a pena aqui abrir alguns parênteses para falar acerca da questão desse momento de discussão sobre a implantação da República no contexto brasileiro. José M. Carvalho nos dá, em seu livro “A formação das almas. O imaginário da República no Brasil”, algumas pistas valiosas para começarmos a saborear a questão.

Reclamada por posições diferenciadas, a República é, no caso brasileiro, o ponto de largada na busca pela hegemonia de três distintos grupos. O primeiro é formado, principalmente, pelos proprietários rurais de São Paulo. Caracterizava-se pela definição individualista do pacto social que acreditava o público como soma dos interesses individuais. O segundo grupo era o dos pequenos proprietários, profissionais liberais, jornalistas, professores e estudantes, para quem o regime imperial limitava as oportunidades de trabalho. Formavam um grupo ambíguo, que pregava a revolução, mas que vivia à sombra do Estado. Terceiro, os militares que *“tinham a formação técnica, em oposição à formação literária da elite civil, e sentiam-se fortemente atraídos pela ênfase dada pelo positivismo, à ciência, ao desenvolvimento industrial”*.¹⁰ Murilo de Carvalho anota ainda que as ideologias republicanas, centradas no jacobismo, no liberalismo e no positivismo, *“permaneciam presas no fechado círculo das elites educadas”*. Nesse

¹⁰ CARVALHO, J. M. *A formação das almas*, p. 28.

sentido, é sintomática a seguinte passagem transcrita de um episódio narrado por Ernesto Senna, quanto à participação popular no novo regime:

O povo estava fora do roteiro da proclamação, fosse este militar ou civil, fosse de Deodoro, Benjamin ou Quintino Bocaiúva. O único exemplo de iniciativa popular ocorreu no final da parada militar, quando as tropas do exército deixaram o arsenal da marinha para regressar aos quarteis. Os populares que acompanhavam a parada pediram a Lopes Trovão, que lhes pagasse um trago. A conta de quarenta mil reis acabou caindo nas costas do taverneiro, pois Lopes Trovão só tinha onze mil reis no bolso. O anônimo comerciante tornou-se, sem querer, o melhor símbolo do papel do povo no novo regime: aquele que paga a conta.¹¹

Curiosidades à parte, vale ressaltar aqui os significados que a República, no seu nascedouro, logrou conquistar. Significados vindos já carreados pela Abolição, que exige uma (re)organização do trabalho e traz reflexos que se fazem sentir na ordem familiar e também, como anota Sérgio B. de Hollanda, nas hostes pedagógicas, onde se incentiva o viver por si, “*libertando-se progressivamente dos velhos laços caseiros...*”¹² Liberdade que se faz sentir nos espaços públicos das cidades, tornados locais de sensações e relações que não poderiam ser experimentados na ordem familiar moralmente rígida e cujo centro de gravidade se sobrepõe aos domínios rurais.

A nosso ver, a questão da imigração parece ter aqui um papel relevante, pelos novos costumes e novas relações que inaugura. Sem querer entrar nas razões que detonaram esse fluxo migratório da Europa em direção à América e ao Brasil, em particular, vale salientar que, na Europa, foi anterior a esse processo a crescente concentração urbana e a industrialização em expansão. Aqui, embora muito mais timidamente, esses dois fatores, aliados a baixa concentração demográfica e à falta de mão-de-obra no campo, compõem algumas das principais causas da vinda do imigrante europeu. No nosso País,

¹¹ CARVALHO, J. M. op. cit., p. 53.

¹² HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*, p. 104.

*Uma grande parte dos imigrantes dirigiu-se para a grande fazenda de café. Um número menor de imigrantes se estabeleceu como pequenos proprietários nos núcleos coloniais nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, principalmente; e só por exceção em São Paulo e outros, sem esquecer um bom número que preferiu se localizar nas cidades ou tomaram outros rumos.*¹³

Embora a imigração já seja registrada desde meados do século XIX, é ao longo da década de 1880 que ela será mais intensa. Durante toda a primeira República, entraram no País cerca de 3.523.591 imigrantes. Só na década de 1890, vieram 1.205.703.¹⁴ Podemos imaginar o que significou para a população brasileira, principalmente a do Centro-Sul, o contato com esse grande número de imigrantes. Se foram importantes para as colheitas no campo, e em especial as de café, também o foram para a crescente urbanização das cidades brasileiras e, com a urbanização, para a introdução de diferentes costumes. Se é certo que esses imigrantes foram responsáveis também por alterações na estrutura social, com atitudes diferenciadas frente ao trabalho e aos valores com relação à família, isso se reflete nos divertimentos e passatempos. Com a diversificação de funções e uma maior inter-relação social proporcionada pelo contato com os imigrantes e pelos migrantes de outros estados, há como uma aquisição e elaboração de novos costumes que se materializam também pela prática de esportes como uma ação diferenciada e que vão denotar um modo diferente — no caso do esporte, e como alguns gostavam de dizer, civilizado — de estar e lidar com os outros nos novos espaços da cidade.

Em verdade, a maior mudança que se pode observar no Brasil desse instante está nas hostes do comportamento. Como já tivemos oportunidade de falar aqui, o processo civilizador é também percebido pelas mudanças de comportamento de um povo em conexão com as alterações na estrutura social em que a observação do decurso do tempo nos permite aferir em que direção uma determinada sociedade caminha. Vale a pena frisar

¹³ PETRONE, M. T. S. Imigração. In: FAUSTO, B. *O Brasil republicano*. História Geral da Civilização Brasileira. RJ-SP: DIFEL, 1977, p. 96.

¹⁴ Op. cit., p. 100.

este fato: o controle da violência tem correlação com o comportamento e é fruto da “interdependência”, e não da “dependência” crescente nos vários e diferenciados grupos humanos. Grupos certamente mais “politizados” se relacionam não só por valores jurídicos mas também por valores morais. Talvez por aí possamos entender também a referência ao brasileiro como um “homem cordial”, conforme Sérgio Buarque de Holanda, e por que esse homem cordial “*se acha fadado provavelmente a desaparecer*”.¹⁵

Nesse sentido é que a observação dos passatempos da classe letrada talvez nos ajude a compreender melhor o processo de mudança por que passa a sociedade brasileira de então. Que ações e que significados emergem desse processo? Como são percebidos e descritos?

Em “Raízes do Brasil”, Sérgio B. de Holanda nos apresenta uma passagem do livro “O soldado prático” de Diogo do Couto onde este, já desde então, critica a nova nobreza de Portugal com suas mudanças de costumes, de vestir, de andar, de praticar equitação e jogos. Numa referência a esses acontecimentos, o autor, com um certo desapontamento, diz: “*os próprios jogos e torneios que pertencem a melhor tradição da aristocracia e que os antigos tinham criado para que o uso das armas nam se perdessem, segundo já dissera el-Rei D. João I , começaram a fazer-se mais cheios de aparatos do que de perigo*”.¹⁶

Reparem que os *jogos e torneios* que originalmente pertenciam à melhor tradição aristocrática vão sendo “adaptados” por essa “nova nobreza” com regras diferenciadas e com ações distintas, na forma de andar e até de vestir-se. Mas a maior desconfiança do relator é quanto ao fato de que os jogos e torneios estavam agora “*...mais cheios de aparatos do que de perigo*”. O que, para nós, denota atitudes diferenciadas com relação à prática dos jogos de períodos anteriores. Agora são mais cheios de aparatos, com maior número de regras, maior domínio da ação do que de perigo, menor grau de violência, maior diferenciação de funções.

¹⁵ HOLANDA, S. B. de, op. cit., p. 145.

¹⁶ Diogo de Couto, citado por HOLANDA, op. cit., p. 79-80.

Assim, estava emergindo um novo campo de embate, uma outra forma de viver as emoções, já que não prevalecia aí uma preocupação com o uso das armas para uma futura ação bélica. Também transparece uma ação mais individualizada no vestir-se e na forma de andar ou jogar. A individualização da ação se materializava nos aspectos da vida comum. Essa mudança, essa diferenciação demonstrava um caminho peculiar que os divertimentos tomaram e que indicavam, além de uma mudança de atitude com relação à própria prática, com menos perigo e mais aparatos, uma certa atenção para si e também para o outro.

O que estava em jogo era uma ação, comportamento pautado sob determinadas regras e que se estendeu à própria maneira de viver os passatempos. Essa ação emergiu primeiramente num restrito segmento social, mas se estendeu, pela crescente diferenciação de funções e pela cadeia de inter-relações que se alargaram mais e mais sob a forma de configurações diferenciadas.

Um outro aspecto desse mesmo processo pode ser percebido numa passagem de “O cortiço” de Aluísio de Azevedo, quando seus habitantes falam daquela última visita de Leonie ao local. Ela tinha sido uma entre eles e agora vivia numa situação social diferenciada. É realçado que

*...seja assim ou assado a verdade é que ela passa muito bem de boca e nada lhe falta: sua boa casa; seu bom carro para passear a tarde; teatro toda noite; bailes quando quer e, aos domingos corridas, regatas, pagodes fora da cidade e dinheirama grossa para gastar à farta!*¹⁷

A referência a todo um leque de ações e, entre elas, as *corridas e regatas*, denota o comportamento esperado para quem compõe um determinado segmento social, mas o tom também denuncia o desejo daqueles *outsiders* de tomar parte nessas ações. Um estar fora que define os espaços de ação dos diferenciados grupos no Brasil, abolicionista, republicano, carnavalesco, etc., mas que não determina a impossibilidade de teias de

¹⁷ AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*, p. 119.

relações que permitam a construção de caminhos não previstos e com consequências nada predefinidas.

À medida que a cidade vai-se transformando, vai crescendo e aumentando seu raio de influência, vão também se diversificando as funções e aumentando as interdependências. Vários autores, como já demonstramos, anotam o surgimento de novas repartições, edifícios, comércios, jornais, avenidas, cafés, confeitarias, cinematógrafos, enfim, espaços variados que permitem a aproximação, a mistura dos distintos e diferenciados segmentos. O carnaval, o jogo de molhadela, o diabo; tudo tão querido e, em seguida, tão desprezado, demonstra apenas a intensidade das transformações que se processavam. Para além de uma ordem desejada, o burburinho da cidade faz emergir as condutas diferenciadas dos seres sociais e demonstra a aparição de um processo não planejado que se faz refletir tanto no projeto ordenador, higienista, quanto na ação lúdica, festiva, das praças e campos de futebol ou raias de remo.

No tocante ao esporte, não foi com menos entusiasmo que o tema foi crescentemente tratado pelo segmento culto de nossa população. Brito Broca ainda nos adverte que muito desse entusiasmo vinha do triunfo da Grécia na nossa literatura e também porque muitos de nossos literatos reagiram, contra essa mania de Grécia, “*contra a increpação da mestiçagem, escamoteando as verdadeiras origens raciais, num país em que o cativo estigmatizara a contribuição do sangue negro*”.¹⁸ Por outra parte, Olavo Bilac, em 1900, ao comentar sobre uma regata em Botafogo, entusiasmado, escreveu a crônica “Salamina”, que, pelo título, bem demonstra a relação feita. Assim, o Príncipe dos Poetas brasileiros vai dar o tom daquela atividade esportiva: “*Entre ondas de povo, passavam as carroagens; conduzindo gente alegre. E a vozeria da multidão em terra, e a matizada ensurdecadora das lanchas no mar apitando, - enchiam o ar de riso e delírio*”. E segue, relatando o movimento dos remos e das baleeiras alavancado pelas forças dos remadores, constantemente pontuando: “*Meninos! Foram músculos como esses que ganharam a batalha de Salamina...*”¹⁹

¹⁸ BROCA, B. Op. cit., p 105.

¹⁹ BILAC, Olavo. Salamina. In: *Crítica e fantasia*, p. 103-108.

Como vemos, as ações se multiplicavam nos espaços da cidade. Para além de qualquer limitação desejada, a ação popular ganhava impulso pelo desejo de se mostrar, de criar lugares e se fazer presente em espaços, como o da festa da Penha que, de certa forma, negava a sisudez da religiosidade oficial e que levou Olavo Bilac, em 1902, com um tom meio debochado, a dizer que *“Viva o bom humor! Se não chover, o dia hoje será uma ressurreição, ainda que incompleta, da velha alegria humana”*.²⁰ E se já se percebia isso nas festas religiosas, crescentes e diversificadas, também eram as ações esportivas que, *“Independente do que as autoridades públicas ou desportivas pensassem ou pretendessem a partir dele, a prática ou mesmo a contemplação do esporte traziam uma gratificação espontânea para os seus aficcionados”*. O que Servcenko aponta aqui é justamente a força mimética da prática do esporte que dá um sentido particular à ação. É mais do que a representação de uma batalha, é a própria batalha reelaborada na gratificação espontânea que aqui preferimos chamar de emoção vivida. Por isso,

*...os poderes públicos podiam ou não manifestar intenções categóricas em relação aos efeitos sociais da disseminação das atividades atléticas, mas nelas os indivíduos e as comunidades encontrariam, por sua própria conta, um recurso de satisfação de muitas de suas carências e um meio de despertarem e disporem de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas de suas energias. Fosse como simples exercício, como metáfora, como ritual ou celebração, o esporte tanto viria preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria o potencial de novas alternativas de adaptação e um novo repertório de atitudes congeniais a um mundo em imprevisível fermentação.*²¹

Na citação de Sevcenko, muito mais do que a idéia de ruptura, mas apenas não só ela, vale salientar a relação do esporte com a vida em constante movimento que se caracteriza nas grandes formações urbanas, além de ser, na verdade, um dado das novas e diversificadas relações humanas. A crescente complexidade dessas relações vai permitir que conflitos aflorem, e aqui, antes de considerá-los como marca da completa separação,

²⁰ BILAC, Olavo. A festa da Penha. op. cit., p. 140.

²¹SERVcenko, N. *Orfeu extático na metrópole*, p. 48-49.

vamos pensá-los como fatores que permitem que as interdependências se manifestem com maior propriedade, com a formação de novas e diferenciadas configurações.

3.1 De individualização e participação

Continuando a refletir sobre a prática do esporte no Rio de Janeiro do final do século XIX, é preciso pensá-la, sem dúvida, no contexto das mudanças que se processavam no período e pensar essa questão numa relação dialógica do homem com a cidade, pois *“a avançada diferenciação social caminhando pari passu com uma diferenciação igualmente avançada entre as pessoas, ou individualização, traz consigo uma grande diversidade e variabilidade das relações pessoais”*.²²

Ora, se estamos aqui pensando o esporte no esforço civilizador brasileiro, fazemos isso tentando inseri-lo como mais um componente nas cada vez mais diferenciadas e conflitantes relações humanas. Assim, tentamos resgatar a idéia de individualização como um componente necessário para pensar a ação do homem nesse espaço urbano, já que a individualização não deve ser entendida como uma opção pessoal, mas como um aspecto da transformação social que vai para muito além do controle do próprio indivíduo.

Portanto, a individualização a que estamos nos referindo é um processo que permite perceber que as relações de uns indivíduos com os outros tomam uma característica diferenciada, baseada, cada vez mais, num controle geral dos afetos, na negação, transformação dos instintos e também numa diversificação de funções, o que acarreta, quer queiramos ou não, um alargamento do lastro de poder do qual passam a participar — inicialmente com um gradiente bastante diferenciado — diferentes grupos sociais. Por isso, os primeiros SPORTMEN brasileiros que sonharam se distinguir pela

²²ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*, p. 167.

educação que estruturava sua prática de passatempos esportivizados não puderam perceber esse processo que cada vez mais agrupava um número maior de pessoas e que os tornavam co-artífices desse enclave social com características miméticas específicas.

Vale lembrar que este processo de individualização está muito ligado à auto-regulação e a individualidade é dada pelo processo de estruturação da auto-regulação psíquica. O processo de individualização é, assim, uma estrutura que vai permitir a construção da identidade-eu nas sociedades complexas da atualidade. Está, como já frisamos, associado ao conceito de *habitus* na medida em que permite perceber que “a sociedade não apenas produz o semelhante e o típico, mas também o individual”. Esse processo, portanto, permite uma melhor compreensão do desenvolvimento de práticas como a do esporte nas cidades modernas, na medida em que possibilita ao indivíduo emergir de forma diferenciada do ambiente social urbano.

Talvez valha a pena aqui, para melhor compreender essa crescente diferenciação anunciada anteriormente, tentar fazer um breve comentário sobre os conceitos de “divisão de funções”, tratado por G. Simmel, e de “especialização das funções”, usado por N. Elias. Enquanto, para Elias, esse dado pode ser um dos pontos de apoio da teoria do “processo civilizador”, já que, “quanto mais essa divisão avança numa sociedade e maior é o intercâmbio entre as pessoas, mais estreitamente elas são ligadas pelo fato de cada uma só poder sustentar sua vida e sua existência social em conjunto com muitas outras”;²³ para Simmel, a especialização das funções é um item-chave para se falar da vida do homem na cidade moderna já que, “a especialização torna cada homem proporcionalmente mais dependente de forma direta das atividades suplementares de todos os outros”.²⁴ Torna-os interdependentes.

Mas tratemos também de um ponto que nos permite pensar a formação das cidades modernas de uma maneira menos convencional. Esse ponto é o que está relacionado com o crescente controle da natureza, a crescente capacidade de “prever” as intempéries naturais ou o controle das conexões extra-humanas de conhecimentos, os

²³ ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*, p. 44.

²⁴ SIMMEL, G. *A metrópole e a vida mental*, p. 13.

chamados fenômenos da natureza, que correspondem ao desenvolvimento científico e tecnológico. Talvez o dado mais interessante dessa observação, para a visão que queremos deitar sobre a cidade, não seja o da mera constatação do “*domínio da natureza pelo homem*”. Não há dúvida de que a crescente compreensão e previsão dos fenômenos naturais permitiu ao homem se pôr de forma diferenciada ante os seus desafios de sobrevivência. Vale a pena destacar aqui que foi o “ambiente humano” que mais se modificou com o domínio desse conhecimento já que,

*...durante séculos o céu permaneceu mais ou menos o mesmo, tal como aconteceu com a natureza orgânica do homem e com a estrutura geológica da terra. A única coisa que mudou e se deslocou numa direção específica foi a forma de vida comunitária, a estrutura da sociedade ocidental e, com ela, a influência social sobre o indivíduo e sobre a forma de suas funções psíquicas.*²⁵

Perguntamos, então: não será na cidade que esse novo “ambiente” se vai materializar? A cidade permite a aproximação, expondo o homem a diferenciações constantes, pois é ela a “crescente” cidade moderna, sede da mais alta divisão das funções e especializações. Por isso é que, na cidade, muito mais do que no meio rural, as pessoas precisam se afirmar como personalidades “autônomas” nos campos das possibilidades oferecidas pelo meio urbano. Aí, o aumento quantitativo em importância e o dispêndio de energia atingem seus limites. Voltando-se para as diferenças qualitativas, a pessoa busca atrair, de certa forma, a atenção do círculo social, explorando sua sensibilidade à diferença.

Enquanto, para Simmel, essa “sensibilidade à diferença” é sentida pelo homem como a expressão de sua liberdade, já que não é necessário que a liberdade se reflita em sua vida emocional como conforto, também para Elias,

...à medida que os indivíduos deixam para trás os grupos pré-estatais estreitamente aparentados, dentro de sociedades nacionais cada vez mais complexas, eles se descobrem diante de um número crescente de

²⁵ Elias, N. A sociedade dos indivíduos, p. 45

*opções. Mas têm que decidir mais por si. Não apenas podem como devem ser mais autônomos, quanto a isso não têm opção.*²⁶

Talvez assim seja possível entender por que Elias fala não em “Liberdade”, mas em “Libertação”, quando trata dos processos relacionais humanos.²⁷

O homem, na cidade moderna, vive a constante “*intensificação dos estímulos nervosos*”, que se configura com a *intelectualidade* e que lhe permite “*preservar a vida subjetiva contra o poder avassalador da vida metropolitana*” (p. 15). Desenvolve seu *autocontrole*.

A cidade é, assim, um núcleo extenso e intenso de experimentação humana, “*um cadinho das raças, dos povos e das culturas*”, como diria Wirth, em “O urbanismo como modo de vida”, que abrigou, abraçou, acelerou e recompensou as diferenças individuais. É possível pensar a cidade moderna, com todos os seus viéses — pontualidade, aglomeração, solidão, exatidão, libertação e dependência — como o palco que possibilitou se não o surgimento, mas os ingredientes necessários para o desenvolvimento do esporte. É nesse sentido, da luta entre a excitação e o controle, o conflito e a cooperação, que vamos tratar o esporte como uma atividade necessária, pelo crescente grau de autocontrole, para o equilíbrio do processo civilizador nas sociedades mais recentes. Porque, a medida que os indivíduos se vêem mais envolvidos e, ao mesmo tempo, incapazes de expor de forma direta os seus sentimentos de amor e ódio, de medo e fantasia; ações miméticas que permitem uma recolocação das emoções nas relações sociais são crescentemente necessárias para a acomodação do indivíduo no grupo e da própria sobrevivência do grupo ou da sociedade.

Assim sendo, são as cidades, de uma maneira geral, e para este estudo, o Rio de Janeiro em particular, com suas contradições, um solo fértil para tal prática, dado que tanto alimenta a vida urbana como é por ela alimentada. Além do mais, podemos retomar o fato já mencionado de um contato constante entre um número maior de pessoas tornando-as co-participantes de um mesmo espetáculo, a despeito de todas as diferenças.

²⁶ Op. cit., p 102.

²⁷ A esse respeito, ver “O processo civilizador.” 1994, p 184-185, 1v.

o fato já mencionado de um contato constante entre um número maior de pessoas tornando-as co-participantes de um mesmo espetáculo, a despeito de todas as diferenças.

No Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX, isso se manifestou nas regatas da enseada de Botafogo, que davam ensejo às reuniões e saraus nas casas que se abriam para os convidados que apreciavam as corridas constantemente realizadas. Manifestava-se, também, nas corridas do ciclismo do Velódromo Nacional, reaberto em 1899, oferecendo interesse sempre crescente para o público e “*os amadores [que] estimulados pelo brio e pelo aplauso, continuam a disputar brilhantemente os páreos, apresentando muitos delles admiraveis rasgos de velocidade e resistência nos seus cavallos de aço*”.²⁸ Ou, ainda, no boxe ou “english boxing”, como inicialmente foi denominada a luta que começava a arrebanhar seus primeiros adeptos ainda nos anos 70 do século XIX e, curiosamente, constava em seus regulamentos uma advertência em que se rogava aos jogadores: “*não se zanguem se durante o jogo não gostarem de algum socco*”.²⁹ Isso nos faz observar como o controle sobre a luta ainda parecia muito instável, tornando imprevisível o desenrolar da mesma.



Lutadores no final do século XIX.

Assim, se a individualização é uma relação construída a partir de uma crescente interação e dependência e se estabelece na complexidade das interdependências, uma

²⁸O Paiz, 26-01-1899.

²⁹O Cruzeiro. 13-08 e 28-08-1878. In: D. Renault. O dia-a-dia do Rio de Janeiro, segundo os jornais. 1870-1889, p. 123.

João do Rio chama-nos a atenção: “*pela cidade, jovens, outrora raquíticos e balofos, ostentavam largos peitorais e musculatura herculeanas dos braços. [...] Os dias de regatas tornavam-se acontecimentos urbanos*”.³⁰ Mesmo antes dele, José de Alencar já atentava para a primeira corrida no Jóquei, anunciando a primeira grande motivação da sociedade fluminense para essa forma de passatempo, constatando que

*Desde sete horas da manhã comessaram a passar as elegantes carruagens, e os grupos dos gentlemen riders, cavaleiros por gosto ou por economia. Após o cupê aristocrático tirado pela brilhante parêlha de cavalos do Cabo, vinha a trote curto o cabriolé da praça, puxado pelos dois burrinhos clássico, os quais apesar do nome, davam ocasião a mais alta prova de sabedoria, mostrando que compreendiam toda a força daquele provérbio inventado por algum romano preguiçoso: Festina lente.*³¹

Ao que parece, é Alencar quem inicia o olhar dos letrados para a prática dos esportes no Rio de Janeiro. Olhar que tratou de vasculhar, sob vários aspectos, essa prática que ganhava dia a dia mais adeptos e que se estendia pelos vastos recantos da cidade que desabrochava.

3.2 Um esporte para a literatura

... Mal de mim, mal de todos aqueles que se deixaram lentamente envenenar pela preguiça, pelo amor da vida regalada!

*Os anos voam, as brancas vão ganhando os cabelos, o tédio vae ganhando o espirito... e a gente adivinha que uma hora séria e decisiva da nossa história já vem perto. Debaixo da apathia e da molleza, em que vivemos, quem não ouve o abafado rumor de uma tempestade que se aproxima, - surdo e longinquo como o da lava, ainda captiva, que ferve na entranha abrazada de um vulcão?*³²

³⁰João do Rio. Hora do Futebol. In: Luís Martins. *João do Rio*. Uma antologia, p. 61.

³¹ALENCAR, J. Primeira corrida no Jóquei. In: Rio de Janeiro em prosa e verso, p. 209, 5 v.

³² BILAC, Olavo. Salamina. In: *Crítica e fantasia*, p. 106-107.

Assim Olavo Bilac, no meio de sua crônica intitulada Salamina, anunciou os novos costumes que pareciam florescer numa juventude menos afeita ao modo recolhido de viver em que a atividade física parecia conduzir para as mazelas do corpo, e mais envolvida com ações que buscavam o movimento, o contato com outros ares e outros modos de comportamento, pois não seria com os olhos fatigados pela constante fixação do papel branco e com os míseros pulmões intoxicados pelo ar malsão da rua do Ouvidor que, segundo escreveu, o Brasil superaria suas mazelas e traçaria o seu destino.

Na verdade, Bilac anunciava, em 1900, um processo que data de algumas décadas antes e que parece considerar novos componentes no modo de viver de uma população mais afeita às atividades físicas e também a um convívio comum nos espaços urbanos que se multiplicavam com as transformações estruturais por que passavam as cidades como o Rio de Janeiro e que anotamos já no primeiro capítulo. Como boa parte da crônica bilaquiana ressalta, o que está em jogo é a transformação material e espiritual da realidade brasileira, através da “modernização” do País, com a defesa da educação cívica — da qual poderia participar o esporte— como um instrumento de civilização.

Também Machado de Assis não polpou referências ao esporte em inúmeras de suas crônicas ao longo dos anos. O tom jocoso era a sua maneira de apreender e tornar visível o que dava crédito e importância, já que todo assunto tinha que ter, para ele, “*um lado recreativo por onde lhe pegue.*” Desse princípio não escapou o esporte, que desfila por suas crônicas em vários momentos anotando seus passos. Como quando em 30 de junho de 1878 dizia que: “*Sucedeu `a corrida de cavalos outra corrida de homens, com o acréscimo dos ‘saltos’, que os cavalos obrigam a dar, mas não dão eles próprios*”.³³ E sempre atento ao que lhe rodeava, marcava assim mais uma passagem do esporte onde, “*nada direi das corridas de Domingo, para não cair na repetição. A vida fluminense compõe-se agora de ópera, corridas, patinação e pleito eleitoral...*”³⁴ Podemos aferir também, como as ações no lazer cresciam em importância para o público de uma cidade que se via dia-a-dia mais diversificada e diferenciada.

³³ ASSIS, M. Crônicas. 1878-1888, p. 60-61.

³⁴ ASSIS, M. Crônicas, p. 123.

Mas voltemos ao nosso cronista, que anota sempre com seu estilo peculiar o que há de exótico, intrigante e até cômico nos novos comportamentos, pois:

Ao que parece, não pega muito o espetáculo do sôco inglês, - a box - exercício inventado pela Sociedade Protetora dos Farmacêuticos; o que realmente me admira, porque a box é uma forma de luta romana inaugurada pelo professor Battaglia, - tendo, além disso, a circunstância de ser nova entre nós, e a virtude de dar extração à arnica, - 'a grande arnica' - como dizia o finado Freitas.³⁵

Se analisarmos os jornais e revistas das últimas décadas do século XIX, veremos como as ações se encadeiam de uma forma crescente, num modo de viver pautado em práticas diferenciadas, primeiro em um grupo muito restrito e depois num alargamento constante, com a participação cada vez maior da população dos centros urbanos, como o Rio de Janeiro. Esse processo é sintomático na medida em que, primeiro pelo tipo de ação que era realizado — o dito esporte verdadeiro era o turfe — mas que vai-se ampliando com o passar do tempo, modificando-se o público e os componentes dessas ações ao longo desse período. Isso é possível de ser constatado com alguns dados .

Ao longo de boa parte do século XIX, a ação básica estava restrita ao turfe como o esporte por excelência, que envolvia criadores, juizes, jockeys, apostadores e um público reduzido e, de certa forma, voltado para atividades ainda não muito experimentadas. Uma característica que vale a pena apontar é o fato de que, no turfe de então, a atenção estava muito mais voltada para os grandes Barões — os SPORTMEN como eram chamados — com seu poder de compra e manutenção dos cavalos.

Já nas décadas de 70 e 80 do século XIX, muitos jornais dedicaram notas às corridas de cavalos que aconteciam nos fins de semana do Rio de Janeiro. Jornais como “A Época”, “A Semana” e “Vida Fluminense” acompanhavam a programação dos prados e havia ainda os periódicos “O Sportman” e “O Sport” que veiculavam matérias exclusivamente sobre o turfe, como notas sobre as corridas, programação das provas, compra e venda de cavalos, pontos de apostas, palpites para os futuros páreos, etc. Assim como nesses dois periódicos, nos demais também não eram poucas as alusões à prática do

³⁵ ASSIS, M. Crônicas, p. 171.

turfe entre os cariocas. Em “A Semana”, de 25 de julho de 1885, na sessão “História dos sete dias”, cujo texto tenta reproduzir os fatos mais marcantes da semana, o colunista dizia que “*pertenceu a semana quasi exclusivamente ao sport e á opera lyrica, a cavalos e cantores.*” E mais adiante complementava: “*Decididamente são estas as duas maiores paixões do público fluminense*”.

Mas eram, certamente, os dois jornais semanais — O Sportman e O Sport — que mais se dedicavam a cobrir o dia-a-dia do turfe fluminense. Vale a pena destacar uma nota publicada em O Sport de 19 de novembro de 1887, tratando do “dia do Sportman”, que anunciava como deveria se comportar o indivíduo em dia de prova e demonstrava bem a que público estava dirigido, traçando todos os passos do caminho daqueles que se dedicavam ao turfe e faziam disso um estilo de vida. Podemos reparar que há um comportamento reclamado por aqueles que se voltavam aos novos passatempos e que não estavam restritos ao tempo de assistência ou participação nessas atividades. A individualidade perpassava o modo de ser dos homens. Assim discorreu o comentarista:

...9h ½ - Vermouth ou aperitif, no Cailton.

Chenitos, almoço, uma chicara de moka superior e bonde de Vila Isabel.

Meio dia - Chegada ao prado. Comprar uma ou mais poules baseando-se nos palpites d'O Sport...” E segue descrevendo o que é esperado de um Sportman até chegar ao final do dia quando “... *será bom não esquecer de tomar uma chicara do delicioso café Oriente do nosso amigo Pinto Moreira, e, satisfeito com o seu dia, sentindo o estômago vazio, o leitor irá ceiar na Maison Maderne onde Désiré com sua costumada amabilidade garantir-lhe-há, ao servi-lo, que a melhor cerveja estrangeira é a cerveja lowenbraw.*”³⁶

Vemos que até aí soam com muita frequência as ações que dizem respeito à prática do turfe, muito mais o perfil dos Barões — os Sportmen por excelência — do que dos jockeys, juízes. Mesmo assim, podemos ver que se trata de uma prática perpassada por regras e cada vez mais tratada por um pessoal especializado e com uma assistência que mostra a diferenciação apontada por Bilac anteriormente.

³⁶ Dom Réclame. In: O Sport, de 23-11-1887, n. 02.

Mas, se o turfe era a atividade esportiva mais definida nesse período, certamente não era a única. As corridas e principalmente as regatas mereceram uma crescente atenção da população e, por consequência, dos periódicos da época. Assim é que, na coluna “Echos e Fatos” da Revista Ilustrada, vamos ver que, num domingo de 1884, na baía de Botafogo, *“pois que não ficou ninguém na cidade, nem nos arrebaldes. Em carros, a cavallo, a pé e sobretudo em bondes, dentro e fora, no estribo e na plataforma, encima, embaixo, pendurados, completamente no ar... lá foram ter todos”*.³⁷ Mas ainda maior surpresa vem da participação feminina, cada vez mais presente, cada vez mais envolvente nessas provas, como nos dias de muito sol e calor, quando

A grande novidade eram umas regatas onde deviam figurar remadoras. E na verdade fizeram muito boa figura.

Dous escalares a quatro remos, tripolados por cinco moças cada um, disputaram perfeitamente e com todo o denodo a 5. corrida, chegando quasi juntas ao posto de vencedores.

Tanto as remadoras vestidas de azul como as de encarnado, surprenderam a todos pelo modo vigoroso, firme e certo no remar.

Houve muitas apostas e entre estas algumas sobre o verdadeiro sexo da tripolação. Uns asseveravam que eram moças, outros que não.

Qual moças! Qual sexo fraco! Sexo forte, isso sim! Vejam só como remam!

São rapazes de desoito a vinte annos, ainda imberbes, que vestiram saia, diziam uns e apostavam. Moças não remam assim, e dobravam as apostas.

Só quando as remadoras chegaram perto é que os incrédulos acreditaram que não eram rapazes. E não foi preciso apalpar á moda de S. Thomé.

*Felizmente!*³⁸

Notemos que a participação feminina é crescente também nos esportes. Podemos até sugerir que, pela prática dos esportes, as mulheres se mostravam bem mais presentes na vida social das cidades e da cidade do Rio de Janeiro em particular, como assistentes e, muitas vezes, como atletas, conforme atesta a referência acima. Assim, como bem mostra

³⁷ Rev. Ilustrada, 1884, n. 376, p. 3.

³⁸ Rev. Ilustrada, 1884, n. 371.

a nota do jornal “Echos do Mar” em 1909 que, falando da regata do clube de Regatas Jardimense, diz que *“havia a beira da praia um palanquesinho, desengonçado,[..]. para comportar um mundo de convidados que (é de se admirar) foi enorme[...] Lá havia seguramente 300 a 400 moças apaixonadas do jardimense e outras tantas dos dois outros clubes”*, o Lage e o Piraquê. Daí podemos aferir que há um número crescente de agremiações envolvidas com a prática do remo na cidade e, além disso, a participação feminina era realmente efetiva. Talvez mereça que voltemos olhares mais acurados para esse comportamento feminino no período, que não nos parece ser tão “doméstico” como se tem descrito até agora, pois

*...a mulher cada dia mais dá assumpto aos jornalistas. As secções mundanas da imprensa do Rio desenvolvem-se em sua honra.[...] Repare-se a animação que ella deu com a sua presença dominical á praia do Flamengo, e como ella soube tornar-se o mais irresistível estímulo, nos campos de foot-ball, para as emulações saudáveis dos jogos esportivos.*³⁹

Parece que, ao lado delas estavam algumas das mudanças que se processavam em várias direções. Como registra a Rev. Ilustrada de 28 de abril de 1885, tratando da iluminação da Rua do Ouvidor pela luz elétrica ou, ainda, do que já tivemos oportunidade de falar, do cada vez maior raio de presença do bonde na vida fluminense e até da ampliação do convívio social, pelos banhos de mar cada vez mais freqüentes na baía da Guanabara. Ou, também, para não ficarmos muito distantes do nosso objeto, da criação de espaços, ainda pouco difundidos, onde os esportes passam a ser cada vez mais praticados. Espaços como o que o *“Sr. Pares está tratando de organizar, com o fim de estabelecer um fronton, no qual além do jogo de pelota serão realizados outros divertimentos tais como corridas de cavallos, etc, etc”*.⁴⁰

Mas essas ações não estavam destinadas apenas aos espaços físicos onde homens e mulheres se movimentavam , apareciam e se relacionavam. A diversidade de relações

³⁹ Rev. Da Semana, 28-06-1917.

⁴⁰ O Combate, 08-02-1892.

era apenas mais um reflexo de um processo de desenvolvimento que passava a operar, cada vez com maior intensidade, e que se anunciava no próprio instrumental que se destinava ao corpo humano.

Nos primeiros anos do século XX, são inúmeras as inovações que se apresentam nas páginas dos jornais. Cresce o número de anúncios dos mais variados instrumentos. São medicamentos e instrumentos movidos pela grande sensação do momento: a energia elétrica. Um exemplo desses instrumentos modernos é o “*cinturão elétrico herculex*” do Dr. Sandeu, que “*cura todas as moléstias nervosas, reumatismo, dyspepsia, etc etc*” e era fabricado nos Estados Unidos da América, “*onde a eletricidade ocupa o primeiro lugar do mundo*”.⁴¹ Parece que se inaugurava uma certa moda do corpo e com ela toda sorte de “descobertas”. O que estava em andamento na verdade era toda uma transformação dos costumes, agora incorporando novas técnicas vindas, principalmente, da Europa e que se sobrepunham aos velhos hábitos dos nativos. Essa incorporação foi tão ampla que teve para o Brasil o caráter de uma reeuropeização.⁴²

Dá para sentir a crescente complexidade em que o mundo estava se movendo: mundo do automóvel e do cavalo, do cinturão *herculex* e da febre amarela, do “bota abaixo” e da criação de clubes e edifícios.

O que vimos anotando e que chama a atenção de Olavo Bilac como a sensação “*da lava ainda captiva, que ferve na entranha abraçada de um vulcão...*”, é que se inauguravam inter-relações e o esporte, crescentemente percorrendo os diferentes grupos sociais, de uma maneira geral, dava também sua contribuição na construção de configurações diferenciadas. Talvez seja um componente que, mais do que qualquer outro aspecto desse período, possibilitou o contato daqueles que “estão fora” (*outsiders*) com os “estabelecidos” (*establishment*) numa tentativa de participação e busca de identidade experimentada apenas em momentos muito específicos.

⁴¹ O Paiz, 01-01-1903.

⁴² Sobre essa reassimilação dos costumes europeus no Brasil do século XIX, é interessante a discussão travada por G. Freire ao longo de “Sobrados e Mucambos”, ou mais pontualmente no capítulo VII: “O Brasileiro e o Europeu”.

A prática do esporte era, ou ainda é, talvez, o momento mais explícito e mais efetivo de tentativa dos *outsiders* de participar de uma prática criada e difundida por um *establishment*,⁴³ prática que, em última instância, denota um modo de ser, em que os de fora buscam apreender os seus sentidos e, nessa apreensão, transformam-na a seu modo, numa maneira de identificar e também de demonstrar a percepção dos limites do grupo estabelecido. Talvez possamos pensar melhor essa relação, se observarmos, como chega a afirmar Pereira, que “*entusiasmando grupos diversos e unindo em identidade comuns sujeitos radicalmente diferentes, o futebol conquistava definitivamente todas as atenções, tornando-se um elemento importante da experiência de inúmeros grupos sociais*”.⁴⁴

Esses sujeitos radicalmente diferentes de que fala Leonardo Pereira vivem em ambientes próximos, cruzam-se, por vezes, nas ruas e calçadas, andam lado a lado nos bondes, percorrem paisagens comuns e compartilham, principalmente, de uma prática que requer ações específicas e um procedimento individualizado. Esses “*sujeitos radicalmente diferentes*” comungam de algumas ações. O que lhes tornam mais próximos do que parece considerar Pereira ao longo de sua análise.

Certamente, com sua crônica “Salamina”, Olavo Bilac não estava apenas voltado ao enaltecimento da prática esportiva, que já percebia crescente entre os jovens desde essa época (1900). Sua busca poderia ser a de um país diferente, compartilhado com outros iguais e que necessitava, para o seu advento, da transformação da realidade passando apenas por sua ótica. Mas não é de se negar que percebia uma direção nas mudanças. Em sua crônica “O Sport” de alguns anos depois, Bilac vai justamente nos mostrar o quanto essa direção se definia. Nela, começa se desculpando por ter feito um comentário errado sobre a criação de um parque de tiro-aos-pratos, que o poeta tinha tomado como um parque de tiro-aos-pombos. Diz ele:

⁴³ A relação outsider-establishment é proposta por Norbert Elias como uma tentativa de sair do rígido esquema sociológico que pensa a identidade apenas entre os iguais. Adiante falaremos mais demoradamente sobre essa relação e onde ela pode nos ajudar no entendimento da prática do esporte no Brasil.

⁴⁴ PEREIRA, L. op. cit., p. 187.

*Uma vez como eu tivesse escrito algumas linhas sobre a projetada criação de um parque de tiro-aos pombos no Rio de Janeiro, comecei a receber uma grande quantidade de cartas, umas favoráveis e outras contrárias à criação do parque, - mas todas discutindo o caso com inflamada paixão.*⁴⁵

Ora, essa “inflamada paixão” das cartas recebidas é que vai chamar a atenção do nosso cronista, e é justamente isso que ele comenta logo em seguida: “*O que mais me interessou, porém, por ocasião deste incidente, foi a verificação do quanto as questões do sport impressionam e preocupam os homens do nosso tempo*” (p. 116).

É esse crescente interesse no trato com os esportes, essa paixão, esse envolvimento, que chama a atenção não apenas de Olavo Bilac, mas de vários outros intelectuais da época. Seja para defender, como Bilac e Coelho Neto, ou seja para atacar a ação no esporte, como é o caso de Lima Barreto com relação ao futebol. Num e noutro caso, crescia o número de posicionamentos acerca dos benefícios e/ou malefícios dos esportes. No nosso modo de ver, crescia, principalmente, a atenção de um segmento atento às mobilidades da sociedade e desejoso de intervir nesse processo. Por isso, continuemos um pouco mais com o Bilac:

Não é possível escrever uma linha defendendo ou malsinando tal ou qual sport, sem provocar um largo movimento de applausos ou de contestações. É lícito dizer que metade da população se interessa por tal assumpto. Só no Rio de Janeiro ha quatro ou cinco revistas desportivas. Os clubs não têm conta. Todos jornais mantêm secções d’essa especialidade, peçados de notícias sobre natação, esgrima, as corridas, a velocipedia, o automobilismo, a canoagem, o foot-ball, a luta romana (p.116).

Reparemos que, para uma crônica escrita em 1908, o nosso autor já nos mostra o quanto essa prática envolve a população da Capital Federal. Jornais, revistas, clubes e, podemos acrescentar, prados, praias e tantos outros lugares cada vez mais relativos e relacionados com a prática dos variados esportes. Reparemos também que aparece no

⁴⁵ BILAC, Olavo. O Sport, p. 115.

texto o termo “especialidade” como alusão ao fazer esportivo. O esporte já aparenta ser uma ação que requer um manejo de uma técnica específica e um conhecimento diferenciado até para os comentaristas nos variados jornais que tratam também do esporte, que já não é mais apenas o turfe, elegante e recatado; é também a natação, a esgrima, as corridas, a velocipedia, o automobilismo, a canoagem, a luta romana e, crescentemente, o futebol cada vez mais praticado nos clubes dos filhos da elite carioca e nas ruas, praias e também clubes de subúrbios criados em torno desse jogo. Esse esporte, como já anotamos, emerge, com sua ação mimética como um componente civilizatório nas sociedades Estado do nosso tempo, como também, a seu modo, anota o poeta:

Não se trata de uma mania nossa. É uma mania universal. Supponho que até nos planaltos do Thibet e entre os gelos dos polos já existem sport e sportmen... Parece que toda a gente contemporânea, cansada e envergonhada de ser fraca e molle, de não ter sangue nem músculos, e de viver comprometendo a sorte da espécie, - procura recuperar a saúde perdida, na ancia febril de quem se sente morrer e luta desesperadamente com a morte (p. 116).

Essa mania parece também ser compartilhada por aqueles que fazem oposição, como Lima Barreto. Com sua crítica oportuna e mordaz, mostra-nos que estava atento aos movimentos dessa prática nas notícias dos jornais. Chega até a lhe causar espanto quando, da leitura de um comentário acerca dos fatos ocorridos no último jogo de futebol entre cariocas e paulistas, faz a seguinte observação: “*Diabo! A cousa é assim tão séria? Pois um puro divertimento é capaz de inspirar um período tão gravemente apaixonado a um escritor?*”⁴⁶

Na sua surpresa, Lima Barreto nos mostra justamente — embora não o perceba bem em seu tempo — que não se trata de um divertimento qualquer. Chamam-lhe a atenção as conseqüências do jogo entre os jogadores e, mais ainda, o porquê de tão apaixonado comentário de um escritor “...pois não acredito que um jogo de bola e,

⁴⁶ BARRETO, Lima. Sobre o foot-ball. In: *Vida urbana*, p. 147.

sobretudo jogado com os pés, seja capaz de inspirar paixões e ódios".⁴⁷ E é justamente por sua rixa contra o futebol que Lima Barreto nos permite ver onde e como o esporte vai ocupando mais e mais espaço. Em "O Nosso Esporte", de 1922, portanto, anos após as suas primeiras críticas ao "esporte bretão" vai, meio que resignadamente, atestar que

...quem abre qualquer um dos nossos jornais, principalmente nesses dias de centenário festejados faustosamente em meio da maior miséria, há de concluir que este nosso Rio de Janeiro não é o paraíso do jogo do bicho, a retorta monstruosa da politicagem, a terra dos despautérios municipais e de poetas.

Concluirá que é um imenso campo de foot-ball...

Essa constatação é acompanhada justamente do lugar de crescente destaque que vêm tomando as notícias sobre os esportes nos jornais daquele período, pois que as gazetas "*vão ao encontro do gosto do público, seguem-no e, por sua vez, excitam-no.*" E "*já não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente pelo menos a um club destinado a aperfeiçoar aos homens na arte de servir-se dos pés...*" (p. 281). Além de contestar o auxílio do orçamento público às ligas de desportos, já atestando que muitas dessas "*subvenções ficam pelo caminho*", Lima Barreto parecia ter duas outras "arengas" com o jogo de *foot-ball* : a primeira delas é o fato de ser este o esporte preferido de Coelho Neto a quem ele não perdia a oportunidade de chamar, com um tom meio galhofeiro, beletista; e a segunda é o fato de ser jogado com os pés que, ao que tudo indica, passa também para Lima Barreto — e não só para ele — uma conotação rude e violenta desse esporte. Afinal, servir-se dos pés para qualquer atividade nesse período (e hoje?) não era exemplo de trabalho digno e, muito menos, ação intelectualmente enobrecedora.

Num mesmo tom contrário à prática do futebol, mas não só deste como a de qualquer esporte com mescla de "estrangeirismo", Graciliano Ramos, em crônica publicada pela primeira vez ainda na distante Palmeira dos Índios, 1921, vai desfiar distintas porém igualmente pesadas críticas ao esporte que se caracteriza pelo "*pontapé a*

⁴⁷ BARRETO, Lima. O nosso esporte. op. cit., p. 281.

uma bola de borracha". Mas a crítica de Graciliano tem outras implicações que vale a pena, mesmo que de passagem, anotar aqui. Primeiro, porque o autor escreve de um lugar que não é a grande cidade, o litoral, a capital Rio de Janeiro; mas do interior, do sertão. Fato que ele faz questão de realçar constantemente e que funciona no texto como um contraponto à adoção da prática do futebol, em particular, mas também do turfe, do box e de outros esportes mais. A idéia do par Sertão-Interior versus Cidade-Litoral ganha força no texto e é o motor de toda a narrativa. Portanto, o futebol, como coisa da cidade, do litoral deve ser visto com desconfiança pelos que vivem no interior: "*O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos. As grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão*".⁴⁸

Essa diferença entre Capital-Litoral e Sertão-Interior motiva o autor a "baixar o sarrafo" nas novas práticas vindas de fora, pois as cidades "*regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças*" e por isso não só o futebol mas também "*o box, o turfe, nada pega*". Nessa diferença excludente de Graciliano, só é possível buscar a identidade na capacidade de fecundarmos a *instituição alheia* para que "*arranjemos nela um filho híbrido que possa viver cá em casa*". Se não for assim, "*é roupa de empréstimo, que não nos serve*". Se, para Graciliano Ramos, era assim que deveríamos nos comportar frente ao esporte (*reabilitem os esportes regionais que aí estão abandonados...*), para Lima Barreto essa busca desenfreada por novidades é também motivo de discordância. Só que as premissas, como vimos, são outras.

No caso de Lima Barreto, há também uma indifensável discordância quanto à crescente subvenção ao esporte que parece ainda sugerir uma forma diferente de dedicação dos praticantes e uma especialização também maior.⁴⁹ Já Gilberto Amado, em crônica desse período, iria cobrar dos poderes públicos que dessem uma atenção maior aos diversos desportos. Para ele, é o nome da cidade que está em jogo quando das

⁴⁸RAMOS, G. *Linhas tortas*, p. 80 - 84. Devo ao Professor Dr. Antônio Jorge Soares da universidade Gama Filho a indicação da obra de Graciliano Ramos.

⁴⁹Já na última década do séc. XIX, notas nos jornais pediam auxílio dos poderes públicos, com a redução de impostos, para que o turfe nacional pudesse "funcionar sem peias" (O Paiz, 12-02-1899).

partidas de futebol ou outro esporte qualquer e, por isso, deve o poder público fiscalizar melhor os assuntos do esporte, interessando-se “*pelo renome esportivo da cidade*”,⁵⁰ o que nos faz ver essa associação, cada vez mais estreita, entre os esportes e a vida urbana. Fato que, se não estava explícito, ao menos aparece sugerido também por Olavo Bilac, novamente na crônica “O Sport”, quando, comparando os novos jogos olímpicos com os da Grécia Antiga (sic) vai nos dizer que “*não há hoje atletas que se contentem com a ração diária de um punhado de azeitonas, uma sardinha e uma tarraçada de água fresca. Demais, todos nós precisamos ganhar a vida...*”(p. 119). Mas essa forma de “ganhar a vida” carece, a nosso ver, da estruturação de um modo de vida e de um modo de ser que vai-se estruturando nas relações que se inauguram e transformam o ambiente humano.

3.3 A busca da identidade

Na sessão de esportes do jornal “A Gazeta de Notícias”, do dia 19 de maio de 1905, um relato da assembléia da Federação Brasileira das Sociedades de Remo vem chamar-nos a atenção. Como era de uso, muitas das atas dessas reuniões acabavam publicadas nos espaços destinados a cada esporte na coluna de esportes do referido jornal. Nesse dia, “A Gazeta” publicara justamente uma decisão que havia sido fruto de várias discussões realizadas pelos sócios daquela Federação:

...em sua sessão de 17 do corrente indeferiu a pretensão de A. dos barbeiros e cabelleiros, isto é, a maioria do conselho da Federação entendeu que a classe de barbeiros e cabelleiros não pode ser permitida no amadorismo do sport-nautico, em face do disposto no art. 26, item 2. , cap.V dos Estatutos...

Se enxergamos aqui essa primeira discussão nas hostes do remo, é possível perceber também que ela se estende a outros esportes e por isso à semelhante discussão vamos assistir, anos depois, tendo por palco um outro esporte, o futebol, com as

condições requeridas para registro como amador na Liga Metropolitana de Esportes.⁵¹ Por enquanto, aqui o palco é outro e os atores também são outros, mas o que há de semelhante nesse contexto é a procura incessante dos diversos e diferentes atores pela participação no “espetáculo” que estava já em plena encenação. Ou seja, talvez tenhamos que considerar, para melhor entendermos esse processo de crescente inter-relações, o significado que toma a prática dos esportes para os diferentes segmentos sociais e que faz com que, pela crescente participação, possamos perceber melhor o sentido diverso tomado primeiro, na posição dos “marginais”⁵² em relação a certos grupos estabelecidos e, depois, pelo significado e sentido diferenciado da própria prática dos esportes num contexto social diversificado, fruto de uma urbanização crescente. Talvez essa diferença seja sentida pelos desdobramentos da ação dos distintos segmentos no palco aberto em que a cena se desenrola.

No primeiro caso, é preciso considerar que a ação dos agentes estabelecidos em uma certa configuração não é apenas percebida pelos seus próprios componentes. Ou, por outra, as pessoas com posição de marginais em relação a certos grupos estabelecidos — o que parece ser o caso dos barbeiros e cabeleireiros na Federação das Sociedades de Remo e dos trabalhadores de uma maneira geral na liga de futebol — percebem-se como seus iguais por suas realizações pessoais e suas habilidades. Certamente, podem estar plenamente conscientes dos defeitos e das limitações do grupo estabelecido. cremos que esse seja um fator sempre descuidado quando da análise dos esportes no Brasil.

⁵⁰ AMADO, G. Assunto sério. In: PEDROSA, M. *Gol de Letra*, p. 161-164.

⁵¹Sobre o futebol e suas artimanhas, vale a pena conferir a já citada tese de doutorado de Leonardo Pereira. “Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). IFCH/UNICAMP, 1998.

⁵²Em um de seus estudos intitulado “The Established and the Outsiders”, N. Elias elabora esse par conceitual numa tentativa de fugir de uma explicação unicamente centrada na diferença de classe para compreender a questão da violência. Na edição portuguesa de “Quest of excitement. Sport and leisure in the Civilizing Process”, traduzida com o título de “A busca da excitação”, os termos comumente usados são: “instalados e Marginais” enquanto a edição espanhola dessa mesma obra usou o par: “estabelecido - intruso”. Vamos trabalhar aqui com os termos “marginal” e “estabelecido”. Mas, por achar que o primeiro termo, no caso brasileiro, é carregado de um sentido pejorativo, faremos uso, vez por outra, da expressão “de fora” como uma maneira de fugir um pouco do sentido difuso do termo “marginal”.

As ações dos “de fora” não se limitaram à aceitação passiva das definições dos setores estabelecidos e, muito menos, podem ser explicadas pelo simples argumento de que os espaços alcançados foram possíveis apenas porque trariam benefícios para os “dominadores” da ação.

Se, como parece sugerir a ata da reunião da Federação de Remo, os barbeiros e cabeleireiros estavam fora da associação náutica, não porque não eram amadores, mas porque não tinham um código de condutas que se assemelhasse ao modo de ser dos outros sócios, extrapola aí a discussão de ser ou não amador, e coloca na ordem de prioridade o posicionamento enquanto indivíduo componente de uma configuração específica. Talvez por aí possamos entender por que também *“o foot - ball é um sport que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo - pois, sendo intrinsecamente violento, ele teria na boa educação um de seus requisitos básicos”*.⁵³

É flagrante que a intenção dos estabelecidos tomou um caminho não planejado ante a ação dos “de fora” e não é à toa que, no futebol, por exemplo, o espaço de trabalho vai-se constituir também na base para a formação de diversos clubes, com destaque para o Bangu e o Carioca Foot-ball club, no caso do Rio de Janeiro. Por outro lado, longe de se constituir, também, para além da tão sonhada escola de disciplina, como um espaço de autonomia e manifestação de uma visão de mundo particular.

Nesse contexto, podemos pensar a intensa participação dos “de cor” nos “match” de futebol, distinguindo-se por sua destreza no trato com a bola no pé, o que marca uma reação ante as condições a que foram expostos e também dá significado ao desejo de se fazerem reconhecidos no círculo dos “estabelecidos”.

Num outro aspecto, o posicionamento se mostra também pelas ações que confrontam os códigos de conduta, como é possível de ser visto na edição de 20 de maio de 1906, da Gazeta de Notícias, onde, na coluna sobre foot-ball, um repórter anota que

Os jornais a semana passada, verberaram um fato, que sendo verdadeiro, é digno de lástima. No match de foot-ball, utimamente

⁵³Esse trecho é citado por Leonardo Pereira, op. cit., p. 105.

jogado entre os clubs Riachuelo e Bangu, socios deste club, como espectadores vaiaram os jogadores.

Seja-nos permitido dizer que esses espectadores não são SPORTMEN, e apellamos para a diretoria de seu club para que fatos iguais não se repitam.

*O verdadeiro SPORTMAN deve primar pela lhaneza, pela cortezia, pela lealdade e pela educação...*⁵⁴

Esse sentido que aqui vimos tratando pode ser observado em uma passagem de “O Cortiço” de Aluizio de Azevedo, quando, como até já anotamos, Leone volta para visitar seus velhos amigos e é vista por todos como já pertencente a um outro meio, por suas práticas e sua maneira de se comportar, pois agora nada lhe falta: *“sua boa casa; seu bom carro para passear a tarde; teatro toda noite; bailes quando quer e, aos domingos corridas, regatas, pagodes fora da cidade e dinheirama grossa para gastar à farta!”*⁵⁵

Ainda um outro aspecto merece aqui ser descrito. É que as contradições e o sentimento de não pertencimento não são estabelecidos apenas por aqueles que constituem estratos sociais diferenciados. Há as diferenças que são estabelecidas entre setores da mesma classe social. No romance de Aluizio de Azevedo, isso transparece justamente nas constantes desavenças entre indivíduos do Cortiço São Romão, do português João Romão, e do “Cabeça de Gato”, cortiço próximo e sempre mencionado como núcleo de reunião de vagabundos e malandros. O famoso cortiço “Cabeça de Porco” foi demolido durante as reformas urbanas. Na obra em questão, as desavenças só se resolvem com o confronto direto, que marca em todos as diferenças no próprio corpo. Pois, como anota, sobre uma passagem, o próprio autor: *“uma transformação, lenta e profunda, operá-va-se nele, dia-a-dia, hora a hora reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida”*.⁵⁶ Ou na luta entre os “Carapibus” do cortiço São Romão e os “Cabeça-de-gato” quando se aproximavam da estalagem *“cantando, a dançar, ratejando alguns de costas para o chão, firmando nos*

⁵⁴A Gazeta de Notícias. 20-05-1906.

⁵⁵AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*, p. 119.

⁵⁶ AZEVEDO, A op. cit., p. 122.

pulsos e nos calcanhares” (p. 224), marchando um contra os outros e marcando a guerra entre cortiços por cacetes e navalhas.

Portanto, o sentimento de não pertencer ao contexto, nesse caso, não deve ser pensado apenas como um sentimento de classe. Pode ser explicado também pela idéia de um sentimento de “intrusão”⁵⁷ em que uma vida, ou vidas, sem muita perspectiva reclama por um sentido. Na nossa sociedade cada vez mais diferenciada e com um controle social cada vez mais específico e um autocontrole crescente, os espaços para a manifestação dos desconfortos são crescentemente mais localizados. As atividades esportivas passam a ser, talvez, um dos espaços onde esses sentimentos podem emergir com maior força, pois proporcionam uma excitação agradável, fruto de um descontrole-controlado, que trás um significado para a vida, ao menos no âmbito de algumas situações específicas. Aí também o indivíduo não está só e, muito embora essa excitação possa ser produzida sob uma forma que é socialmente limitada e controlada, é na vida cotidiana do grupo que cada um passa a se sentir mais poderoso.⁵⁸

Essa relação entre os marginalizados e os estabelecidos (outsiders e establishment), em nossa opinião, percorre a tensão montada pelos esportes mais populares do Rio de Janeiro no início do século XX. A busca de espaços no remo por barbeiros e cabeleireiros, que culminou com a ata que citamos logo no início deste capítulo, e os inúmeros estratégias de nossos “bons moços” do futebol para manter distantes os “outros” que teimavam, no início, em apenas assistir aos “match”, mas, logo

⁵⁷Com relação a esta idéia de “intrusão” nos escritos de Elias, vale a pena conferir a introdução do livro “A busca da excitação”, p. 90 e seguintes. É possível também uma aproximação com o livro desse mesmo autor intitulado “Mozart: a sociologia de um gênio”, onde ele retoma o conceito de outsiders com maior precisão e que, a nosso ver, pode ser útil para melhor entendermos as relações que estamos tentando estabelecer aqui entre a prática dos esportes e as configurações que se inauguram na vida cotidiana.

⁵⁸Acreditamos que poderíamos discutir um pouco melhor as novas formas de violência em grandes cidades como o Rio de Janeiro, percorrendo essa idéia de “síndrome de intrusão” aliada ao par “instalados-marginais” sugerida por N. Elias em vários de seus textos. Afinal, há aí, a nosso ver, um sentimento de não pertencimento que não é apenas fruto da falta de trabalho. Os lutadores de Jiu-jitsu são um exemplo de como essa idéia de esporte e manifestação de violência não deve ser vista apenas numa relação de causa e efeito. O que queremos dizer é que a ausência de sentido na vida de certos segmentos sociais é o motivo de muitos jovens olharem o mundo estabelecido com desconfiança. Na prática de esportes é que grupos se reúnem e, quebra-se, ao

depois, buscaram e ocuparam espaços de participação no jogo, são exemplos de como os diferentes atores lutavam por uma identidade tendo por “campo de batalha”, em nossa análise, as diferentes manifestações proporcionadas pelos passatempos desportivizados.

O segundo ponto sobre o qual nos parece importante aqui fazer alguma referência é quanto ao sentido tomado pela prática esportiva no contexto social com uma diversificação funcional crescente e um aumento da rede de interdependências, que tem muito de comum com várias questões tratadas até aqui. Ou seja, de uma ação voltada para si, pautada nos seus valores preestabelecidos e numa educação característica de um grupo cujo ethos social é o de uma prática de esportes apenas como divertimento, o esporte caminha passo a passo para uma ação voltada para o outro e, assim, ao que parece, é redefinido o seu papel social. Muito embora esse processo não se complete no período que elegemos para análise, é lá que ele se inicia e por ele vai sedimentar a ação no esporte como uma ação cada vez mais abrangente e diferenciada.

Numa sociedade onde as pressões estruturais eram relativamente frouxas, como a sociedade brasileira do século XIX, o caráter exclusivo do domínio de certos grupos, como os barões do turfe, fazia com que se mantivessem, nesse contexto de acentuadas desigualdades, ações que priorizavam formas de divertimento, de participação nos passatempos desportivizados centrados em si mesmos. Não é por acaso que o turfe se estrutura como o esporte de destaque do século XIX, no Brasil. Nele, até o fato de os jockeys receberem uma certa ajuda pecuniária e, portanto, constituírem-se como “proto-profissionais” muito antes dos jogadores de futebol, nem isso ameaçava a idéia de amadorismo acalentada pelos SPORTMEN na figura dos grandes barões proprietários dos cavalos. A figura do barão, em seu domínio, era inconteste e por isso também era inconteste sua forma de divertimento que nem de longe parecia ameaçada pela participação de outros indivíduos. Assim é que o “profissional” desse esporte era totalmente subordinado ao seu patrono, merecendo pouca ou nenhuma referência nos jornais da época, ao contrário dos donos dos cavalos, os verdadeiros SPORTMEN.⁵⁹

menos por um período tênue, o fio que mantém o autodomínio sob níveis “normais” e buscam a excitação na luta real.

⁵⁹Nesse período, os jornais traziam colunas exclusivas para o turfe e a única propaganda que se via com relação às práticas esportivas eram as que anunciavam corridas nos prados e os

Mas, que transformações características levaram essa balança a pender para um lado, fazendo com que as práticas esportivas tomassem uma forma diferenciada, tornando-se um dos principais meios de identificação coletiva?

Um dado para considerar é que *“toda a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos”*,⁶⁰ fatos que começam a mudar com a extinção do tráfico de escravos e o incremento da imigração européia, quando houve um deslocamento de recursos para outras áreas. Fatos também que, na análise de Sérgio Buarque de Holanda, levaram o País a um período de “prosperidade”, de mudanças políticas e de comportamento. Essa prosperidade é referida por Holanda, quando da análise dos valores em importações ocorridas entre 1850-1852, que *“constituía singular novidade em terra onde a idéia de prosperidade ainda estava intimamente vinculada à posse de bens mais concretos e, ao mesmo tempo, menos impessoais do que um bilhete de banco ou uma ação de companhia”*.⁶¹ É preciso ainda considerar que as relações sociais na sociedade brasileira, a partir de meados do século XIX, entram num processo de transição do patriarcalismo rural para o industrialismo urbano e capitalista e, melhor ainda, para um patriarcalismo urbano materializado na construção dos sobrados.⁶²

Por isso, não só no âmbito da economia, essas mudanças geraram incômodos e rearranjos. A própria educação e a ordem familiar viram-se afetadas pelas mudanças na organização tradicional do trabalho, por uma conseqüente diversificação de funções e um resultante alargamento da interdependências, acarretando uma maior integração de grupos diferenciados num tecido reticular mais vasto.

Uma mudança sintomática nesse contexto pode ser detectada, se observarmos o que ocorreu nas hostes de um dos setores mais rígidos da estrutura social brasileira nesse

respectivos páreos. Dois jornais semanais circulavam na década de 1880 tratando exclusivamente do turfe: O Sportman e O Sport. Ainda outros jornais traziam colunas falando unicamente do turfe: O Paiz, A Gazeta de Notícias e O Combate são alguns exemplos.

⁶⁰HOLANDA, S. B. de, *Raízes do Brasil*, p.41.

⁶¹HOLANDA, S. B. de. Op. cit., p. 45. Não é nesse sentido que também trata do homem cordial e seu “provável” desaparecimento no modo de ser do brasileiro?

⁶² Ver FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*, p. 97..

período, o exército. Na época de D. João VI e Pedro I, os filhos da aristocracia alcançavam altos postos com muita rapidez, enquanto os fidalgos pobres, quando muito, chegavam a oficiais subalternos. Em 1855, a média de idade para se chegar ao posto de major era 27 anos; já no final desse século, a idade média era 39 anos e não é por acaso que, segundo Simões de Paula “*os camaradas de Deodoro podem ser considerados membros da classe média, não por nascimento, mas por educação e fontes de renda*”.⁶³ Esse exemplo é apenas para mostrar que esse gradiente de diferenciação foi amplo o suficiente para ampliar as inter-relações sociais que se intensificaram a partir de então e cujo epicentro passou a ser a cidade que trouxera para sua influência uma área cada vez mais ampla.

Essas cidades “*que outrora tinham sido como complementos de mundo rural, proclamaram finalmente sua vida própria e sua primazia*”.⁶⁴ Os serviços urbanos se aperfeiçoaram e junto com eles os estilos de vida nas cidades. “*A vida ficaria mais livre da rotina doméstica. A rua outrora só de negros, mascates, muleques - se aristocratizaria*”.⁶⁵ Cidades que se transformavam pela diferenciação funcional dos seus habitantes, fator relevante no equilíbrio de poder entre dirigentes e dirigidos, classes sociais e até nas relações entre as diferentes gerações.

Assim é que as ações inicialmente refletidas no turfe como centradas no modo de ser característico dos barões,⁶⁶ como “o honradíssimo Sr. Barão da Vista Alegre”, que, naquele páreo de 21 de novembro de 1885, de acordo com o jornal “A Semana”, não pôde comparecer ao **divertimento** (grifo nosso) ou até dos primeiros participantes dos jogos de futebol, ampliam-se sob a forma de controles multipolares, diversificam-se

⁶³PAULA, E. Simões de O exército e o Império In: *História geral da civilização brasileira*. Tomo II - Declínio e queda do Império, p. 241.

⁶⁴HOLANDA. S. B. de. *Raízes do Brasil*, p. 128.

⁶⁵FREYRE, G. op. cit., p. 22.

⁶⁶ A idéia de divertimento, associada ao modo de ser dos barões, denota uma ação diferenciada quanto às novas práticas sociais. Esses cavalheiros passam a organizr sociedades que marcam seu espaço de ação na cidade como quando da inauguração de espaços como o “Hippodromo-Guanabara”, “muito distinta sociedade que conta em sua diretoria cavalheiros da mais geral

ocupando espaços diferenciados do ambiente urbano e suas configurações, tornando-se um dos principais meios de identificação coletiva.

Dessa forma, o esporte vai , nos centros urbanos, cada vez mais diferenciados e interdependentes, deixando de ser uma atividade específica de um grupo como se fosse voltado para satisfazer sua própria auto-imagem . Passa a refletir essa diferença e interação na diversidade de sua prática e na crescente participação de segmentos tidos, até então, como meros coadjuvantes.

estima". Ver a esse respeito as várias notas nas colunas de jornais, como A Semana, 25-07-1885, 12-09-1885 e 10-10-1885; O Sportman, 15-05-1887; e O Combate, 19-01-1892.

CAPÍTULO IV

4 DO TURFE , DO REMO E DO FUTEBOL: para uma sociogênese do esporte no Brasil

Bondes gols
 Aleguais
 Noctâmbulos de matches campeões
 E poeira
 Com vesperais
 Desenvoltas tennis girls
 No Paulistano
 Paso doble.

Oswald de Andrade

O propósito de estudar o turfe, o remo e o futebol é o de, justamente, apontarmos esses esportes como um elemento que, entre nós, brota com o crescente processo de contato social e se desenvolve junto a uma diferenciação que permite apontar um amplo controle multipolar até então pouco característico da sociedade brasileira desde a colônia. As funções se diferenciavam, como passavam a ser diferentes as inter-relações e a forma de se perceber nesse contexto. O esporte é, nesse sentido, um modo de se comportar que surge dessa diferenciação.

Para a sociogênese do esporte no Brasil, devemos considerar que o alargamento da prática de esportes e o envolvimento de camadas sociais diferenciadas deve-se, como até já observamos anteriormente, à emergência de uma maior diversificação funcional, permitindo o embate de grupos diferenciados a partir dessa diversificação, no quadro de redes mais vastas. A quebra do poder diferencial nos grupos e entre estes é devido à crescente divisão do trabalho e à emergência de cadeias de interdependências mais extensas, permitindo o surgimento de padrões de controle multipolar. No Brasil, esse processo se amplia com a crescente imigração da segunda metade do século XIX, a abolição dos escravos que tornou os senhores das terras, os nossos patriarcas, mais dependentes do serviço de terceiros. Consequentemente, gradiente de poder desses

patriarcas também diminui à medida que cresceu a necessidade da concorrência do trabalho assalariado.

Falávamos anteriormente da figura do SPORTMAN centrada nos barões que financiavam o esporte de maior destaque do século XIX, o turfe. Dizíamos, justamente, de sua ação voltada para um tipo de divertimento específico, que começa a criar raízes, entre nós, com a “participação” desses senhores que são fruto de uma sociedade patriarcal e centrada na figura dos homens bons. Sociedade que, até então, vivia voltada para a casa e, ao que parece, ações como o turfe denotam uma aproximação maior com o espaço da rua e das praças, por esse período, tão desprezado; locais de imundícies e abandono às primeiras décadas do século XIX. A rua começou a merecer maior atenção não apenas com a mudança das famílias nobres para os arredores das cidades, deixando a casa-grande das fazendas para trás e ocupando seus novos sobrados, mas com as manifestações públicas marcadas pela Igreja, pela popularização do entrudo e, por que não dizer, pelo advento dos esportes, que tornaram as ruas e praças uma zona de contato e marcaram um prestígio novo no nosso sistema de relações sociais, cujo campo de ação passou a ser justamente ela, a rua.

Nessa sociedade centrada na figura do homem como o lado forte e verdadeiro pilar de sustentação social, superior à mulher, o lado fraco e quando muito apenas belo, o esporte adotado pelos nossos barões construtores dos grandes sobrados urbanos haveria de ser mesmo o turfe. O esporte representado antes de tudo pelo cavalo, puro-sangue, que cheira à fazenda e relembra a força dos conquistadores. Cavalo que, por muito tempo, foi o meio de transporte predileto de nossos barões, era o nobre animal das guerras e muito mais valioso para os seus patrões que a maioria de seus negros escravos. Nesse sentido, herdamos do colonizador português o gosto pelo cavalo como elemento de ação militar e como extensão, de distinção social. Em Portugal, o merecimento militar superava qualquer outro, ao menos até o século XIX, e o cavalo, por sua capacidade bélica, era motivo de concessão de privilégios para o seu proprietário. Por isso, o *“ter o cavalo e utiliza-lo comumente constituia valimento e elevava o homem a posições*

*superiores. Os favores dispensados aos que se distinguiram tinham sustentáculo a condição única de posse do cavalo”.*¹

No Brasil, a marca de distinção tinha no cavalo, e o cavalo de *stada*,² um de seus principais pilares. Ele servia aos aristocratas do açúcar, do café e do ouro, é certo que sem aquele crédito militar que tinha em Portugal, mas aqui se exagerou como expoente de luxo e de grandeza, de vaidade e de exibição. Cavalo que, também, divertia nos torneios de cavalarias desde o século XVII e enobrecia pela arte de cavalgar e que justificava as corridas de cavalo pelo propósito de “melhorar a raça cavalar” entre nós. Por tudo isso, parece que o turfman é, em todos os sentidos, o patriarca do nosso esporte.

Ao longo do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro, como já tivemos oportunidade de mostrar (vide capítulo I), passa por um período de mudanças mais aceleradas que se iniciam com a chegada da corte e que vai mudar a forma de viver de seus cidadãos. As próprias casas, antes voltadas para o seu interior— mais para os próprios viventes —, passam a se abrir às ruas. Suas janelas e portas, se não mais abertas, menos centradas na vida doméstica e mais voltadas para os serviços urbanos representados pela precária iluminação, calçamento e, posteriormente, o saneamento, que vem mudar o estilo de vida nas cidades. Na verdade, uma transição de um modo de vida centrada na família para uma individualidade, em que cada um começa a viver mais desprotegidamente em relação ao grupo primário e passa a criar modos de comportamento que estabelecem uma barreira entre o eu e o outro e um autocontrole muito mais rígido. Uma transição marcada, primeiro, pelas diferenças entre os filhos e pais. Aqueles saídos para estudar e tornarem-se bacharéis ou militares enquanto estes continuavam acostumados a um poder quase ilimitado. Também pelas filhas e esposas ocupando, primeiramente, salas de visitas e, posteriormente, os passeios públicos.

¹ GOULART, José A. *O cavalo na formação do Brasil*. p. 14

² Segundo José A. GOULART, “o cavalo de stada era aquele retido em estribaria especial, instalada próxima a residência, fácil de ser divisado do alpendre senhoria; era o cavalo tratado com esmero, acrinhado, recomendado ao escudeiro de confiança.” *Op. cit.*, p. 17.

Esses aspectos denotam mudanças na sociedade brasileira que se encontra, segundo Gilberto Freyre, “*desde o meado do século xix em processo de transição de patriarcalismo rural para o industrialismo urbano e capitalista; do familismo para o individualismo.*”³

O que nos interessa anotar aqui é frisar o turfe, nesse contexto, como o esporte por excelência do patriarcalismo brasileiro. Esporte que casa com a figura do chefe de família, o Sr. Barão, o sportman capaz de se distinguir de tudo e de todos. Talvez assim possamos entender um pouco melhor o que representou, e ainda representa, a participação em passatempos esportivizados para os indivíduos na sociedade brasileira. Naquele período, decerto mais do que hoje, tão cheio de repressões, opressões, o esporte pode ter funcionado mesmo como uma forma que possibilitou, e ainda possibilita, extravasar as tensões e opressões características de um poder diferenciador do homem — forte e nobre — com relação à mulher — fraca e bela — e à criança — frágil e instintiva.

O sportman se destacava sobretudo pelo seu estilo de vida que, como já falamos num outro momento, a partir de uma coluna de “O Sport” de 19 de novembro de 1887, começa o seu dia com “*vermouth ou aperitif, no Cailton*”, vai ao Prado e termina saboreando uma “*chicara do delicioso Café Oriente*”. Vermouth, cerveja estrangeira e café, bebidas pouco usuais, e demonstram um estilo europeizado, crescentemente buscado pelos homens “distintos” desse período. Distinção que Machado de Assis, em crônica perspicaz, marcava esse desejo de “imitar a civilização” pelo costume de beber chá, dizendo que “*Suponho que os ingleses é que inventaram esse uso de beber chá às 5 horas. Os franceses imitaram os ingleses, nós estávamos vendo se, imitando os franceses, há de haver alguém que nos imite.*”⁴

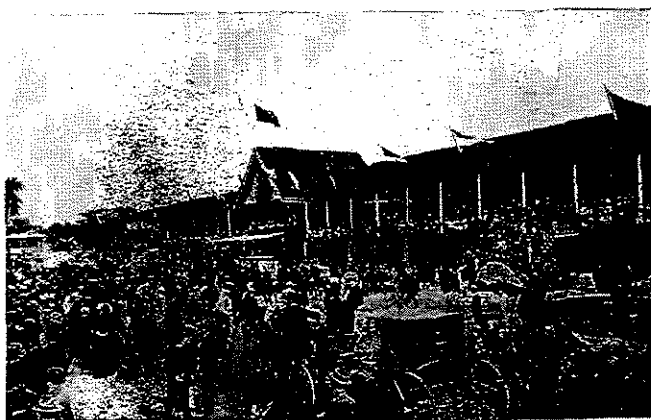
³ FREYRE, G. Sobrados e mucambos. p. 97. Ainda para esse autor, as grandes mudanças nesse período se deram com a transferência do poder patriarcal das casas-grandes do interior para os sobrados das cidades, quando se verificou “uma diminuição da distância não só física como social entre a gente senhoral e atividades mecânicas, comerciais, industriais que começaram a desenvolver-se, nas mesmas cidades, em relativa independência dos senhores de sobrados, embora, principalmente, para o seu uso e conveniência. Inclusive o uso e conveniência das senhoras” p. 134.

⁴ ASSIS, M. de. A semana, 27-10-1895.

trazem notas diárias sobre o turfe e são inúmeros os anúncios e chamadas das corridas a serem realizadas, além de serem vários os prados no Rio de Janeiro do final do século XIX.

Ainda em 1869, o Imperador D. Pedro II oficializa, pelo Decreto n. 4.323, de 19 de janeiro, a Sociedade Jockey Clube. Era tanta a presença da sociedade fluminense nos prados que o Jornal do Comércio naquele ano publicava a seguinte nota:

... Pela inspetoria geral se faz público que, por ocasião das corridas do Jockey Clube, as quais terão lugar no dia 8 do corrente no Prado Fluminense, haverá trens para São Francisco Xavier desde de às 10 horas da manhã até ao meio-dia de 10 em 10 minutos, conduzindo passageiros ao preço de 1\$ por pessoa, ida e volta. Para a volta haverá trens logo que terminarem as corridas até as 5 horas da tarde. Ficam suprimidas as paradas dos trens de subúrbios em São Francisco Xavier, das 10 horas da manhã às 5 da tarde. Os bilhetes acham-se desde já a disposição do público na estação central desta estrada à Rua do Ouvidor, n. 72.⁵



Corridas no velho Jockey Club

Corridas no Jockey no final do séc. XIX

Vemos aí o que representavam as corridas pela grande afluência de pessoas, com trens partindo de dez em dez minutos e ainda um outro dado especial que vale a pena

⁵ Jornal do Comércio. Setembro de 1869. Citado por GOULART, J. A. "O cavalo na formação do Brasil", p. 120.

Vemos aí o que representavam as corridas pela grande afluência de pessoas, com trens partindo de dez em dez minutos e ainda um outro dado especial que vale a pena destacar, que é a venda antecipada de passagens demonstrando a mobilização que a cidade vivia quando das corridas de cavalos.

A Semana de 10 de outubro de 1885 traz notícias sobre as corridas no Prado Villa-Isabel, no Derby-club e no Jockey-club. Chama a atenção para a inauguração, no dia 1º de novembro, do Hipódromo-Guanabara, dizendo tratar-se de “*muito distinta sociedade que conta em sua diretoria cavalheiros da mais geral estima*”.⁶ Por esse período, o Rio de Janeiro contava com vários prados: o Jóquei, o Derby, o Guanabara e o Turfe Clube. Todos eles, segundo relatos da imprensa, cheios e realizando corridas das mais emocionantes. Novamente Olavo Bilac anota a larga presença do turfe, não só pela participação do público nos prados, mas, principalmente, pela marca do esporte nas pessoas, seus modos e costumes:

*Era uma cousa assombrosa! Todo o mundo falava a gíria do esporte. Todos os homens usavam na gravata o alfinete clássico da ferradura. As fazendas, em que as senhoras cortavam os seus vestidos, tinham estampagens de chicotes, de loros, de casquetes de jóquei...*⁷

Além do mais, havia as reclamações contra

*...o fechamento dos prados, onde o público fluminense viu o seu divertimento favorito; a falta enfim do turf, que sempre foi o gosto predominante de todas sociedades civilizadas, causa a maior contrariedade aos inúmeros apreciadores das bellas lutas híppicas, que há muito prelibavam os gozos prometidos pelas anunciadas novidades da próxima estação....*⁸

⁶ Quase todos os jornais desse período dedicavam alguma nota sobre o turfe. Além de O Sport e O Sportman, dedicados exclusivamente às corridas, também O Paiz, A Semana, a Época, Vida Fluminense, etc.

⁷ BILAC, O. Manias: café-cantante. In BANDEIRA, M. Op. cit., p. 275.

⁸ O Paiz, 12-02-1899.

Prediletos mesmo desde que o Jóquei Clube anunciava a sua primeira corrida em 1854 e José de Alencar assim anunciou o fato:

...domingo passado o caminho de São Cristovão rivalizava com os aristocráticos passeios da Glória, do Botafogo e São Clemente, no luxo e na concorrência, na animação e até na poeira. O Joquei Club anunciara a sua primeira corrida e, apesar dos bilhetes amarelos, dos erros tipográficos e do silêncio dos jornais, a sociedade elegante se esforçou em responder à amabilidade do convite...⁹

Mas, se estamos falando sobre os barões, os sportmen do turfe, cabe-nos perguntar: quem são eles? Como atuavam e que relações tinham com as corridas?

O homem, nesse período da sociedade brasileira, caracterizava-se por ser um elemento móvel e militante, perturbador da rotina e, de certa forma, inventor de novas e diferenciadas atitudes.¹⁰ A relação com as ruas fez com que esses homens, muito mais independentes do que as mulheres, se envolvessem com novas práticas importadas da Europa e fizessem delas um modo de vida, e mais, um espaço de exercício do poder, realização de seus desejos e necessidades. Necessidades essas que, no ambiente urbano, suas aproximações e diferenças se interpenetravam, carecendo de novas e diferenciadas ações, que se manifestavam nas reuniões e festas e que, a partir de então, não eram apenas as religiosas.

Nesse contexto, surge a figura do sportman que é como eram designados os barões proprietários dos animais, como o de Vista Alegre, Dr. Costa Ferraz, Paulo de Frontin, entre outros. Quase todos coronéis. E coronéis de infantaria pertencentes à Guarda Nacional, segundo Luiz Edmundo,

...respeitável milícia, instituição quase belicosa, que ainda paga patente para defender a Pátria e que, enquanto não chega a hora do

⁹ ALENCAR, J. de. Primeira corrida no Jóquei. In: BANDEIRA, M., op. cit., p. 209-210.

¹⁰ Cf. FREYRE, G. Sobrados e mucambos. Em especial os capítulos "O Pai e o Filho" e "A Mulher e o Homem".

*grande sacrifício, defende o orçamento do Ministério do Interior e da Justiça, pagando bom preço as patentes, encorajando o comércio de Kepis, das espadas e dos galões dourados...*¹¹

Esses sportmen, proprietários de fazendas e de sobrados urbanos eram, na verdade, os grandes senhores da nova forma de divertimento e causava surpresa sua ausência nos páreos, como notou e noticiou o repórter de A Semana, de 21 de novembro de 1885, quando o “*honradíssimo Sr. Barão de Vista Alegre lastimando que sérios motivos de molestia em um hospede de sua casa junto delle o retivessem, impedindo-o de comparecer ao divertimento*”.

Repare que era tudo um “divertimento”. O patriarca na sociedade brasileira do século XIX, senhor de seu papel social e ciente de uma separação nítida entre os ainda limitados grupos sociais, viam, na prática do turfe, um “divertimento” voltado para si, havendo pouca ou nenhuma preocupação com uma participação voltada para os outros. Se esse fato pode ser observado ao longo de boa parte da história do turfe na cidade, no remo e, principalmente, no futebol esse “isolamento” é mais observado apenas no início de sua prática. A ausência de pressão advinda de uma tensão estrutural crescente, a partir de baixo, já que só a elite dirigente parecia razoavelmente organizada e ciente de seu papel, fazia com que essas formas de divertimento se mantivessem no âmbito desse segmento de um modo muito pouco alterado, dado que o caráter sólido do domínio do patriarca conduziu a um elevado nível de segurança quanto ao contato com outros indivíduos em relação às suas práticas de divertimento.

Portanto, se nenhuma ameaça se colocava aos valores da elite dirigente em vários níveis da esfera social e nas práticas de lazer em especial, não haveria mal nenhum e, por conseguinte, nenhum perigo em que alguém obtivesse benefício pecuniário a partir das corridas ou dos jogos de “bolapé”. Por outro lado, a crescente interdependência cria concomitantemente um leque de controle multipolar, o que leva os indivíduos a um elevado nível de restrição emocional na sua vida comum e cotidiana, já que dependem cada vez mais de outros para levar a contendo suas ações. É nesse sentido que os esportes avançam como atividades que possibilitam uma forma de identificação de grupo, mas

¹¹ EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro do meu tempo*, p. 867.

também um maior leque de contatos inter-relacionais no interior do próprio grupo e entre grupos.

Esses patriarcas do esporte da equitação viam o turfe como um esporte criado para eles mesmos. Assim como o “carrossel social” girava para confirmar a sua força, o turfe era a ação que vinha ratificar um modo de vida desse *establishment*, em que cabia a participação dos demais apenas como complemento do seu mundo. Nesse sentido, é que a ação dos jóqueis, mesmo que pagos para correr nos cavalos, era apenas um detalhe do estilo de vida da elite. O amadorismo não estava em questão, na medida em que os protoprofissionais que os jóqueis poderiam representar estavam, ao que parece, cientes de seu papel de meros guias de animais nas raías, onde o verdadeiro esportista era aquele que pagava a peso de ouro o animal muitas vezes importado da Europa ou da Argentina e que aguardava nas arquibancadas o divertido sucesso de seu empreendimento. O esporte, como a boa música,¹² deveria ser praticado apenas para satisfazer às “exigências” dos sportmen.

Mas, para entendermos bem o sportman desse período, talvez seja bom passearmos um pouco pelo universo feminino, quase como que considerado o averso do masculino. Este destinado à invenção, às mudanças, ao exterior e a força; aquele responsável pela ordem, pelo interior (das casas principalmente) e pelo belo.

A mulher nessa sociedade começa a descobrir o espaço da rua e das praças e é, sem dúvida, no âmbito dos passatempos desportivizados que ela vai fincar suas raízes para além dos parapeitos das janelas. São nesses espaços que as damas vão-se expor de forma mais completa. Antes, quase todo tempo circunscrita ao espaço da casa, sempre se retirando quando da chegada de algum estranho ou visita, só vivendo entre a criadagem e o gato ou o papagaio de estimação. Agora, vestindo-se à última moda da França ou da Inglaterra, usando grandes chapéus, luvas e sapatos. Maquiando-se, perfumando-se com

¹² Fazemos referência aqui à análise feita por N. Elias em “Mozart- A sociologia de um gênio”, quando elabora uma discussão sobre o insucesso de Mozart na busca de se tornar um músico autônomo numa sociedade onde o músico era considerado um servo no mesmo patamar de um empregado doméstico. Sua música deveria ser composta para satisfazer os desejos do senhor que lhe pagava, assim como o jóquei do século XIX, no Brasil, deveria apenas guiar o cavalo até a linha final com a maior habilidade possível. O jóquei era mais um empregado do senhor barão, no mesmo nível do cocheiro ou do criado do sobrado.

sabões importados para banhos ou utilizando “águas” e “leites” para brotoejas e assaduras, porque,

Com a generalização das modas europeias mais requintadamente burguesas e a urbanização dos estilos de vida, outrora rústicamente patriarcais, as deficiências ou os excessos de formas de corpo que não correspondessem às modas de Paris e de Londres foram sendo corrigidas por meio de unguentos, cosméticos, dentes e cabelos postiços, ancas, tinturas para barbas e cabelos, espartilhos....¹³

Maneira de viver que já se mostrava em países da Europa, onde o esporte ganhava cada vez mais adeptos e as mulheres participavam do seu espaço praticando-o e, com isso, mudando sua forma de comportamento, vestuário, maquiagem e cortes de cabelo.¹⁴

Aqui já fizemos referência à participação feminina não apenas na assistência às corridas do turfe. Nas provas de remo ou nas partidas de futebol, elas também passaram a se fazer cada vez mais presentes. Anotamos o caso divulgado na Revista Ilustrada, ainda em 1884, numa prova que causou apreensão ao público onde “tanto as remadoras vestidas de azul como as de encarnado, surpreenderam(!) a todos pelo modo vigoroso, firme e certo no remar”.¹⁵ Essa mulher começa a vencer o tipo social e cultural sempre amolecida, meio criança, lânguida e até muito apertada pelos espartilhos e armações típicas de uma sociedade organizada sob o domínio exclusivo de uma classe e um sexo. Essa mulher começa, com a crescente urbanização das cidades, a aparecer mais e se fazer presente, primeiramente, nas janelas, muros e coretos dos sobrados e, posteriormente, nas praças e ruas que agora são mais prestigiadas que anteriormente. Também nos espaços criados pelas novas ações, novas técnicas, novos divertimentos: os teatros, as óperas e, no

¹³ FREYRE, G. Sobrados e mucambos, p. 104.

¹⁴ O papel do esporte no processo de emancipação feminina é crescentemente abordado por vários autores. A esse respeito, ver a observação feita por E. Hobsbawm e T. Ranger em “A invenção das tradições”, p. 307-308. Também para uma análise do esporte em São Paulo e a participação feminina na segunda década do século XX, vale a pena conferir “Orfeu extático na metrópole”, de N. Servcenko. Em especial o cap. I.

¹⁵ Revista Ilustrada, n. 371, 1884.

arquibamcadas que, [...], as levara talvez menos o desejo de verem do que o de serem vistas...” Assim já se reportava Fernando de Azevedo em escrito sobre a evolução do esporte no Brasil.¹⁶

A mulher passa a ostentar as novas roupas, a pele depilada, “*chapéos das mais modernas flôres, pennas, chapéos de sol, luvas de pelica, enfeites para vestidos de senhoras e de meninas*”.¹⁷ Troca o violão pelo piano Inglês e depois o Alemão. Participa mais desenvolta dos bailes e festas com novos penteados com variados sortimentos de tranças, coques, cachos, pinturas para cabelos. E, muito embora viva num país tropical, de clima muito diferente da matriz das modas, usa muito veludo e roupas escuras, seguindo, muitas vezes com grande atraso, o gosto das francesas e inglesas. Assim, torna-se cada vez mais freqüente a presença feminina nos espaços criados para os divertimentos esportivos onde primeiro se destacam as corridas de cavalos.



A VIDA CARIÓICA — Invenções novas.

A vida carioca – Revista Selecta, 1917.

Nesse contexto, o turfe se organiza como o esporte do sexo forte, dos patriarcas moradores dos sobrados e também, por seu lado, ávidos por imitar os costumes das nações civilizadas da Europa. Fato que determinou aquilo que Gilberto Freyre foi chamar

¹⁶ AZEVEDO, F. A evolução do esporte no Brasil. In: *Da educação física*, p. 281-306.

¹⁷ Jornal do Comércio, 26-02-1874, citado por Delso Renault, op. cit., p. 61.

Nesse contexto, o turfe se organiza como o esporte do sexo forte, dos patriarcas moradores dos sobrados e também, por seu lado, ávidos por imitar os costumes das nações civilizadas da Europa. Fato que determinou aquilo que Gilberto Freyre foi chamar de uma nova reeuropeização do Brasil. Agora não mais centrada na figura do português colonizador, mas numa Inglaterra expansionista e imperialista e numa França culturalmente dominadora, com seus costumes diferenciados e ditando suas modas. De uma Europa já bastante industrializada e urbana.

As corridas de cavalos eram, assim, uma forma de se mostrar mais civilizado, mais próximo ao gosto dos povos cujos passatempos seguiam um sentido muito mais regulador e individualizador. Se, no Rio de Janeiro, *“há pessoas que suppoem serem os clubs de corridas méros pretextos para passatempos, equiparando-os assim às sociedades de dança e gremios mais ou menos dramáticos”*, a idéia dos sportmen da época era mostrar-lhes que estavam enganadas, pois *“quão outra é a idéia que na culta Europa se faz das sociedades promotoras do melhoramento da raça cavallar”*¹⁸ e como se esforçam para difundir o gosto pelas corridas. Sociedades estas que lá, como aqui, eram geridas por *“nem mais nem menos que a nata da aristocracia”*. No caso da Europa, segundo O Sportman, figuras como o Duque de La Rochefoucauld e o Barão de La Rochette, entre outros.

Essa associação de melhoria da raça cavalar e a implantação das corridas fundamentou até todo um leque legislativo que visava a ratificar a prática do turfe no contexto não só da cidade do Rio de Janeiro, mas de vários outros centros urbanos no Brasil do final do século XIX. Em 1877, reforma-se o estatuto da Sociedade Jóquei Clube e o Decreto n. 6.499, de 1. de março, art. 1., reza que *“A Sociedade Jóquei Clube, fundada nesta corte a 16 de julho de 1868, tem por fim promover, por meio de corridas, o melhoramento da raça cavalar no Brasil.”*¹⁹ Decretos também vão oficializar o funcionamento da Sociedade Anônima Jóquei Clube (Decreto n. 5.615, de 25-04-1875);

¹⁸ O Sportman, 15-05-1887.

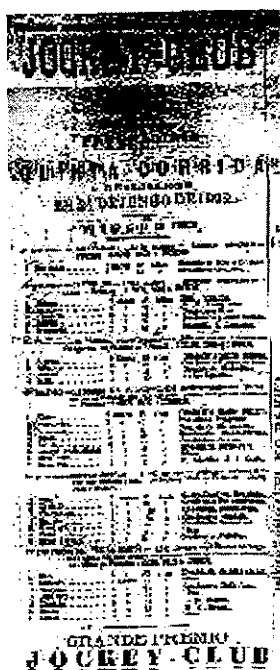
¹⁹ GOULART, J. A O cavalo na formação do Brasil, p. 152. Nesse mesmo texto, o autor discorre sobre outros atos legislativos que citaremos a seguir, além de tratar, em parte da obra, de formas de lazer de cunho mais rural em que se empregava o cavalo, como a cavallhada, o jogo de argolinha, etc. Ver p. 212 e seguintes.

melhoramento da raça cavalar e ratificando o passatempo predileto dos barões esportistas.

Mas, já bem adiantado o século XIX, vemos, pelos espaços e artigos nos jornais, que se difundem outros esportes na capital da República. Entre eles, percebe-se a ascensão do remo que passa a ser noticiado com uma frequência crescente.

O turfe, que até então se destacava pela presença do homem criador de animais, financiador e organizador dos páreos, montador dos cavalos— cabendo à mulher apenas a aparição no momento das corridas— vai-se manter presente nos noticiários e, enquanto prática desportivizada, vai ter sua continuidade como passatempos nas provas de remo, só que de uma forma bem menos diferenciadora —embora essa idéia não estivesse ausente dos

primeiros praticantes. No turfe, o sportman não se sujava, não se arriscava a tombos e nem a banhos de sol. Sua participação era nas tribunas, apostando e divertindo-se com



as “armações” dos páreos, já que não foram poucas as tentativas de forjar resultados surpreendentes ou um triplo empate que levasse a uma invalidação da prova. A vestimenta era a mais sóbria possível, seguindo bem a moda dos países europeus. Os homens de fraque e chapéus, bem penteados, barbados e as mulheres com os melhores vestidos, os novos chapéus e penteados e a mais doce fragrância importada.

Já no remo, um novo grupo de homens participam de sua prática. Talvez os filhos desses barões buscassem agora se distinguir dos pais pelos próprios passatempos, muito embora esses barões estivessem presentes como administradores ou autoridades do final do Império e início da República na construção dos pavilhões e na promoção de várias provas, como é o caso de Pereira Passos e sua reforma urbanística do Rio de Janeiro. Aí também a participação feminina continua a crescer, e não são poucas as notas de jornais e crônicas da época que fazem referência ao fato. A alguma delas já nos referimos aqui. Vários desses fatores, como a crescente participação feminina, o modo de vestir, a participação

crescente participação feminina, o modo de vestir, a participação direta do homem na prática do esporte, são componentes importantes para pensarmos nas mudanças que se operavam na sociedade brasileira. A vinculação com a prática de esportes, como o turfe, depois o remo e, posteriormente, o futebol, permite-nos pensar a diferenciação e a individualização crescente nas relações sociais. Há ocupação de espaços e a criação de lugares novos numa cidade mais voltada para si, mais independente da vida do campo e tornando o meio rural, crescentemente, dependente da vida urbana. Fato realmente novo na estrutura social brasileira e da qual a prática dos esportes é mais um componente.

No nosso caso, é ainda interessante anotar que o turfe, assim como o remo e até certo ponto o futebol, surge como um esporte que ocupa espaços até então descartados da interação social. Naquele, onde os cavalos ditavam o ritmo, a ocupação realizada pelos prados parecia manter ainda um “cheiro” de campo nas imediações da cidade. Muito embora a ação de uma aristocracia faça-se notar pelos modos rebuscados, pelas vestimentas e meios de transportes, é ainda nas figuras dos barões esportistas vinculados ao modo de vida dos sobrados semi-urbanos, que o turfe vai imprimir sua marca diferenciadora. Vai inaugurar seus prados como um lugar de divertimento de uma elite voltada para um redescobrimento da Europa e, principalmente, para um reposicionamento do indivíduo na esfera social, pela adoção de formas de passatempos muito mais individualizados.

Já o remo alcança uma grande popularidade nos anos iniciais do século XX, mas, vários anos antes, por volta da década de 80 do século XIX, vai-se fazer presente no noticiário dos jornais, marcando também a ocupação das praias que até então eram espaços pouco visitados e freqüentados apenas em horários bem específicos. O remo ainda vai demarcar um novo modo de lidar com as relações pessoais, na medida em que subverte a forma de vestir e de se apresentar em público. Também a figura do sportman desloca-se para o centro da cena como ator e não mais espectador. Não é por acaso que João do Rio anota que, pela formação de clubes, como o Regatas do Flamengo, o exercício físico passou a merecer das gerações mais novas uma atenção nunca dantes

dispensada. As pessoas olhavam aquilo a princípio com susto, pois os rapazes passavam de calção e de camisa de meia, dentro do mar, a manhã inteira e a noite inteira.²⁰

Portanto, não é sem motivo que esse deslocamento ocorre. O remo é uma atividade urbana na qual a participação do próprio remador é decisiva e denota uma outra forma de lidar com os passatempos desportivizados. Não que os senhores barões tenham deixado de existir — o turfe ainda merece considerável atenção na imprensa e o homem continua sendo o senhor do sobrado — mas não eram mais os sportmen absolutos e únicos das raias dos anos passados e o turfe também parecia não mais corresponder à crescente vontade de “participar” tão presente na já bem diversificada população carioca. Na própria imprensa do Rio de Janeiro, começam a surgir críticas aos favores recebidos pelas corridas de cavalos, como uma matéria publicada na Gazeta de Notícias, dando conta de que alguns esportes têm merecido a proteção do governo, porém “*São em geral os piores. Todos sabem, por exemplo, que se tem consedido numerosos favores aos clubs de corridas hipicas, sob o pretexto de melhoramento da raça cavallar....*”. E segue a nota traçando um perfil do “monstro” que é o cavalo de corrida, sugerindo como seu contraponto que “*Há, porém, um sport digno de atenção: é o esporte nautico. Presta-se menos ao jogo e é mais útil*”.

A mesma imprensa que, há cerca de vinte anos, cobrava a atenção para as corridas de cavalo nos prados agora coloca os esportes náuticos como aqueles verdadeiros esportes e, muito mais que o turfe, merecedores da atenção dos governantes.

O remo era assim um esporte “útil” porque, certamente, congregava uma parcela da população cada vez mais ativa e ansiosa pela ocupação do espaço social e político: os jovens, que, na sociedade patriarcal, mantiveram-se à sombra dos mais velhos como forma de angariar poder e prestígio. Primeiro dentro de casa, depois, por decorrência, entre a criadagem e, por fim, nos poderes públicos constituídos. Agora, ascendiam à condição de participantes não apenas como mera sombra do que eram seus pais, tios ou avós, mas como jovens que começavam a se libertar do poder quase absoluto e tirânico dos homens.

²⁰ João do Rio. Hora do futebol. Citado por N. SEVCENKO. *A capital irradiante*, p.570.

Assim, é que um esporte náutico como o remo ganhava cada vez mais espaço e tornava-se, muito provavelmente, o primeiro esporte que tentou se organizar em nível nacional, com a criação da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, cujo estatuto é publicado pela Gazeta de Notícias, de 18-04-1906, com “*o intuito de tornar-se útil aos clubes de regatas fundados nos Estados de São Paulo[...], Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e demais Estados ...*” Artigo esse que dá ensejo àquela discussão acerca da participação de barbeiros e cabeleireiros que solicitavam serem aceitos como amadores, o que aponta uma preocupação com a condição social de seus praticantes, que não era uma grande preocupação nas sociedades hípicas.

Sendo um esporte mais característico de uma sociedade em transição — no sentido de uma regulação mais específica — já que a relação agora era de equipes que buscavam um objetivo, as regatas vão exigir dos participantes uma atitude muito mais voltada para o outro. Não apenas devido ao trabalho em equipe, mas, também, porque muitos representavam um clube ou uma associação da qual eram parte e dela dependente.

Portanto, no início do século XX, já era grande o número de notas em jornais tratando dos clubes de remo e das regatas, de ciclismo e banhos de mar. É interessante notar que há mais notas sobre o remo e o ciclismo do que sobre o turfe nos jornais operários desse período. Jornais como A Nação e O Combate, em 1892, estampavam manchetes chamando para as “*grandes regatas da enseada de Botafogo*”, competição marcada para o dia 17 de julho de 1892 “*em benefício das famílias das vítimas do naufrágio do couraçado Solimões*”,²¹ demonstrando que a prática do remo, por mais que se pretendesse mantê-la nas hostes de um setor específico da sociedade — o que, por sinal, era sempre desejado quando se tratava dos passatempos esportivizados — foi sendo, pouco a pouco, com o crescente envolvimento dos *outsiders*, objeto de atenção e dedicação daqueles que buscaram fundar clubes em recantos mais remotos e viver a festa da regata na Beira-Mar, mesmo que se apertando nas barcas que acorriam ao local das competições. Afinal, é o esporte, com sua crescente organização, que propiciar

²¹ O Combate, 23-06-1892.

configurações diversas e momentos de identificação entre os diferentes indivíduos da cidade.

Contudo, um pouco antes, na década de 1880, já estava difundido, entre alguns setores, o hábito de assistir às regatas. Se, no início do século XX, essa prática ganha espaço nas notas dos jornais operários, nas últimas décadas do século XIX, ela parece ser de usufruto quase exclusivo de algumas famílias residentes na orla. Delso Renault aponta que, em 1881, os jornais notificam que *“as regatas na enseada de Botafogo dão ensejo às reuniões, aos saraus. Famílias residentes na orla daquela praia abrem seus salões e, de suas janelas e sacadas, os convidados apreciam as corridas...”*²² O que denota, de início, o gosto particular de uma classe por uma ação específica. Os passatempos, cada vez mais esportivizados, são elaborados no interior de um grupo pelo gosto de cada indivíduo se mostrar como alguém independente, capaz de viver por si e, ao mesmo tempo, interagir em grupo.



Pavilhão de regatas no início do século XX.

É bom notar como, com o tempo, o remo foi alargando, ou melhor, incluindo setores diferenciados em sua prática, chamando cada vez mais a atenção. Em 1904, “O Paiz” divulga que *“estão concluídos os trabalhos do pavilhão e arquibancadas, que a prefeitura mandou construir ao largo da praia de Botafogo, numa área de 40 metros.”*

²² RENAULT, D., op. cit., p. 145.

segue noticiando que “*continuam a despertar franco entusiasmo as importantes provas de honra a se disputarem amanhã na elegante enseada. O campeonato e o prêmio municipal*”, o que demonstra um crescente interesse não só do público, mas também do poder público pelo novo esporte.

Fazendo parte da reforma urbana articulada por Pereira Passos para a Capital da República, o pavilhão de regatas na praia de Botafogo se tornou ponto de encontro da juventude elegante da cidade. Contudo, se foram motivo de reunião da sociedade elegante do Rio de Janeiro, as provas de remo não ficaram restritas à assistência e à participação dessa estreita faixa populacional. Naqueles dias em que se realizavam as provas de remo mais importantes, o povo acorria em massa para acompanhar o evento em meio a bondes e automóveis, ocupando a Avenida Beira-Mar e inúmeras embarcações se destinavam ao local com decorações festivas, “... *inclusive as barcas da Cantareira, apilhadas de povo, que tocava, cantava e dançava animadamente durante toda a prova. Os ídolos das torcidas gozavam de enorme popularidade e a população excitada os aclamava pelo nome*”²³, o que levou o próprio Mário Filho a reconhecer, nesse período, aquela força que João do Rio anotara anteriormente para o remo como o despertar do novo e diferente gosto da mocidade carioca, que nem o crescente futebol poderia enfrentar em prestígio. Para Mário Filho, “*em dia de regata, na enseada de Botafogo, sempre à tarde, na hora do futebol, não havia jogo*”. E acrescenta ainda que “*nenhum clube, nem o Fluminense, nem o Botafogo, se atrevia a marcar um jogo para o mesmo dia, para a mesma hora*”.²⁴

Se quisermos dar um exemplo para um outro contexto, podemos ver também que o remo era o esporte da vida capixaba já nos primeiros anos do século XX. Não é a toa

²³ SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: *História da vida privada no Brasil*, p. 570-571, 3 v.

²⁴ MÁRIO FILHO. O negro no futebol brasileiro. In: PEDROSA, M. *Gol de Letra*, p.188. Um outro aspecto aparentemente secundário mas que demonstra bem o prestígio dos remadores nesse período é que o primeiro time de futebol do Flamengo em 1911, foi composto por quase todo o time do Fluminense, campeão da liga metropolitana no ano anterior. O time foi proibido de usar o uniforme principal do clube, que era exclusivo dos remadores, e teve que se contentar com um uniforme secundário de camisas com quadrados pretos e vermelhos. Cf. Mário Filho. *Fla-Flu ... e as multidões despertaram!* (p. 21).

que dois grandes clubes da cidade de Vitória iniciam suas atividades justamente respaldados pelo envolvimento dos seus associados com esse esporte.

O remo, que ditava a moda no Rio de Janeiro do início do século, também marcava seu espaço entre os jovens da capital da província do Espírito Santo. Assim é que, em 6 de julho de 1902, é fundado o Clube Álvares Cabral, por portugueses residentes em Vitória e, poucos dias depois, em 29 de julho do mesmo ano, nascia o Clube de Regatas Saldanha da Gama, formado por brasileiros e marcado por uma diferença que seria a base da disputa entre um e outro desde esses tempos mais remotos.

Na ata de fundação do Clube Álvares Cabral consta que o mesmo já adquirira uma baleeira a seis remos no Rio de Janeiro, “*sendo por isso necessário alugar um barracão para a garage do club*”.²⁵ O remo vai criando assim suas profundas raízes no solo e nas águas capixabas. Cada vez envolvendo mais gente e ampliando o gosto pela tensão característica promovida por um esporte que passaria a viver, então, da disputa de dois clubes fundados no mesmo período e fruto de uma dissidência que marcaria as disputas do remo. Talvez por isso é que, em 1907, tomado pelo envolvimento cada vez maior com o esporte, na Câmara Municipal, em sua terceira convocação ordinária de 1907, vai ser proposto pelo Sr. Antero Gonçalves o seguinte:

*Propomos que fique o sr. Presidente d'este município autorizado pelo Conselho a despender a quantia necessária para aquisição de um objeto de arte ou um outro premio qualquer que pela municipalidade será conferido ao clube de regatas cuja embarcação tirar o primeiro logar no pareo denominado de honra na primeira regata a realizar-se na Bahia desta Capital.*²⁶

O que marca a passagem acima é que, deliberar uma premiação à equipe vencedora denota o caráter das primeiras disputas de remo em Vitória. O envolvimento do poder constituído é, diferentemente dos primeiros momentos do esporte no Rio de Janeiro, uma atitude de primeiro instante. O esporte já estava muito menos caracterizado como uma ação “egocêntrica”, baseado apenas no prazer do praticante — embora isso

²⁵ O Cabralista – Edição especial de dezembro de 1982.

possa ser percebido em grande medida — e voltava-se, pouco a pouco, para uma ação que iria também interagir com um público espectador crescente.

Os clubes são assim, já uma primeira amostra do processo de diferenciação, que resulta numa maior interdependência por que passava a população de Vitória. A cidade que, até então, vivia quase que voltada exclusivamente para si, vê-se agora com a ampliação da rede de transportes, com o incremento dos meios de comunicação e os novos costumes que eram adotados, envolta numa crescente teia de inter-relações, das quais a formação dos clubes é mais um aspecto. Com eles o esporte não é apenas mais uma ação que se realiza pelo prazer da prática, mais é, crescentemente, uma forma de envolver o outro e ampliar a ação para espaços e lugares distintos e com significados diversos.

As regatas eram, assim, a conquista definitiva de um espaço urbano quase que totalmente relegado ao desprezo: a praia. Antes evitada e desprezada, lugar onde se despejavam as imundícies da cidade, o mar e a praia agora compunham espaços comuns da vida social. As regatas marcavam um espaço diferenciado dos prados do turfe. Nesse, o ambiente era meio rural, meio urbano e ainda pouco acessível àqueles que desejavam participar de sua prática e não tinham dinheiro para manter um cavalo ou fazer apostas. Nas regatas, uma ação caracterizada pela ocupação do espaço urbano e voltada mais para a figura do remador do que para um animal ou o barão que o mantém. Não é à toa que foi, na prática do remo, que surgiram os primeiros ídolos esportivos que gozavam de certa popularidade e eram conhecidos pelo próprio nome, ao contrário dos jóqueis quase sempre relegados a um segundo plano, tendo o cavalo ou a égua como o centro das atenções.

As regatas são a consolidação dos sobrados urbanos, da vida na cidade começando a ditar o comportamento que se estende até ao mundo rural e, principalmente, de uma crescente individualização que marca papéis sociais específicos e cria um processo de interdependência que não se basta num tipo de divertimento voltado apenas para si. Os remadores participavam de uma agremiação ou clube e, acima de tudo, representavam uma população que, crivada pelas diferenças, mantém-se próxima por uma tensão

²⁶ Ata da 2. Sessão, em 20 de setembro. Da 3. Convocação ordinária de 1907.

multipolar que se estende para além de cada indivíduo ou grupo. Os sobrados, embora busquem distanciar-se dos mucambos, esbarram neles a cada curva da esquina. Cabeleireiros e barbeiros reclamam a participação nas regatas. Negros e brancos pobres e operários “invadem” os campos dos “football players”, primeiramente como platéia e depois como atores, quase indiferentes às reclamações e limitações impostas. Para além disso, criam seu modo de jogar o futebol, assim como lotavam a “cantareira” para cantar e dançar, fazendo a festa do remo, num espetáculo, certamente, muito diferente daquelas provas restritas aos jovens mancebos da sociedade e onde, anota o poeta, *“entre ondas de povo, passavam as carroagens, conduzindo gente alegre. E a vozeria da multidão em terra, e a matizada ensurdecedora das lanchas no mar, ajitando, - enchiam o ar de riso e delírio”*.²⁷

Não obstante toda a força que o remo demonstrava, já na primeira década do século XX, o futebol merece uma crescente atenção, não apenas dos ingleses e de seus descendentes, mas de um crescente número de imigrantes e “nativos” que, dia após dia, vão tomando contato com essa prática no cais do porto — onde os marinheiros ingleses passavam o tempo com esse divertimento esquisito — ou por sobre o muro dos campos onde os ingleses e seus filhos recém-chegados da Europa divertiam-se com o mais novo *sport*. Nesse contexto, a comparação com outros esportes era inevitável. Na cidade de São Paulo, em 1919, na fase decisiva do campeonato da cidade, cerca de 20 mil pessoas foram ao Parque Antártica assistir ao jogo entre o Corinthians Paulista e o Palestra Itália.²⁸ Em agosto de 1905, o jogo entre brasileiros e ingleses, realizado no campo do Fluminense, tinha atraído cerca de 1.500 espectadores e o Jornal do Commercio noticiou o evento destacando o elevado número de pessoas, muito embora *“houvesse grande prêmio no Derby e matinée no Lirico”*. Num trabalho intitulado “Futebol, raça e nacionalidade no Brasil”, Soares mostra como a imprensa passa a anotar as diferenças entre o remo e o futebol para tentar demonstrar a grande popularidade que este esporte vem amealhando junto ao público fluminense. É apontado o fato de o remo ser um esporte de pouca

²⁷ BILAC, O Salamina. In: *Crítica e fantasia*, p. 103.

²⁸ SEVCENKO, N. op. cit., p. 58.

interação, visto que os espectadores ficavam distantes dos remadores, tendo que fazer uso de binóculos. “*Outro aspecto é que a cultura do remo construía um espaço de interação quase misógino(!), apesar de ser considerado um esporte viril*”. Era ressaltado, ainda, que o tipo físico do remador era diferente do tipo do jogador de futebol, sendo este muito mais próximo do homem comum.²⁹

Semelhanças e diferenças à parte, o fato é que o futebol ganhava cada vez mais prestígio entre a mocidade do Rio de Janeiro, assim como vinha ganhando também, já há algum tempo, entre a população da cidade de São Paulo, desde os primeiros jogos organizados pelos também descendentes de ingleses, na década de 1890. O que vale anotar aqui é que a urbanização crescente inaugurara uma “convivência” nunca antes experimentada, gerando antagonismos e, no dizer de Gilberto Freyre, um equilíbrio que não seria mais aquele do tipo conquistado pelas casas-grandes e as senzalas, mas um outro equilíbrio gerado pela ampliada rede de inter-relações crescente consolidada por uma pressão estrutural vinda desde as bases, da qual não poderiam ficar indiferentes os novos moradores dos sobrados e mucambos, pois

*É verdade que ao mesmo tempo que se acentuavam os antagonismos, tornavam-se maiores as oportunidades de ascensão social, nas cidades, para os escravos e para os filhos de escravos, que fossem indivíduos dotados de vocação artística ou intelectual extraordinária ou de qualidades especiais de atração sexual. E a miscigenação, tão grande nas cidades como nas fazendas, amaciou, a seu modo, antagonismos entre extremos.*³⁰

Na verdade, o que aqui pode ser visto como uma mudança de um patriarcalismo rural para um de feição mais urbana, com um distanciamento maior entre os senhores dos

²⁹ SOARES, A. J. Futebol, raça e identidade no Brasil: releitura da história oficial. Nesse texto, Soares aponta que, mesmo não sendo sua questão central, “o futebol representou, na fase que o Brasil vai se tornando urbano, o meio de canalização dos ‘elementos primitivos’ presentes em nossa cultura, onde a aristocracia da Casa Grande cede espaço para a aristocracia dos Sobrados” p. 117.

³⁰ FREYRE, G. Sobrados e mucabos, p. 153. Ver a esse respeito o cap. V “O sobrado e o mucambo”.

engenhos ou fazendas e seus escravos que, segundo Freyre, viviam “*tão íntimos dentro do patriarcalismo integral*”, é a diversidade de situações de contato entre os sobrados como local de guardar valores e mulheres— tão voltados ainda para o seu interior— e os mucambos dados para a rua, com seu estilo de vida mais afro-indígena do que europeu. Essas são as causas que fizeram com que as relações entre os indivíduos sofressem transformações nunca dantes experimentadas. As relações entre homens e mulheres, entre pais e filhos e, conseqüentemente, as relações de trabalho e as formas de usufruto do tempo de lazer também passam por uma diferenciação específica que marca o surgimento de uma outra fase na vida social brasileira, com uma maior aproximação não só com os cultos religiosos, mas também com o teatro, a ópera, a rua, os meios de transporte, o turfe, o remo e o futebol.

Não obstante os passatempos desportivizados ganharem, no início do século XX, cada vez mais espaço no modo de vida urbanizado foi, certamente, sob a influência da marca do Fluminense, que o futebol tomou um novo impulso entre a juventude da cidade do Rio de Janeiro. Movimento de ascensão de um esporte que poderia ser caracterizado pelo surgimento de novos clubes, como o Foot-ball and Athletic Club, fundado em setembro de 1903, e que se consolidaria em 1904 com a fundação de clubes como o Bangu, o Botafogo e o América.³¹

O interesse pelo futebol era crescente. Fundavam-se clubes nos mais variados recantos da cidade. Os jornais e, posteriormente, o rádio deram sua contribuição para que esse processo fosse mais dinâmico e lograsse êxito. Já em 18 de abril de 1906, a Gazeta de Notícias notificava que, no dia seguinte, seriam iniciadas as secções Esgrima, Foot-ball e Sport Club. Mas se a Gazeta de Notícias começava a noticiar sobre esse esporte em abril, a “*estação do foot-ball*” só iria ser iniciada em maio, quando o mesmo jornal vai anunciar que “*é-nos agradável registrar este facto porque se vê que o sport entre nós se vae tornando uma realidade*”. Como era preciso conhecer melhor esse esporte jogado com os pés, o jornal segue tratando, na mesma página do jogo, suas características e

³¹ PEREIRA, L., op. cit., p. 23. Ver também acerca do surgimento de clubes nos subúrbios do Rio de Janeiro, p. 219 e seguintes.

regras e os termos em inglês marcam a sua origem nobre, pois “o foot-ball, sport de origem inglesa, é jogado em um terreno plano a que se dá o nome de ground”.³² Essa influência, além de se fazer percebida na maneira de jogar, ficava evidente na terminologia usada nos jornais para noticiar os eventos de futebol. Vale a pena anotar aqui um trecho de uma matéria sobre o jogo entre paulistas e cariocas, realizado no Rio de Janeiro, em 1906. O cronista, empolgado, descreveu da seguinte maneira uma passagem do jogo:

Denotando haver combinação nesse ‘team’, notamos em certas ocasiões que havia um pouco de precipitação, principalmente quando a bola se achava na área do ‘goal’ dos fluminenses e, devido a isto, a vitória se resumiu a dois ‘goals’. Um momento houve em que o ‘insideright’ ou o ‘outside right’ recebeu um passe a um metro do ‘goal’: estava ‘off-side’; mas desde que não foi notado pelo ‘referee’ era um ‘goal’ certo; no entanto foi perdido...³³

Pelo que estamos tentando compor aqui, talvez não seja lícito anotar como coincidência da vida o fato de o futebol começar a ser mais bem visualizado, no nosso contexto social, no período do governo de Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil eleito na República, e justamente nessa primeira década republicana ele ter-se consolidado como um esporte cada vez mais e mais popular, afastando-se do jeito apolíneo praticado pelos ingleses e seus filhos e tornando-se aquilo que G. Freyre classificou como “a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisiacas que é”.³⁴

É certo que, ao falarmos de esportes no Brasil e, principalmente do futebol, não devemos esquecer que estamos lidando com uma manifestação social que, entre nós, favoreceu sobremaneira os contatos e, mais que isso, a interação entre grupos de características diferenciadas. Não estamos aqui apenas tratando das diferenças

³² Gazeta de Notícias, 03-05-1906.

³³ Gazeta de Notícias. Abril de 1906.

³⁴ G. FREYRE. Prefácio. In: MÁRIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*.

econômicas como fator de impossibilidade de inter-relações ou de raças como instâncias distintas, impenetráveis e incomunicáveis — coisa que no Brasil é difícil de conceber, embora seja comumente referido —, mas considerando que “*os monopólios de violência física e dos meios econômicos de consumo e produção, sejam coordenados ou não, estão inseparavelmente interligados, sem que um deles jamais seja a base real e o outro meramente uma ‘superestrutura’*”.³⁵ E acreditando também que esses fatores são partes diversas que concorrem para a formação cultural brasileira, pela reciprocidade e não apenas pelos choques de antagonismos, já que padrões de comportamento são transmitidos não só de cima para baixo, mas, também, de acordo com a mudança, no centro de embate social, de baixo para cima. O caso do futebol, entre nós, é característico desse período, pelo que é semelhante ao sentido em andamento de possibilitar exercer escolhas, fato não muito usual entre nós, e que nos vai fazer, como diz DaMatta, “*exercitar a liberdade*”.³⁶

Portanto, embora esses choques façam-se presentes na nossa vida social, eles não devem ser remetidos diretamente a uma explicação simplista de conflitos entre raças — fato que animou muitos na discussão sobre o futebol brasileiro — mas, quem sabe, a uma diferença advinda de fases ou momentos culturalmente distintos vividos por grupos ou segmentos sociais e, ainda, de um descompasso de progresso técnico entre grupos populacionais. Essa perspectiva de distinção que apontamos aqui talvez nos explique melhor por que, no nosso futebol, a inclusão do negro ou, num sentido anteriormente apontado, dos *outsiders*, possibilitou a incorporação de um “q” de dança dionisiaca — mais irracional — que enriqueceu (ou seria melhor dizer “enlouqueceu”?) o jogo apolíneo dos ingleses.

Enlouqueceu mesmo e despertou a atenção da platéia para o espetáculo estético que era o futebol. Para além daquela visão com desdém dos remadores — e de muitos dos primeiros assistentes — em que o futebol era aquele esporte meio ridículo, onde 22 homens feitos, de calções compridos, corriam e pulavam como crianças atrás de uma

³⁵ ELIAS, N. O processo civilizador, p. 264, 2 v.

³⁶ DaMATTA, R. Universo do Futebol, p. 18.

bola; num outro instante e perspectiva, o futebol era visto, com seu jeito meio “mulato” de ser jogado, era visto pelo escritor Mário de Andrade, como uma “coisa lindíssima” e entre duas equipes em ação “...*que bailado magnífico um jogo de futebol! [...] Que saltos, que corridas elásticas!*” É ainda o grande escritor modernista que nos dá elementos para imaginar o que representava aquele jeito diferente de jogar futebol, aquele jogo meio “inventado” que ele bem percebia naquela oportunidade em que jogavam argentinos e brasileiros. Dizia ele: “*Havia umas rasteiras sutis, uns geitos sambísticos de enganar, tantas esperanças davam aqueles volteios rapidíssimos, uma coisa radiosa, pânica, cheia das mais sublimes promessas!...*”³⁷

Porém, se aquelas diferenças a que nos reportamos anteriormente podem ser vistas como aspectos da vida comum dos homens e, portanto, não podem ser pensadas como existentes apenas entre grupos distintos, mas também intragrupo, a explicação das diferenças no futebol brasileiro pela distinção de raça mais encobre do que revela as pluralidades vivas que se manifestam no fazer esportivo. Relações que se estabelecem em situações de proximidade e envolvimento, como aquela por que passava o time do Flamengo ainda nem bem terminada a primeira década do século XX, quando

*...os jogadores saíam uniformizados, praia do Flamengo abaixo, para a Glória, para o Russel. As travas das chuteiras rangendo na calçada, o barulho da bola batendo no chão, o time do Flamengo ia treinar, garotos de família, moleques, passavam a notícia de boca em boca. Quando os jogadores do Flamengo chegavam no Russell já encontrava gente esperando por eles.*³⁸

A popularização do futebol era cada vez mais evidente. Já não era, de forma alguma, o esporte que envolvia apenas os clubes fechados de imigrantes ingleses e seus descendentes. Estava também nas ruas, nas calçadas e nos colégios. Em uma crônica de memórias, Meyer relata o envolvimento dos garotos com o futebol, num colégio de padres onde fora educado. Diz ele:

³⁷ ANDRADE, M. Brasil-Argentina. In: PEDROSA, M. *Gol de letra*, p. 184.

³⁸ M. FILHO. op. cit., p. 23.

...Nos intervalos de cisma - gôlo! - ouvia vibrar o recreio com a gritaria do futebol. A um chute mais possante, voava a bolinha dura, retovada de couro, e uma penca de meninos, amontoando-se no rumo da trajetória, entre empurrões e trancos, abria cancha no meio do pátio...³⁹

Crescia o envolvimento da garotada, crescia o envolvimento dos “marmanjos” e cresciam os “marmanjos” nos jogos de bola. Jogos que causaram tanta indignação em setores da sociedade, que passaram a fazer até campanha contra o esporte. Vejamos bem, à medida que se popularizou, o futebol também sofreu restrições semelhantes a que sofrera a capoeira e o entrudo.⁴⁰ Médicos, higienistas, pedagogos e escritores, em alguns momentos, cerraram fila contra o “bolapé”. Fernando de Azevedo escreveu sobre as inconveniências desse esporte para a juventude, seus vícios e riscos, e Lima Barreto foi um que cravou inúmeras crônicas em jornais, marcadas por uma ferrenha crítica àqueles que gostavam do jogo de bola e ao próprio jogo, para ele também um vício de desocupados e o caminho daquele tipo de homem que tudo estuda e nada aprende.⁴¹ Criou-se até uma “Liga contra o futebol”, com o intuito de fazer emergir os problemas que esse esporte vinha causando à sociedade como um todo e aos indivíduos em particular.

Contudo, a despeito de toda crítica, dia a dia o futebol crescia em afeição, marcando um envolvimento cada vez maior da população com sua prática. Em São Paulo, ainda na segunda década deste século XX, já se reclamava pelos jornais a construção de um espaço capaz de reunir as multidões que se dirigiam aos campos nas tardes de futebol.⁴² E, no Rio de Janeiro, em 1910, um repórter de O Paiz assim descrevia o ambiente do jogo entre Fluminense e América:

³⁹ MEYER, A. Quê? Por quê? Pra quê? In: PEDROSA, M., op. cit., p. 139.

⁴⁰ Cf. PEDROSA, M. *Gol de Letra*, p. 19; SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*, cap. 1.

⁴¹ BARRETO, L. Herói. In: PEDROSA, M., op. cit., p. 61.

⁴² A esse respeito, conferir o texto de SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*, cap. 1.

*Deslumbrante o aspecto das vastas archibancadas do club campeão, hontem, cheia de 'miss' e de nossos gentis patricios que, com frenesi descostumado, applaudiam os lances da titânica peleja entre as adestradas e fortes 'equipes' [...] Dentre a assistência notava-se a palidez dos apaixonados, que, na incerteza da vitória de seu 'team', se emocionaram até a loucura...*⁴³

Não podemos deixar de anotar esse crescente envolvimento, marcado também por um comportamento diferenciado. As “miss” e os gentis patricios que se faziam presentes ao campo marcavam a consolidação de outros espaços onde a cidade se deixava envolver. Mas, também, chama a atenção para a presença que não era de mera contemplação. As pessoas estavam lá “*com frenesi desacostumado*” que causou a observação do repórter e, com a “*incerteza da vitória se emocionavam até a loucura*”. Ora, essa emoção que aquela “batalha” fazia emergir era algo extremamente novo para aqueles indivíduos ainda temporariamente tão próximos de um modo de vida mais centrado na relação familiar.

Talvez fossem esses espaços um dos poucos ambientes onde as moças podiam soltar seus gritos, ter desmaios e fazer gestos vários com menos censura. Aí podiam expor seu gosto crescente pelos banhos de sol, pela vida ao ar livre, os diversos encontros e desencontros e as crescentes interações que a cidade passa a propiciar com práticas como a do esporte.

Um outro aspecto desse processo de estruturação do futebol, na nossa sociedade, e do envolvimento e desenvolvimento de sua prática pode ser observado levando-se em consideração as mudanças e o modo de ser jogado o próprio jogo de um período para outro. O papel do jogador e seu posicionamento em campo sofreu, nesse percurso de tempo que separa a introdução do futebol entre nós e os dias atuais, uma diferenciação característica. De certa forma, a maneira de se colocar socialmente, sempre buscando papéis bem-definidos, tende a ser reproduzida no âmbito de um esporte coletivo como o futebol. A maior mobilidade do desempenho de funções dentro do campo de futebol é

⁴³ O Paiz. 01-08-1910.

uma conquista relativamente recente e demonstra, em certa medida, os diferentes papéis que o indivíduo passa a desempenhar para seu grupo ou equipe.

Nesse sentido, é interessante observar uma matéria publicada na Gazeta de Notícias de 30-05-1906, quando, ao comentar o jogo entre Bangu e Botafogo, o cronista, ao se reportar ao time do Bangu, sentia a necessidade de mostrar a dificuldade de jogo do time e por isso, *“antes de tudo, precisamos dizer que, sendo permitido ao capitain de um team mudar a collocação dos jogadores, não é de muito bom effeito isto fazer-se, porque prova que os jogadores não têm logares certos e nunca se poderão tornar bons jogadores”*.

Vale a pena notar também que a regra da *Association* permitia que atitudes como essas fossem adotadas, mas, para os próprios comentaristas e participantes das equipes, esse procedimento só deveria ser utilizado como um último recurso e no caso de *“se dar em um match um fato anormal”* e não se ter outra alternativa. Também na mesma matéria referida acima, o observador de A Gazeta recomenda ao “capitain” do time do Bangu que estude melhor o jogo de seus jogadores, porque, *“dando-se de novo essas mudanças continuamente, prova que não conhece o jogo de cada um ou é um máo capitain”*.

A dinâmica do esporte moderno, certamente, compreende essa capacidade de se reestruturar e demonstra o grau de evolução alcançado por um esporte. O futebol — mas não só ele — também nesse sentido, auxilia-nos na percepção das mudanças de papéis numa configuração. Estamos é falando de normas que, diferentemente das leis morais, são preceitos explícitos para indivíduos integrados em grupos limitados e que podem mudar de acordo com novos desenvolvimentos e experiências na sociedade. Por isso é que, seja no esporte ou no próprio “jogo social”, a idéia de normas pressupõe que *“um ser humano envolve-se a partir do exterior num jogo de comportamento com os outros e, justamente com eles [...] pode, conscientemente ou não, contribuir para uma mudança nas regras de acordo com as quais ele se joga”*.⁴⁴

O futebol também cometeu seus atos “antropofágicos”. Devorou o *cricket* no Brasil, primeiro entre os seus próprios abnegados — os ingleses e seus descendentes — e

⁴⁴ ELIAS, N. *A busca da excitação*, p. 156.

acabou por ocupar sua casa. Muitos campos de *cricket* foram aos poucos sendo readaptados para os jogos de futebol, como é o caso do campo do Paysandu, situado na Rua Guanabara e, segundo nota de jornal de 1906, “*achava-se atualmente em reparos, pois seus sócios até agora o tinham aproveitado para o jogo de cricket*”.⁴⁵ Fatos como esse demonstram que o gosto pelo futebol superou o envolvimento em outros esportes, mesmo entre seus criadores. Com isso, o futebol ocupou também as ruas, as calçadas, as várzeas e outros espaços abertos no meio urbano e, embora em 1921, Lima Barreto ainda o visse como “coisa inglesa” que serviu apenas para subestimar a “gente de cor”, esse esporte, esse “*jogo de conspícuas patadas em bolas*”, como chegara a denominar, tornara-se mulato e adquiriu uma certa improvisação, um feitiço, um método de jogo característico entre os brasileiros. Método que vai tornar diferente, distinto e vai distinguir. Distinto pela incorporação de um “molejo” característico do futebol praticado no Brasil e que distingue um Friedenreich, que incorpora o vocabulário do esporte a finta curta, ou um Leônidas, o Diamante Negro que, com bicicletas, encantou o mundo.

Na verdade, o que necessitamos averiguar, cada vez com maior profundidade, é esse crescente significado social do esporte e o sentido desse desenvolvimento. Perceber mais o esporte como um dos principais meios de identificação coletiva na nossa sociedade, um dos poucos elementos capazes de dar identidade a um grupo, uma cidade ou até um Estado. Além do mais, como um elemento capaz de dar sentido à vida de indivíduos cada vez mais voltados a viver por si.

⁴⁵ A Gazeta de Notícias, 19-04-1906.

CAPÍTULO V

5 CONCLUSÃO

“Digo: o real não está na
saída nem na chegada: ele se dispõe
para a gente é no meio da travessia.”
Guimarães Rosa.

Sem dúvida, a partir de meados do século XIX, a população brasileira, principalmente aquela que vive nos centros urbanos, convive com instantes de certa diversidade e transformações de alguns hábitos, pelo confronto com as culturas diferentes, o incremento da imigração e o fim do trabalho escravo, que deslocou um bom contingente de negros da zona rural para os centros urbanos. Toda essa mudança favoreceu a ampliação de ações no sentido de um redirecionamento ao estilo europeu de vida, tendo como centro não mais Portugal, mas a Inglaterra e a França. Quanto a isso, Gilberto Freyre anotou que, dos brasileiros dos últimos anos do Império e, principalmente,

... dos primeiros decênios do período republicano, alguns não se contentavam em parecer menos com os pais do tempo do Império do que com os contemporâneos dos grandes países industriais: pretendem parecer-se mais com os vindouros do que com os simples contemporâneos. As modas européias e anglo-americanas de traje e de esporte, as inovações pedagógicas, as novidades de técnica administrativa e de estilo literário são adotadas às vezes com exageros grotescos, no Brasil dos fins do século XIX e nos princípios do século XX, num como desejo que tivessem os místicos do progresso, então senhores de muitas responsabilidades de direção em nosso país, de se avantajarem aos povos progressistas por ele imitados, em aperfeiçoamento e em arrojo.¹

Ora, para nós, isso marca o início da assimilação de um estilo de vida que requer uma postura centrada na direção de um comportamento mais uniforme e mais comedido. Sentido de uma individualização característica das mudanças que eram gestadas no

¹ FREYRE, G. Ordem e progresso. p 61.

contexto da sociedade brasileira e que se mostra tanto no tipo de vestimenta masculina e feminina — usa-se muito veludo e tons cinza e preto — no estilo literário (o naturalismo, por exemplo) e na prática de passatempos esportivizados. Pensamos nesse processo de individualização e pensamos que a história que tratamos acontece num período de inundação por ondas de culturas de origens diversas. Por uma industrialização emergente e uma imigração neo-européia e japonesa (não esqueçamos deles nos anos iniciais do século XX) que constituem um dos fortes pontos de tensão e mudança. Esses fatores vão se materializar com os surgimentos de muitas e variadas ações não mais ligadas rigidamente ao poder patriarcal, como a mania de loterias, dos clubes elegantes ou esportivos, “*dos five-o-clock tea, das regatas, dos meetins,..., o desenvolvimento do foot-ball como jogo quase nacional, com características dionisiacas mais acentuadas que os apolíneos do jogo inglês; o aparecimento do voley-ball e do basket-ball.*”² Práticas que requerem atitudes e comportamentos diversificados e, no sentido que vimos dizendo, diferenciados.

Esse processo que toma impulso, entre nós, ao lado da crescente diferenciação, não deve aqui ser confundido com uma idéia de progresso como simples evolução, necessariamente identificada como melhor. Processo que se baseia também em padrões de comportamento que, num certo sentido, são cada vez mais expandidos para os vários e diferentes segmentos sociais. Isso porque o declínio da sociedade patriarcal, entre nós, fez surgir novas formas de relações societárias que se expressam em comportamentos que vão caracterizar um novo contexto inter-relacional.

Nessa direção, as ações como os esportes denotam a interpenetração de tempos sociais diversos, na medida em que, aliado a urbanização e favorecido por uma crescente diferenciação técnica, via meio de transportes, comunicação, etc. esse esporte possibilitou uma infiltração de caráter amplamente cultural e, de certa forma, não exclusivamente relacionada com as mudanças de regimes políticos ou de sistemas de trabalho.

Daí por que nossa ênfase num esforço civilizador que compreende a orientação para o urbano, não apenas como consequência de uma prática política elitista e

² FREYRE, G. Ordem e progresso. p. 136 e 137.

excludora, mas como seqüência de um processo que ocupa espaços diversos e que se materializa no sentido de uma crescente interdependência, que exige novas formas de relações societárias. É, portanto, nesse ambiente, onde os distintos e diferentes grupos se inter cruzam, que a elite dirigente busca, com mais ênfase, a adoção de comportamentos para se diferenciar. Sendo em alguns desses comportamentos, logo imitada pelas demais classes, o que a leva a elaborar novas atitudes, num processo que se diversifica, re-significa, diferencia ao mesmo tempo em que cria uma teia de interdependência e atinge os indivíduos não só em seus aspectos sociais, mas também em seu modo de comportar.

Por isso, à medida que, ao longo deste trabalho, falamos em individualização e interdependência, num sentido elisiano também tratamos de uma certa “intimidade”³ como que constituída pela percepção das diferenças, num sentido freyriano, num entendimento que surge como processos que se somam na definição de um sentido histórico para as relações sociais. Numa “intimidade” que não é mais aquela de “compadres”, quase parentes e ligados por laços familiares, mas de vizinhos que dividem espaços semelhantes e se inter cruzam constantemente. Acreditamos que aquelas formas civilizadas - e civilizadas porque impregnadas de um padrão de conduta específico — disseminaram-se pelas classes mais baixas, em ascensão, amalgamando-se com os padrões já adotados por estas. E, *“toda vez que isso acontecia, a conduta da classe superior e dos grupos em ascensão se interpenetrava”*,⁴ estabelecendo entre nós uma mobilidade — ou, poderíamos dizer, uma intimidade? — *“que favoreceu por um lado a ascensão de mestiços, mulatos e homens de cor a condição sociológica de brancos, e por outro a condição política de nobres, de comerciantes, industriais, artistas de origem obscura e de começos difíceis”*.⁵

³ Para Gilberto Freyre, “essas intimidades não as alcança apenas o estudo histórico ou sociológico; algumas delas só se abrem ao conhecimento ou ao estudo psicológico; várias só ao conhecimento poético, vizinho do cientificamente psicológico” (p 62).

⁴ ELIAS, N. Processo civilizador, p. 255.

⁵ FREYRE, G. Sobrados e mucambos, p. 279.

É na cidade que essas questões tomam sentido e significado mais pungente, que tentamos sempre aliar ao estudo do esporte. Ela promove a aproximação do que parecia separado. Aqueles que vinham, que eram por ela tragados, num momento em que as pessoas se sentiam mais destinados a viver por si, tinham lá também a possibilidade de aparecer, de se sentir vivo. Sentido que Lima Barreto expressou na fala do escrivão Isaias Caminha, quando este, decidido a ir para o Rio de Janeiro se perguntava atormentado:

*...Que faria lá, só, a contar com as minhas próprias forças?
Nada... havia de ser como uma palha no rodamoinho da vida - levado
daqui, tocado para ali, afinal engolido no sorvedouro...
ladrao...bêbado... tísico e quem sabe mais?⁶*

Cidade, segundo tentamos mostrar, que cresce e se transforma num Brasil que mudava política, cultural e socialmente. Cidade que transforma a todos em espectadores, pois é ela o lugar do espetáculo, do desfile ... o lugar de ver. É nesse sentido que realçamos o papel do esporte como uma ação que requer uma postura diferenciada e peculiar num sistema também renovado. No turfe, no remo, no ciclismo, nas lutas e no futebol, etc. vamos mesmo é buscar nosso reatamento no conflito cotidiano dos centros urbanos como o Rio de Janeiro.

Por aí é que tratamos da ação mimética do esporte onde não deve ser descartado o espectador esportivo como que carregado de emoção e, assim também aqui considerado como um esportista, pois que o prazer da observação não deve ser considerado como fator de segunda ordem. Por isso, os primeiros jogos de futebol ou as primeiras regatas embora não tenham contado com uma participação ampla e efetiva dos “outsiders”, certamente possibilitaram um enfrentamento que vinha das arquibancadas, dos muros ou dos morros e que fugiu à expectativa dos primeiros praticantes. Forjou um sentimento de grupo e comunitário poucas vezes experimentado. Isso porque o esporte é,

⁶ BARRETO, L. Recordações do escrivão Isaias Caminha, p.30.

como alguns estudos atestam, um daqueles elementos que dão sentido à vida dos homens modernos.⁷

Nesse sentido, James Hillman, ao tratar das cidades da América do Norte, anota três fatores fundamentais para a construção daquele sentimento de “comunidade”. São eles: o transporte público, a loja de departamentos e o time da cidade. Pois, “*se os dois primeiros, transporte público e lojas de departamento, incorporaram o mover e o encontrar dos corpos, o terceiro, o time da cidade, forjou o sentimento de guetos etnocentricamente separados e rivais num espírito de cidade*”.⁸

Nossa cidade do Rio de Janeiro, em vários aspectos diferentes daquelas, muito já demonstrou o papel do bonde como elemento de comunicação entre diferentes, de aproximação de contatos e de deslocamentos que favoreceu, de modo característico, o aparecimento de espaços e lugares urbanos. Além disso,

*...o bonde representou transigência considerável de uma situação como a brasileira, escravocrática e aristocrática, com o tempo social norte-americano ou anglo-americano, igualitária e nivelada de discrepâncias ostensivas entre os membros de uma comunidade. A estes o bonde veio impor - como aliás o trem - a igualdade na velocidade de transporte coletivo.*⁹

Se o bonde foi um ponto de contato favorável ao deslocamento para o centro da cidade de um contingente humano que se aglomerava nos arredores, o esporte foi, nesse contexto, uma nova forma de se ver e mostrar no espaço social de uma maneira muito mais cheia de contatos. O espaço do teatro ou o do cinematógrafo limitaram-se a um ambiente reduzido à possibilidade de participar do espetáculo. O esporte não. Mesmo que houvesse (e há) as repartições entre arquibancadas, gerais e cadeiras, etc., a presença do outro era constantemente percebida. As ações e emoções estavam lá, às vistas. Das

⁷ Ver, nesse sentido, obras como a de Elias e Dunning “A busca da excitação” e também James Hillman “Cidade e alma”.

⁸ HILLMAN, J. Cidade e alma, p. 76.

⁹ FREYRE, G. Ordem e progresso, p. 157. Ainda sobre o bonde, ver também a crônica “O bonde” de Olavo Bilac escrita em 1903. In: Crítica e fantasia, p. 203 -211.

primeiras vaias e xingamentos tão combatidos pelos jornais da época, como atitudes anti-esportivas tomadas por aqueles indivíduos “mal educados”, às torcidas organizadas de hoje, muito ainda temos que buscar para entender o que significou a introdução dos esportes, primeiramente como passatempos voltados para si e depois como associação ou como profissão, como ação voltada para o outro.

Portanto, se não uma conclusão, mas ao menos como um ponto com que este estudo buscou estabelecer relação, diz respeito a crescente inter-relação e interdependência que a prática dos esportes logrou aprofundar, em especial, no Rio de Janeiro da passagem do século XIX para o século XX. No Rio, podemos até apontar o que a reforma urbana de Pereira Passos poderia ter efetivado como alijamento das “classes perigosas” da nova cidade, práticas como a do esporte associado ao desenvolvimento técnico, refletido nos meios de transportes e comunicação, possibilitaram uma reaproximação sob outro aspecto muito mais “íntima”. Inclusive possibilitando ao cidadão de então experimentar o gosto do “pertencimento”. Afinal, os primeiros jogos de futebol entre paulistas e cariocas ou entre brasileiros e argentinos ou ingleses marcam bem esse sentimento de fazer parte, de compor e pertencer. Como fica claro na crônica “Assunto sério”, escrita por Gilberto Amado, em 1922 ao dizer que: *“realmente, afigura-se-me uma vergonha para a população da capital reconhecer-se e proclamar-se tão frequentemente em situação de absoluta inferioridade a São Paulo”*.¹⁰

Um outro aspecto que vale a pena ser ainda mencionado é o que trata das relações entre *established* e os *outsiders*.¹¹ Embora possa parecer que a ênfase tenha recaído naqueles *established*, quando se trata de esportes, nada do que aqui foi tratado teria sentido se não entrasse na análise a presença do “outro”. Daí por que consideramos os times e jogadores, o jogo, mas também tratamos do papel da torcida em alguns momentos. Considerando, inclusive que, se o esporte distinguia o *sportman* educado e fino nos seus gestos e atitudes de um público tachado de grosseiro e ignorante, ele, para

¹⁰ AMADO, G. Assunto sério. In: PEDROSA, M. Gol de letra, p. 161-164. Ver também, neste mesmo livro, a crônica “Brasil-Argentina” de Mário de Andrade, p. 182-184.

além de qualquer análise imediata, mostrou que os espectadores participavam ativamente dos jogos, dos páreos ou das regatas e com sua assistência participavam do processo, revoltando-se contra resultados pré-definidos (como várias vezes se viu nas corridas de cavalo), vaiando ou incentivando os jogadores (no futebol), ou criando seus próprios meios de se fazer presente no “tabuleiro de jogo”. Assim, à medida que “estavam fora”, os *outsiders* apreendiam as novas práticas e se tornavam atores, tomando parte da ação, seja nos clubes, nas praias, nas ruas ou calçadas.

Nesse sentido, o futebol é o nosso maior exemplo de participação no palco da cidade, onde mulatos e negros, como Friedenreich, Fausto ou Domingos da Guia, emergiram dando um feitiço dionisíaco ao geito apolíneo dos nossos primeiros jogadores de futebol. Além disso, fizemos questão de anotar que a própria dinâmica do esporte tende a mudar o contato entre as diferenças. Dos jogadores com posições rigidamente definidas dos primeiros jogos, ao jogo onde a troca de posições é quase uma exigência, há uma demonstração do papel do diálogo constante da ação no esporte e as relações sociais (vide a referência ao futebol no capítulo anterior). Ainda nesse contexto inter-relacional, um outro dado a que vale a pena fazer referência é que os *outsiders* não são aqui vistos como meros coadjuvantes, ou sujeitos que sofrem as consequências da ação das elites. Sabendo da condição de *outsiders*, esses segmentos se aproximam das novas práticas e re-significam a seu modo, a ação introduzida no contexto social. A consciência de *outsiders* é percebida no esporte com a criação de clubes nos mais variados recantos da cidade, pela ocupação dos morros, muros ou calçadas, como lugares adjacentes àqueles previamente destinados aos espectadores dos espetáculos esportivos e, principalmente, pela introdução de novos “tons” a um esporte recém-chegado ao Brasil recentemente republicano.

Nada disso diminui o esforço de nossas elites de “civilizar” um povo ainda muito preso a tradições que precisavam ser superadas, segundo alguns, pela imitação do gosto europeu. O que nos custou o gosto de civilizar à moda européia também nos aponta o

¹¹ Continuo usando a terminologia adotada por Elias, por considerar que os termos usados em português não satisfazem o sentido da relação apontada pelo autor e que buscamos estabelecer ao longo deste trabalho.

grande fôlego que os segmentos emergentes deram a construção das relações de comportamentos significativamente novos. Buscando, por meio de suas realizações pessoais — no caso no universo da ação esportiva — mostrar que são iguais ou até superiores aos primeiros praticantes, reordenando as suas práticas através de impulsos gerados socialmente e assim tornando a ação culturalmente transformadora, o que levou, de certo modo, que as interdependências se estreitassem num contingente populacional cada vez mais amplo. Daí por que não tratamos do esporte como mais um acessório. Tratamos sim, como um instrumento a que se deve imputar relevância sociológica e histórica e, além de tudo, que permite estabelecer relações esclarecedoras na ordem social brasileira.

É certo que este estudo apenas aponta tópicos acerca do significado da emoção e comportamentos emergentes na prática esportiva, mas busca também demonstrar que sua vivência permitiu uma diferenciação no sentido de um caráter marcadamente mais individualizado no decorrer do século XIX e início do século XX. E individualizado porque querido por sujeitos que passam a viver mais por si, mais distantes da vida centrada na família patriarcal — mesmo que ainda convivamos com muitos de seus aspectos — mais também, cada vez mais, inseridos em outros grupos.

É o esporte, portanto, promotor de configurações que permitem o entrechoque das diferenças, num “jogo” que torna possível expressar a diversidade. Pôr isso, é no campo do alargamento das configurações, que podemos visualizar melhor o espaço de interação que práticas como o esporte vieram animar entre nós. Isso porque, pelo que nos foi possível constatar, o esporte, com outros novos costumes, permitiu que relações se ampliassem e emoções diversas ganhassem o espaço da rua de uma maneira mais intensa. Se, por vezes, essa emoção explode em forma de violência; não será porque temos ainda que buscar entender melhor o quanto há de tensão nas nossas relações, o quanto há de “controle”, que carece de expressão, em ações significativas para aquele que vive entre milhões?

O que sobressai aqui é a vontade de participar que animava a já diversificada população urbana do Rio de Janeiro e que pode ser percebida em outras “praças”, mesmo que em tempos e espaços diferentes. Há a percepção de que ações miméticas, como o

esporte, permite um reagrupamento de relações sociais, crescentemente necessárias para a presença do indivíduo no grupo e para a própria sobrevivência do grupo. E muito do que aqui foi falado permite-nos ver o esforço que significou a introdução dos esportes no Brasil.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Livros e artigos.

- ARANTES, O. *O lugar da arquitetura depois dos modernos*. São Paulo: EDUSP, [19--].
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. RJ: Editora Guanabara, 1981.
- ASSIS, M. *Contos fluminenses*. São Paulo: Clube do Livro, 1959.
- _____. *A Semana (1895-1900)*. São Paulo: Ed. Mérito, [19--].
- AZEVEDO, A. *O cortiço*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.
- AZEVEDO, F. de. *Da educação física*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19_ _].
- BANDEIRA, M., ANDRADE, C. D. *Rio de Janeiro em prosa e verso*. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1965.
- BARRETO, Lima. *Vida urbana*. Artigos e crônicas. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1961.
- BEGUIN, F. As maquinarias inglesas do conforto. *Rev. Espaço e Debate*, n. 34, 1977.
- BILAC, O. *Ironia e piedade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.
- _____. *Crítica e fantasia*. Lisboa: Livraria Clássica. Ed. Lisboa, 1904.
- BRASIL. CONSTITUIÇÃO (1891). In: PORTO, W. C.(Coord.). *As constituições do Brasil*. Min. do Interior
- BRESCIANI, M. S. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no séc. xix) *Rev. Brasileira de História*, São Paulo, n.8/9, p. 35-68, 1984-1985.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975.
- CARVALHO, J. M. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CARVALHO, Lia do C. *Contribuição ao estudo das habitações populares: Rio de Janeiro: 1866-1906*. Rio de Janeiro: Sec. Municipal de Cultura, 1995.
- CASTRO, Marco de, MÁXIMO, J. *Gigantes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Lido, 1965.
- CAUQUELIN, A. *Ensaí de philosophie urbaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

- CERTEAU, M. A operação histórica. In: LE GOFF, J. *História: novos problemas*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CHARTIER, R. *A História cultural*. São Paulo: Bertrand.
- _____. A História hoje. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13. p 97 - 113, jan./jun. 1994.
- COLETÂNEA. *III Encontro Nacional da História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR, 1995.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- COUTINHO, Afrânio (Org.). *Raul Pompéia*. Crônicas 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 8 v.
- COUTINHO, E. *Zelins, Flamengo até morrer!* Rio de Janeiro:[s.n.] 1995.
- DaMATTA, R. et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 1994.
- _____. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. Mexico: FCE, 1995.
- _____. *O processo civilizador* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 1 v.
- _____. *A sociedade de corte*. Lisboa: Ed. Estampa, 1987.
- _____. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- _____. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- _____. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1995.
- FARIAS, Edson S. de . *O desfile e a cidade: o carnaval-espetáculo carioca*. 1995. IFCH/UNICAMP (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Campinas.
- FAUSTO, B. (Org.). *História geral da civilização brasileira*. Tomo III. O Brasil Republicano. São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

- FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*: uma introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. *Ordem e Progresso*. Tomo I, 3. Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1974.
- GIBSON, H. *Rio*. Nova York: Country Life Press, 1937.
- GOULART, J. A. *O cavalo na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Letras e Artes, 1964.
- GRACILIANO RAMOS. *Linhas tortas*. São Paulo: Liv. Martins Editora, [19--].
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HERSCHMANN, M. *Lance de sorte*: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca. Rio de Janeiro: Diadorim Ed., 1993.
- HOBSBAWM, E., RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOBSBAWM, E. *A era dos Impérios*. 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOLANDA, S. Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HOLANDA, S. B. de, CAMPOS, P. M. (Orgs.). *História geral da civilização brasileira*. Tomo II. O Brasil Monárquico. São Paulo: DIFEL, 1974.
- HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1994.
- LIMA JÚNIOR, C. B. *Baía de Vitória*: aspectos históricos e culturais. Vitória: FCAA/UFES, 1994.
- LUCENA, R. F. Anotações sobre o uso do documento no âmbito da Educação Física no Brasil. In: *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996.
- MALERBA, J. *A velha história*. Campinas: Papirus, 1996.
- MARTINS, L. *João do Rio* (uma antologia). Rio de Janeiro: Sabiá, [19--].
- MAXIMILIANO. *Viagem ao Brasil, nos anos 1815 a 1817*. 2. Ed. São Paulo: Cia ed. Nacional, 1958. Grandes formatos, 1 v.
- MÁXIMO, João. *João Saldanha*: sobre nuvens de fantasia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

- MELO, Victor A de . Cidade “sportiva” – o turfe e o remo no Rio de Janeiro(1849-1903). 1999, (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho.
- MENNELL, S. A globalização da sociedade humana como processo social a muito longo prazo: a teoria de Elias. In: FEATHERSTONE, M. (Coord.). *Cultura global. Nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MEZZADRI, F. M. (Org.). *Coletânea do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ponta Grossa: UEPG/DEF, 1994.
- MORENO, Andréa. Corpo e práticas corporais nas crônicas de Machado de Assis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11., 1999, Florianópolis. Anais do XI COMBRACE. Florianópolis: Fidene, 1999. v. 3, p. 1292-1298.
- PACHECO, R. *Os dias antigos*. Vitória: Edufes. Sec. Munic. de Cultura, 1998.
- PECHMAN, R. M. Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade. In: FERNANDES, A., GOMES, Marco Aurélio A. de F. *Cidade e história*. Salvador: UFBA; ANPUR, 1992.
- PEDROSA, M. *Gol de letra*. O futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Liv. Ed. Gol, 1967.
- POMPÉIA, R. *O Atrneu*. Crônica de saudades. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1970.
- PRADO Jr. Caio. *História econômica do Brasil*. 34. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PRONI, M. *Esporte espetáculo e futebol-empresa*. , 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade de Campinas.
- RENAULT, D. *O dia-a-dia do Rio de Janeiro, segundo os jornais*. 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- ROCHA, Oswaldo P. *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920*. Rio de Janeiro: Sec. Municipal de cultura, 1995.
- RODRIGUES FILHO, N. Lima Barreto: jogando contra o futebol. *Pesquisa de Campo*, n. 1, 1995.
- RODRIGUES, M. A et al. *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996.

- SAMARA, Eni de M. Famílias e cidades: espaços de sobrevivência e de sociabilidade no século XIX. In: História: Questões e Debates. Curitiba: APAH, v. 14, n. 26-27. P. 231-243, 1997.
- SENNETT, R. *Carne e pedra*. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Recod, 1997.
- SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. 3 v.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O G (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- SOARES, A J. G. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho.
- SOARES, A J G. , LOVISOLO, H R. O Futebol é fogo de palha: a 'profecia' de Graciliano Ramos. In: *Pesquisa de Campo* nº 5, p. 7-20, 1997.
- SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Autores Associados. 1998.
- SUSSEKIND, F. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- _____. *Cinematógrafo de letras*. São Paulo: Cia das Letras.
- VASCONCELLOS, J.G.M. (Org.). *Vitória*: Trajetória de uma cidade. Vitória: IHGES, 1993.
- VEYNE, P. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70.
- WAIZBORT, L. *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: EdUSP, 1999.
- WEBER, Max. Conceito e categoria da cidade In: VELHO, O G. *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1967.
- WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O G. *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1967.
- WITTER, J. S. *O que é futebol*. SP: Brasiliense, 1990.

Jornais e Revistas:

A Crença. Rio de Janeiro, 1887.

A Época. . Rio de Janeiro, 1888.

A Gazeta Operária. Rio de Janeiro, 1902.

A Nação. Rio de Janeiro, 1903.

A Semana. Rio de Janeiro, 1885, 1886, 1887, 1888.

Echos do Mar. Rio de Janeiro, 1909.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1906, 1907, 1908.

O Avante. Rio de Janeiro, 1904.

O Baluarte. Rio de Janeiro, 1910.

O Cabralista. Vitória, 1982.

O Combate. Rio de Janeiro, 1892.

O Paiz. Rio de Janeiro, 1899, 1903, 1904, 1906, 1907, 1910.

O Sport. Rio de Janeiro, 1887.

O Sportman. Rio de Janeiro, 1887.

Revista Chanaan. Vitória, 1936.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, 1884, 1885.

Revista Ilustrada Brasileira. Rio de Janeiro, 1902.

Revista Fon-Fon. Rio de Janeiro, 1930, 1931.

Revista da Semana. Rio de Janeiro, 1917.

Selecta. Rio de Janeiro, 1917.

Vida Capichaba. Vitória, 1924, 1928, 1929, 1930, 1931, 1936.

Vida Fluminense. Rio de Janeiro, 1889.